



sombra pela cintura



# LUANDINO POR RECONHECER



## UMA ENTREVISTA, ESTÓRIAS DISPERSAS, BIBLIOGRAFIA

“ Assinalando os 50 anos da publicação de Luuanda, este volume recolhe um conjunto de materiais importantes para o estudo da obra de Luandino Vieira que estavam dispersos e pouco acessíveis. ”





# **LUANDINO POR (RE)CONHECER**

**Uma entrevista, estórias dispersas, bibliografia**

Introdução, recolha e edição  
por Francisco Topa



sombra pela cintura

Capa de Helena Gaspar

Depósito legal  
382965/14

ISBN  
978-989-96206-9-8

A conclusão deste trabalho beneficiou do apoio da agência brasileira CAPES  
(Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior),  
através do Programa Professor Visitante do Exterior



## Índice

No (novo) novo tempo	5
<b>I.</b> Uma entrevista de 1961	11
<b>II.</b> Estórias dispersas	23
<i>1.ª canção do mar</i>	25
<i>Duas histórias de pequenos burgueses</i>	30
<i>Inglês à hora</i>	31
<i>O sábado, as raparigas e o gato</i>	36
<i>Cambuta</i>	42
<i>Os amores de Silva Chalado</i>	49
<i>Zé “Fintacai” Augusto</i>	57
<i>Meninos de musseque</i>	68
<i>Miúdo Camba</i>	77
<i>Os miúdos do Capitão Bento Abano</i>	86
<i>Meninos do musseque</i>	109
<i>Porquê o morcego come de noite</i>	123
<i>O usuku, kifumbe (fragmento)</i>	125
<i>Estória da baciazinha de quitaba</i>	131
<b>III.</b> Bibliografia de José Luandino Vieira	143



## No (novo) novo tempo

[...] quem que semeia vogais, colhe neologismos, é bem certo.  
Luandino Vieira

Neste nosso tempo de cultura comemorativa, é impossível deixar de notar os vários aniversários que se assinalam em 2014: no domínio da literatura angolana, passam os 50 anos da publicação de *Luuanda*, de Luandino Vieira; no plano sociopolítico, no que respeita ao contexto afrolusobrasileiro, passam duas datas de sinal contrário – os 50 anos do golpe militar no Brasil e os 40 da Revolução dos Cravos. A distância que nos separa desses acontecimentos já é considerável e, dado que são cada vez menos os que viveram em pleno o antes e o depois de cada um deles, o afastamento emocional vai-se acentuando também, o que tem vantagens (é um sinal de que as roturas estão consolidadas) e inconvenientes (a perda da memória acarreta quase sempre a repetição de erros). Uma forma possível de lidar com esta contradição – assinala-se, de forma mais ou menos festiva, aquilo que diz cada vez menos a um número progressivamente maior de pessoas – é encarar o período atual como um *novo novo tempo*: segundo cantava Ivan Lins em 1980, apesar de uma série de coisas, *estamos crescidos, estamos atentos, estamos mais vivos*.

No caso concreto da literatura angolana, este novo tempo novo permite-nos ver hoje aquilo que em 1964, aquando da publicação de *Luuanda*, mal se entrevia e, dez anos depois, com o 25 de Abril, estava ainda diluído num conjunto indefinido a que se começaria a chamar *literaturas africanas de expressão portuguesa*, a saber: uma literatura nacional razoavelmente consolidada, com o seu cânone e as suas instituições, que deixou de necessitar do apoio militante e/ou paternalista de outros países. Isso significa que há hoje condições para fazer aquilo que há 40 anos não havia tempo (nem interesse) para fazer: a (re)leitura paciente do que foi ficando para trás, a investigação de pormenor, os levantamentos bibliográficos, os estudos de receção.



É a esse espírito que este volume procura corresponder. Constituindo uma das iniciativas do colóquio *De 'Luanda' (1964) a Luandino (2014): verdades*, a ter lugar na Faculdade de Letras do Porto, entre 10 e 11 de novembro, recolhe um conjunto de materiais importantes para o estudo da obra de Luandino Vieira que estavam dispersos e pouco acessíveis.

O primeiro desses textos é uma entrevista publicada em março de 1961 no *Jornal de Angola*, conduzida por António Jacinto, que usa o pseudónimo de Orlando de Távora. Tomando como ponto de partida a edição de *A cidade e a infância* do ano anterior, a peça destaca-se pelo forte pendor autocrítico revelado pelo entrevistado, pelo balanço pouco otimista sobre o momento literário que se vivia em Angola e pelo desassombro com que são elencadas as medidas necessárias para corrigir a situação. Afirmo Luandino:

Enunciarei aquilo que penso ser essencial para um maior desenvolvimento literário, ainda que o saiba, no momento, utópico. Em primeiro lugar liberdade de expressão e imprensa; em segundo lugar e como consequência, uma tribuna livre onde se reunissem os trabalhos de todos os que por Angola fora, vêm criando isolados, obra literária; em terceiro lugar, reuniões periódicas (congressos ou o que lhes queiram chamar) para que todos os artistas pudessem, numa ampla e livre troca de impressões e experiências, assentar e definir as coordenadas válidas para uma literatura angolana; ainda, que os artistas não tivessem para o seu trabalho, de recorrer aos dias e noites de folga, sábados à tarde, etc., que lhes fossem postos à disposição os meios materiais para o reconhecimento directo da terra e dos seus problemas num útil alargamento do campo de experiência, isto é o reconhecimento da utilidade social do escritor.

O segundo conjunto é constituído por treze contos – ou estórias, como lhes passará a chamar depois o seu autor –, escritos entre os finais da década de 50 e os primeiros anos da seguinte e publicados em jornais, cadernos ou antologias, de Angola ou de Portugal, quase todos no início de 60. De um modo geral, situam-se naquela que será a linha dominante na obra do autor: apresentam-nos os pequenos dramas do quotidiano de personagens que sobrevivem – às vezes com um vitalismo que tem alguma coisa de pícaro – num mundo colonial marcado pela desigualdade e pela segregação racial e social. Essas personagens – em que dominam as crianças e as mulheres, mas em que surge também um ex-futebolista, um futuro ex-futebolista, um aprendiz de sapateiro e outras figuras de condição menos favorecida – estão quase sempre marcadas pela ameaça de uma agressão que, mesmo nos casos em que tem rosto, é antes de mais a ameaça de uma estrutura que as ultrapassa e que nem sempre veem. Nesse mundo difícil em que vivem, as fortes relações

comunitárias são elemento essencial para ultrapassar as dificuldades. Ainda que a brevidade do conto não permita aprofundar a análise social, Luandino Vieira tem o cuidado de sugerir que a violência sofrida pelas personagens é uma violência em cadeia: em «Miúdo Camba», a agressividade de sô Magalhães contra o jovem cauleiro branco é a reação confusa à hostilidade de um mundo que o condenou a ser taberneiro num bairro periférico em que os maximbombos tardam demasiado.

Deste conjunto principal de contos se afastam um pouco dois que foram publicados mais tarde, já depois da independência de Angola: «O usuku, kifumbe» e «Estória da baciazianha de quitaba». Ambos são dominados pelo motivo da resistência e da luta contra o colonizador, transmitindo através dos seus protagonistas uma mensagem de esperança.

Um grupo à parte é formado pelas *Duas histórias de pequenos burgueses*, publicadas em 1961 nos «Cadernos Imbondeiro». Na nota introdutória, o autor faz uma espécie de autocrítica, literária e sociopolítica:

Embora escritos aos 19 anos de idade e ressentindo-se, por isso, das deficiências impostas pela falta de experiência e maturidade no trabalho literário, não quis deixar passar esta oportunidade de os publicar. Eles representam para mim a expressão dum momento que atravessei e atravessaram os adolescentes da minha geração – melhor, da minha idade – perdidos nos quadros duma classe social cujas perspectivas já pressentiam ou sentiam ultrapassadas.

No primeiro conto, «Inglês à hora», é-nos apresentado um protagonista que aprende inglês e alemão com uma professora particular estrangeira cujo jogo de aparente sedução tenta acompanhar, ao mesmo tempo que sonha com a felicidade que encontrará noutro país. Significativamente, o texto que a explicadora lhe manda ler para a próxima sessão é «The Devil and Daniel Webster», um conto de 1936 de Stephen Vincent Bénéet que recria o mito de Fausto e o tema da venda da alma ao diabo. O segundo texto «O sábado, as raparigas e o gato» dá conta do desencontro e da indecisão de dois jovens que pretendiam encontrar-se com duas moças numa noite de sábado: como o gato branco que deles se aproxima e que se esconde quando sente a presença de cães, também eles são marcados por uma espécie de inação que sentem como cobardia. Este mundo branco, apresentado em estruturas narrativas que não são completamente convincentes, constitui uma possibilidade que Luandino Vieira não voltará a experimentar.

Outro caso isolado, e bem mais interessante, é a versão do conto popular «Porquê o morcego come de noite», publicado duas vezes em 1964: num registo linguístico que incorpora a vivacidade do português popular de Luanda, o autor faz da fábula um retrato da sociedade em que vive, apresentando o morcego como um exemplo do herói que consegue escapar à prepotência graças à esperteza e à manha.

Em forma de balanço, talvez possamos dizer que este *Luandino por (re)conhecer* não é ainda o melhor Luandino, o de *Luuanda e João Vêncio*, o de *Macamdumba* e dos mais recentes *O livro dos rios* e *O livro dos guerrilheiros*. Mais cronista do que ficcionista, vai fazendo experiências no domínio linguístico, mas não parece ainda preparado para fazer roturas nos modelos narrativos.

Seja como for, creio que se justifica o conhecimento e a releitura destes treze contos, que são aqui apresentados pela ordem em que foram publicados (a qual nem sempre coincide com a ordem de redação) e na forma em que foram dados ao prelo. Mantive a ortografia e a pontuação originais, evitando corrigir os aparentes lapsos. Alterei apenas a grafia *muceque* que surge num dos textos, convertendo-a na forma já à época mais corrente e preferida pelo autor. Qualquer outra intervenção será assinalada: tratar-se-á sempre de acréscimos, que estarão sinalizados por parêntesis retos. Eventuais lapsos do texto vão assinalados em nota de rodapé.

Três dos contos aqui reunidos apresentam uma particularidade curiosa que justifica também uma edição um pouco diferente: «Meninos de musseque», «Os miúdos do Capitão Bento Abano» e «Meninos do musseque» foram recuperados mais tarde, em 2003, no romance *Nosso musseque*. Para tornar visível o trabalho de reescrita de que todos foram objeto nessa integração, apresento no final de cada um, em rodapé, um confronto entre a primeira versão (conto) e a segunda (parte de romance). A chamada é feita por meio de nota, consistindo esta na apresentação do segmento que viria a ser reescrito, seguido de um meio colchete e da nova versão. Para evitar eventuais dificuldades de leitura, vejamos um exemplo de «Meninos de musseque»:

deu] começou dar

Trata-se de um dos casos mais simples e mais frequentes, em que uma forma (*deu*) foi substituída no romance de 2003 por outra (*começou dar*). Há muitos casos em que as transformações são mais profundas, incluindo supressão ou acréscimo de passagens, mudança de posição de segmentos tex-

tuais e modificação da pontuação. Em vez de recorrer à sinalética habitual da crítica genética, apresento todos esses casos de um modo simples: quando o método atrás referido não é suficiente, incluo observações da minha responsabilidade em itálico (para dar conta, por exemplo, de um parágrafo suprimido). Para além disso, uso o sinal § para indicar parágrafo e indico a passagem de uma palavra para a forma de itálico na versão do romance da seguinte maneira: / Espanhola *itálico* /.

Ao contrário da impressão que poderia resultar de uma leitura apressada, as alterações introduzidas nos textos em causa são bastante numerosas: 114 no primeiro caso, 381 no segundo e 237 no terceiro. Quanto à sua natureza, a diversidade é grande: pontuação e morfossintaxe são os casos mais frequentes, mas há também muitas ocorrências em que se verifica a supressão, o acréscimo ou a mudança de posição de palavras e segmentos textuais. Talvez possamos resumir as transformações da seguinte maneira: por um lado, há uma tendência para tornar o texto mais ‘enxuto’, eliminando vocábulos e expressões que não são estritamente necessários; por outro, acentuou-se aquilo a que poderíamos chamar uma angolanização da língua literária – mudanças vocabulares (*esquivar* por *esconder*, *pôr* por *contar*, *na zuna* por *a correr*, por exemplo), nas regências verbais (*entregar nas pessoas*, *andou escrever*), nas construções pronominais (*m’aldrabou-me*, *para lhe mudar*, em vez de *para mudá-la*).

Um quarto caso de reescrita é o do conto «Zé “Fintacai” Augusto», publicado em 1961 no *Jornal de Angola* e, mais tarde, na *Mensagem* da Casa dos Estudantes do Império. Aqui as alterações são em menor número (87) e quase sempre de pormenor (sobretudo de pontuação, mas também de vocabulário), mas há uma transformação mais ‘radical’: foi suprimida a parte final do conto em que se apresentava o reverso da glória do avançado-centro – uma lesão que ditará a interrupção precoce da carreira.

Para além de nos permitirem entrever alguma coisa da forma de trabalho de Luandino Vieira, estes quatro contos – sobretudo os três primeiros – revelam também o que, permanecendo embora, passou a ser diferente na sua escrita ao longo deste intervalo de pouco mais de quatro décadas.

Outro aspeto interessante que resulta da recuperação destas estórias dispersas tem a ver com os desenhos e ilustrações feitos por Luandino Vieira

para acompanhá-las. São sete no total e vão adiante reproduzidos, tornando assim mais visível uma faceta menos conhecida do autor.

O volume termina com uma tentativa, a primeira tanto quanto julgo saber, de sistematização da bibliografia de Luandino. Apesar do esforço colocado na sua elaboração, reconheço que ela está incompleta, sobretudo em duas vertentes: há com certeza mais edições angolanas do que aquelas que indico, mas não consegui aceder-lhes, nem fisicamente, nem por intermédio de catálogos; por outro lado, não foi possível verificar integralmente as informações relativas a algumas das traduções. Além disso, o autor terá seguramente traduzido mais textos e escrito mais prefácios do que aqueles que arrolo. O levantamento teria ficado mais incompleto sem a generosa colaboração de dois alunos do programa Erasmus, a quem aproveito para agradecer: Tatiana Kislova, da Goethe-Universität, e Adam Oravec, da Univerzita Komenského v Bratislave.

A apresentação das obras é feita de acordo com a data de publicação. A cada uma é atribuído um número de ordem, seguindo-se o título e, entre parêntesis, a indicação do tipo de texto (feita sem maiores preocupações de classificação genológica), o ano de escrita, quando conhecido, ou de publicação e ainda o(s) prémio(s) atribuídos. Tratando-se de um livro de contos, segue-se a indicação dos textos que o constituem, vindo depois a relação das edições nos três países de língua portuguesa onde a obra de Luandino tem sido publicada: Angola, Portugal e Brasil. No caso de algum dos textos do volume ter tido uma edição autónoma, surgirá também essa informação. Por último, indicarei, igualmente por ordem cronológica, as traduções – integrais ou parciais – de que a obra foi objeto. A listagem será acompanhada por algumas notas que esclarecem certos aspetos da por vezes conturbada vida editorial da obra de Luandino Vieira e pela reprodução de algumas das capas de edições menos conhecidas, entre as quais avultam as estrangeiras.

No momento em que termino este trabalho, resta-me agradecer a Luandino Vieira a autorização para o publicar e esperar que ele possa ser útil aos muitos e empenhados estudiosos da obra daquele que, mais que um clássico da literatura angolana, é simplesmente um clássico da literatura.

# I. **U**ma **e**ntrevista de 1961



*Jornal de Angola*. 15-III-1961, pp. 1 e 4.

**Conversa com o contista Luandino Vieira  
que afirmou estarmos a viver um momento de crise literária**

Orlando de Távora \*

Sobre inútil, afigura-se-nos ridículo o propósito despropositado de ignorar – ou fazer ignorados – os novos escritores angolanos.

Inútil porque, como diz o poeta,

quero cantar e cantarei  
toda esta humana ânsia louca  
a mão que me cerrar a boca  
não impedirá o canto que sei.

Ridículo... bem, ridículo porque todos nós, mesmo os que analfabetos somos, sabemos já distinguir a máscara da face, temos já uma noção muito avolumada do ridículo...

Vai para vinte anos que moramos no «Muceque Braga». Ali se processou a nossa adolescência enquanto outros viviam a sua infância. Ali se processava uma nova cidade. Ali se derrubavam cajueiros, ali se construía com nogueira vinda de fora, ali o velho Rascão erguia paredes e se embebedava, ali a velha Glória iniciava jovens. Ali era um mundo. Ali manuscrevemos o primeiro jornal, e o segundo e o terceiro, ali obrigámos os «garotos» a escrever, a desenhar, até a exercícios físicos! Daquela areia solta, daqueles pedaços de taberna descartada, daquelas piteiras feitas lixeira e tormenta, surgiu-nos um dia um ficcionista, um contista a construir solitário, com retalhos da sua vida, que eram retalhos da vida de todo um bairro, uma nova expres-

---

\* (Nota do Ed.) Pseudónimo de António Jacinto (\*1924 †1991).



são em que desde logo adivinhamos uma forma superior e directa de comunicação.

Tarde embora, um todo produto de experiência feito nos veio nesta segunda «A Cidade e a Infância». E mais este desejo premente de saber como pensam e trabalham os valores positivos deste «bairro», que por terem bem firme a beleza deste poema que vamos escrevendo de mãos dadas – a vida – ultrapassam o areal onde enterram os pés para se projectarem numa universalidade incontestada.

Daí o início de uma série de bate-papos, a que nos propomos, com alguns dos mais valorativos elementos do nosso meio intelectual e que ora iniciamos desta feita:

Está satisfeito com a publicação do seu livro de estreia? Como tem recebido a crítica que o mesmo tem merecido? Acha que os críticos têm razão ao anotarem quebras em «Companheiros» e «O Despertar» em relação ao conjunto?

Aí nos respondeu Luandino Vieira, em seu modo modesto, mas convicto da missão que lhe incumbe como escritor que é:

*– Satisfeito com a publicação estou. Impunha-se este movimento editorial, impunha-se esta possibilidade de publicarmos algo por nós conservado na gaveta, de desvendar a nossa voz silenciada. Isolados, num meio diferente, o núcleo reunido à volta da CEI sentiu a necessidade, perante as imposições do meio que o tentava assimilar, de reagir, exibindo a sua própria voz.*

E logo acrescentou:

*Com o livro não estou satisfeito. Originalmente constituído por dois cadernos (20 contos) foi constrangido que tive de fazer uma escolha tendo em mente não comprometer a colecção nascente. Logo esta limitação me fez eliminar três dos contos que considero mais representativos. Depois, mesmo nos seleccionados, houve que introduzir algumas alterações, chegando a amputar todo um capítulo ao conto que dá o nome ao livro, capítulo dos mais afirmativos porquanto definidor das relações raciais inter-adultos que, tratadas apenas no campo infantil ao longo dos contos publicados, levaram um crítico a tirar conclusões um pouco afastadas da verdade. Portanto, dessa selecção resultou o primeiro motivo de insatisfação. Mais: os contos publicados necessitavam uma cuidada revisão, que não fiz, e trabalhos como «O despertar», «A fronteira de asfalto», «Encontro de acaso», deviam ter sido retirados. Um livro apenas com os restantes teria sido mais definidor,*

*mais afirmativo. O principal motivo de insatisfação, agora ao lê-los em letra de forma, é ver que nem sempre a forma serviu o fundo. Um excessivo lirismo levou-me por vezes, a estabelecer de tal modo situações, que podem tirar-se conclusões erradas. Esse lirismo, essa poesia, parecem continuar a justificar a existência de certas situações. E como muito bem reparou crítico amigo, há falta de ficção, o material recolhido poderia ter sido mais trabalhado, deveria ter recriado a realidade em melhores termos de ficção. Não estou satisfeito. Isto no plano formal. Quanto ao tratamento do conteúdo, penso não ter atraído problemas, situações, personagens. Se na maior parte das vezes a conclusão não é positivamente construtiva, devo notar que, nos que em que [sic] isso sucede, há sempre uma atitude de revolta, muitas vezes inconsciente e mal dirigida – é verdade – mas considero como primeiro passo positivo a revolta do personagem ou sua adesão à revolta, mesmo com essas características.*

*A minha insatisfação é também devida ao facto de o ter publicado já muito tarde. Em 1957 tentei a publicação de um caderno com quatro contos sob o mesmo título – «A Cidade e a Infância» – mas foi posto fora do mercado.<sup>1</sup> Desse caderno constava um trabalho (A Morte de um Negro) que considero dos melhores que tenho feito e que pelo motivo já apontado acima, não foi desta vez, seleccionado. Devo, porém, tirar a lição de tudo isto... e guardar estes contos como material para um futuro romance sobre a nossa cidade no período 1940-1950.*

E de em seguida nos expressou a sua opinião sobre críticas.

*Só tive conhecimento de três críticas, por enquanto. A de E. Filipe em «ABC – Diário de Angola», a de F. Mourão para a «Vértice» e a de Lúcio da Câmara in «Balanço Literário Angolano de 1960», estas duas últimas ainda a publicar. De uma maneira geral, todos se referiram amigavelmente ao livro como uma estreia feliz. Estou bastante satisfeito com o tom e a construção dessas críticas em que se nota a preocupação constante de honestidade e objectividade. E Filipe foi mesmo à análise de conto por conto. Lúcio da Câmara tece-lhe elogios que acho exagerados. Destas críticas só lamento que incidam com mais insistência sobre as qualidades e tratem os defeitos muito por alto, quando o que necessito é precisamente o contrário. Além*

---

<sup>1</sup> (Nota do Ed.) Cf., no final do volume, o ponto 2. da Bibliografia de José Luandino Vieira (pp. 145-146).

*disso, ainda nenhum crítico desceu à análise detalhada da forma e seu conteúdo determinante. Espero que alguém, conhecedor dos problemas e situações, o faça. Creio estar aí o principal ponto de discussão do livro.*

*No que se refere a «O Despertar» acho que os críticos têm toda a razão. Trata-se de um conto inferior, em que se faz a apologia da coragem de estar só como meio de realização, portanto errado. Foi incluído por razões extra-literárias... O livro tinha poucas páginas! E foi assim que aquele conto de 1955 apareceu a fechar...*

*«Companheiros» é, quanto a mim, dos meus contos mais bem conseguidos. O tema foi-me ditado por uma local de «O Planalto», quando me encontrava em Nova Lisboa em serviço militar. Mais ou menos, referia-se ao excessivo número de ardinhas e engraxadores na cidade e preconizava o seu aproveitamento em criados. Não acho que represente quebra em relação a alguns outros. Formalmente consegui nele o que pretendia [sic]: economia sem prejudicar a compreensão. Tematicamente, como disse atrás, discordo da classificação de errado que lhe deu um crítico. A atitude de revolta ou adesão à revolta é um germen positivo num personagem. E que fim construtivo optimista poderia eu imaginar sem atraiçoar a realidade?*

Devidamente e conclusivamente elucidados sobre a obra publicada intentamos colher mais quanto poderia servir de experiência para outros jovens escritores. E inquirimos:

– Em que medida actua no seu trabalho a sua experiência de vida, e a cultura adquirida através de experiência alheia? Ao escrever teve o propósito de tomar uma orientação literária definida, ou apenas lembrar saudosa e poeticamente a cidade e a infância de então?

– *Penso que no meu trabalho literário actua toda a minha experiência de vida; que ele é produto consciente da cultura por mim adquirida (ou recusada) e que a experiência alheia me ajudou bastante a encontrar o caminho por que sigo. Consciente ou inconscientemente todos estes factores condicionam o meu trabalho e de uma maneira ou de outra o marcam. Como exemplo, quero apontar o facto de, desde 1957 a 1960, não ter escrito uma única linha, porque a partir de certa altura senti a exiguidade da minha experiência pessoal e uma diminuição dos quadros em que a minha vivência se processava. Isso, aliado à procura filosófica que empreendia, trouxeram-me o que pensei ser, em certa altura, a esterilidade literária. Mas essa crise passou e hoje reconheço que me encontro melhor apetrechado para*

*dar a realidade que me condiciona, que abarco e que pretendo interpretar no meu trabalho literário.*

*O meu processo é simples: recolha de material e subsequente trabalho sobre esse material. Isto é: de tudo quanto se passa à minha volta ou tenho conhecimento, tomo nota ou retenho na memória. Esses apontamentos, digamos assim, são sujeitos a análise, a interpretação. Muitas vezes um conto é-me sugerido por uma frase, um personagem, uma situação, uma simples notícia de jornal. Recolho então material, revejo pessoas, cenários, crio uma situação. Ou revejo uma situação e crio personagens. Isto dentro de mim por semanas, meses às vezes. O conto vai sendo criado dentro de mim. Escrevo-o depois pacientemente, impondo-o a mim mesmo ou então súbitamente ele surge, impõe-se abruptamente e todos aqueles pequenos elementos, todos os átomos da realidade que fui observando, que me foi dado conhecer, ou apenas aperceber, se apresentam num todo, me aparecem harmónica e logicamente encadeados. Depois é o mais difícil. É escrever sem me deixar dominar por esse quadro que se me apresenta, que me força. Mas mantê-lo sempre em tensão e retratá-lo com fluidez. Exemplifico: o conto «Companheiros» foi escrito pacientemente, impondo-o a mim mesmo, frase por frase; o conto «Marcelina» surgiu-me abruptamente e tive de fazer um grande esforço para não deixar que o assunto me dominasse.*

*Claro que esse quadro que construo ou se me impõe está, desde início, enraizado nos meus quadros mentais, a minha maneira de ver o mundo, as relações, etc. Essa posição determinante ideológica é anterior e posso mesmo dizer que actua subconscientemente.*

*Ao escrever os contos que compõem o livro tive sempre em mente a recriação ou descrição de uma dada época com as suas características próprias, a actuação de personagens definidos em meios determinantes e nunca uma catalogação poética e saudosa de uma infância. Se o saudosismo está patente, isso deve-se ao facto de ter escrito os contos sobre uma infância ainda muito próxima e quando as estruturas que a determinaram ruíram de um dia para o outro e me encontrei frente a novos mundos, novos problemas, que ainda não interpretava nem enfrentava com a consciência das suas determinantes. São contos da infância escritos por um adolescente frente à maturidade apercebida mas ainda não compreendida, se assim posso dizer.*

– Os movimentos «Vamos redescobrir Angola» e «Mensagem» tiveram alguma influência na sua formação e obra literária? E toda a outra literatura do tipo «concurso de literatura colonial» que se publicou e ainda se vem publicando?

– *Tomei conhecimento de ambos esses movimentos já muito tarde e nem sempre de uma maneira directa. Porém o contacto depois com elementos dos mesmos, em especial com um deles, a quem devo o início da minha formação literária, marcaram-me e devo reconhecer que, se ela se enquadra nos fins e meios preconizados por esses movimentos, isso foi devido a esse contacto pessoal.*

*A literatura do tipo «colonial» que ainda, infelizmente, se vem publicando, também ela é responsável pela minha obra: era perante a leitura dessa «literatura» que jurava a mim mesmo continuar a escrever na senda que escolhera... Ela dava-me aquela espécie de raiva necessária para o fortalecimento da vontade. Porém, o melhor é acabar com ela...*

– Que pensa do nosso actual momento literário? Que entende ser necessário para um maior desenvolvimento neste aspecto? Os conditionalismos muitos, que impendem sobre os nossos artistas poucos, serão capazes de impedir ou prejudicar a sua formação e a sua expressão?

– *O nosso momento literário actual é um momento de crise. Aparentemente de mais actividade que em períodos anteriores, mas não surgem valores comparáveis nem em qualidade nem em quantidade, aos que o «Movimento dos Novos Intelectuais de Angola» desvendou. Há mais actividade editorial, mas o que se vem publicando? Trabalhos antigos que esperavam no fundo da gaveta. Creio que esta crise está intimamente ligada a factores extra-literários. De há anos que se vem processando aquilo a que se pode por enquanto referir como alicerces de um estado de vivência futura, com as inevitáveis consequências que essa mutação traz atrás de si. Os artistas encontram-se perplexos perante a situação. Não tenho conhecimento de nenhum que tenha já acertado o passo com o momento que vive e que, interpretando-o, o projecte para o futuro. Estamos todos agarrados a um passado recente, mas já morto e nenhum começou ainda a trilhar na literatura o caminho que já se define nas situações que anunciam esse estado de vivência, determinantes por isso de outro tipo de literatura.*

*Enunciarei aquilo que penso ser essencial para um maior desenvolvimento literário, ainda que o saiba, no momento, utópico. Em primeiro lugar*

*liberdade de expressão e imprensa; em segundo lugar e como consequência, uma tribuna livre onde se reunissem os trabalhos de todos os que por Angola fora, vêm criando isolados, obra literária; em terceiro lugar, reuniões periódicas (congressos ou o que lhe queiram chamar) para que todos os artistas pudessem, numa ampla e livre troca de impressões e experiências, assentar e definir as coordenadas válidas para uma literatura angolana; ainda, que os artistas não tivessem para o seu trabalho, de recorrer aos dias e noites de folga, sábados à tarde, etc., que lhes fossem postos à disposição os meios materiais para o reconhecimento directo da terra e dos seus problemas num útil alargamento do campo de experiência, isto é o reconhecimento da utilidade social do escritor.*



Retrato de Luandino Vieira feito por Eduardo Castelbranco  
que acompanhava a entrevista no *Jornal de Angola*

*Os condicionalismos não só são capazes de prejudicar ou impedir a formação dos nossos artistas, como o vêm fazendo já. O que é preciso, antes que sejam facultadas as soluções que enunciei e que os condicionalismos consigam o que se propõem, é que cada um tome consciência deles, que cada um reaja contra tudo que pretender prejudicar ou impedir a sua formação e expressão e que faça desses mesmos condicionalismos motivo de cria-*

*ção, para que, ao menos, deste período difícil para a nossa literatura fique o seu retrato fiel.*

– Acha que os novos artistas angolanos estão já bem integrados num conteúdo a transmitir como mensagem consciencializada? Em que medida encontraram já a expressão para esse mesmo conteúdo? Estão correspondendo às responsabilidades que, por provas dadas, criaram já para consigo, para com os leitores, para com a literatura desta terra?

*– Dos que conheço acho que sim, embora a sua obra o negue, de uma maneira geral. Todos os que conheço têm, em maior ou menor grau, consciência do conteúdo a transmitir, embora escorados em argumentação especialmente do tipo pessoal, se recusem a essa obra de transmissão.*

*A maioria nega-se a fazer desse conteúdo a razão da sua obra. Os condicionalismos referidos servem-lhes de justificação, mas parece não ser a atitude a tomar. Se é verdade que das atitudes quixotescas só aproveitam os moinhos de vento, também não é menos verdade que de um estudo consciente das situações, de uma procura inteligente das razões determinantes dos condicionalismos, se pode depois partir para uma obra que exprima, mesmo só em certa medida, essa mensagem consciencializada, ou pelo menos, a alienação de a não poder transmitir.*

*Poucos ou nenhuns artistas angolanos estão correspondendo às responsabilidades que lhe[s] cabem como artistas, para consigo próprios ou mesmo para com as responsabilidades já criadas para com leitores e a literatura da terra. Do grupo da «Mensagem» só Mário António continua proficua-mente a produzir. Poderá dizer-se que o que tem produzido e publicado corresponda àquilo que enunciou como «integrado num conteúdo a transmitir como mensagem consciencializada»? Não, em minha opinião. António Jacinto passou para o jornalismo onde está actuando no esforço de criação de um jornalismo de nova dimensão desmistificadora, mas não posso considerar isso como correspondência às responsabilidades criadas. Viriato e Agostinho silenciaram. Leston, Maurício e Silvan, «desapareceram». Tomás Jorge é esporádico. Dos mais novos não me parece ter surgido alguma revelação encorajadora.*

E a terminar, sugere:

*– Impõe-se por isso que todos os que já têm uma responsabilidade criada para com os leitores e a literatura da terra e os outros que a têm só para consigo próprios – o que não é menos importante – revejam a sua posição e*

*acertem o passo com o momento que a terra vive e lhe dêem a literatura que esse momento determina, justifica e exige.*

Eis públicamente revelado o autor de «A Cidade e a Infância». Nesta emergência preferimos ouvir a voz do escritor do que fazer ouvir a nossa. Entretanto, desde já propomos, depois de ouvir outros intelectuais, a expressão das nossas conclusões ante os problemas fundamentais aqui expressos ou esboçados.

## RETRATO

### LUANDINO VIEIRA

nasceu a 4 de Maio de 1935

profissão: empregado comercial

Publicou:

«**A Cidade e a Infância**» – caderno de 4 contos (fora do mercado) em 1957

«**A Cidade e a Infância**» – 1960 – contos – edição CEI.

Trabalha actualmente num conjunto de 4 contos para publicação em caderno «Imbondeiro», no argumento e planificação de um filme a fazer em 16 mm sobre o poema «Namoro» de Viriato Cruz e na recolha de material para o 1.º romance («**Areia vermelha**», título provisório). Vários contos a publicar.

Colaboração em:

«**O Estudante**» – Liceu N. Salvador Correia, «**ABC**», «**Cultura**» e «**Jornal de Angola**», todos de Luanda;

«**Mensagem**» – órgão da CEI – Lisboa;

«**D. Quixote**» – Évora;

«**Vuelvo**» – Buenos Aires.

Representado na colectânea de Poetas angolanos e na colectânea de Contistas Angolanos da CEI.





## II. **E**stórias **d**ispersos



Benúdia – *Dumba e a bangala*; Arnaldo Santos – *Uíge*; António Cardoso – *São Paulo*; Luandino Vieira – *1.<sup>a</sup> canção do mar*. Sá da Bandeira: Imbondeiro, 1961. (Col. Imbondeiro; 14).

## 1.<sup>a</sup> CANÇÃO DO MAR

Toda a gente da Ilha sabe a história da Zefa. Gente da Ilha é aquele povo pescador, filho de pescador, neto de pescador, gastando a vida sem esperança nas lutas contra as calemas e os grandes peixes que Matalalombo manda.

Aquele povo pescador de tronco forte e salgado, as pernas cingidas pelo pano riscado, correndo a cidade com os pés grandes, as garopas e cachuchos – peixe fino, peixe de branco – enchendo as sembas. Batendo discretamente às portas

– Garopa m’ nha senhora!

Gente da Ilha, da Senhora do Cabo e do padre Filipe. Ilha da Zefa e do Tubarão.

Mas esta história foi no tempo em que a ilha era só de pescadores, do mar e dos coqueiros. Ainda não havia as casas fim-de-semana dos senhores ricos da cidade, protestando contra o cheiro das cubatas e do peixe, protestando contra os malandros que passavam nas praias junto às meninas morenas seminuas e rindo, trocavam comentários.

Meninas morenas de maiôs de cores berrantes como os desejos que lhes corriam na pele e que afogavam nas mãos dos namorados, dentro da água calma da baía. Meninas de corpos já percorridos, metidos em maiôs de cores berrantes e armações de arame que mantinham firmes os seios já lassos.

Meninas morenas que miravam com mal disfarçado interesse os músculos possantes dos pescadores passando junto à praia, chimbicando as canoas, dizendo

– Garopa m’ nha senhora!

Não, naquele tempo a ilha era ainda das noites de festa, de amores na areia, a ilha do Padre Filipe e da Nossa Senhora do Cabo! Era a ilha do Tuba-

rão e da Zefa.

Hoje ainda sabem a história deles, porque é a história do amor e da valentia. E os meninos nus à sombra dos coqueiros depois do banho falam do Tubarão. Ainda na memória das gentes da Ilha, da Samba, da Boavista, dos musseques, a história do amor forte como a calema, da Zefa da Ilha.

A mim quem me contou foi a Don'Ana do Bairro Operário. Ela já me contou tanta história!

Zefa tinha dentes brancos como as conchas, o corpo forte tinha a arrogância da proa dos navios. Tubarão era pescador, não temia a calema, não temia nada. Um dia quando a canoa virou, ele caiu à água e lutou com um tubarão só com a sua faca. Foi ali na Boavista, junto a um batelão afundado que isso se passou. Todo o povo veio ver.

Viu Zefa pela primeira vez na praia, quando ela apanhava mabangas. Tubarão olhou-a e pensou que ela tinha de ser dele. Outubro estava a acabar. Novembro vinha e vinha a festa da Senhora do Cabo. Havia de ser na festa da Senhora do Cabo! Para essa festa vem toda a gente negra e mulata dos musseques, da Samba, da Boavista, todo o povo vem celebrar a festa. Há vinho e maruvo de palmeira e danças. Pancadarias. Rixas. Bebedeiras curadas pela noite, na praia.

Nessa festa Tubarão encontrou Zefa. E Zefa deu-se na dança. Deu-se no maruvo, deu-se depois na praia e ficou para sempre com o Tubarão.

Zefa do corpo forte e arrogante de seios esticados foi do Tubarão pescador valente, que desafiava o mar nos dias de calema, que arrastava na cidade o seu destino acorrentado de pescador, batendo discretamente às portas, a semba na mão

– Garopa m'nha senhora!

Don'Ana é que sabe contar bem a história. Com poesia. Tem poesia na maneira rude do amor deles. Da Zefa que usava faca para manter os brancos das lojas que a apalpavam pelos cantos. Don'Ana diz mesmo que o Tubarão estava perto um dia e o branco levou pancada com o rabo de raia, que até parecia cão. Gania, gania e rojava-se aos pés dele.

E isto porque Zefa tinha dentes brancos como o coco, andava como o mar na areia e ria nas suas gargalhadas o farfalhar do vento nos coqueiros. Estava no sangue.

Aquelas noites de luar, quando ela fugia pela areia e ele corria, corria até cansar; depois os dois amavam-se no velho barco abandonado, que apodrecia na praia.

Mas um dia Tubarão apareceu triste e nunca mais amou Zefa na areia, nos barcos abandonados, não mais ameaçou os brancos com o rabo de raia.

Zefa foi ao quimbanda no musseque e ele deu um feitiço para prender o Tubarão. Mas nada, não pegou.

Havia as grandes calemas lambendo a ilha. Tubarão não ia para o mar, só pescava mesmo nos dias de calmaria. Depois, a semba com duas ou três garopas ou cachuchos, mesmo pargos, a canoa atravessando a baía, descia nas Portas do Mar. O mesmo caminho de sempre, de porta em porta até chegar a casa daquela senhora mulata que usava brincos de fantasia e olhava o pescador com o desejo do corpo todo nos olhos. Ficava a olhar para ela com medo.

Sim, Tubarão tinha medo ali. Se fosse na Ilha ele a perseguiria, a derrubaria na praia, se fosse preciso bateria com o rabo de raia. Se ela não quisesse. Mas ali, as casas dos brancos, o asfalto dos brancos rodeando-o, ele sentia medo. E a senhora mulata compreendia e fremia. Sorria os dentes brancos, os brincos de fantasia brilhavam e a pele chocolate incendiava-se de desejo pelo corpo forte dele. O branco dava-lhe tudo. O branco passeava-lhe o corpo com as mãos que sabiam os segredos do amor. O branco sabia todos os segredos do amor. A voz do branco sabia dizer as coisas com o calor que lhe faltava no corpo.

Tubarão olhava, olhava, enquanto mexia nas garopas, nos pargos. Mas ali não tinha coragem. Ah! Aquela mulata que não largava o seu coração, que não largava o seu corpo, que o fazia esquecer o corpo negro e forte de Zefa que todas as noites esperava o amor de antigamente!

Ah! Aquela mulata: Se ela fosse na Ilha havia de ser dele e depois mata-a. Matava-a para não ser de mais ninguém. Para aquele olhar não sorrir para mais brancos com dinheiro, mulatos conversadores ou negros fortes.

Ninguém!

E a mulata ria, a mulata encostava-se, a mulata apalpava-lhe os músculos fortes, mas havia a presença das coisas brancas, casas de brancos, ruas de brancos, sempre a lembrar-lhe que era negro.

Ah! Se fosse na Ilha!

Por isso andava triste. As outras raparigas riam da Zefa que já não tinha o amor que elas invejavam. Já não tinha as noites nos barcos abandonados. O corpo perdia a arrogância, os dentes perdiam o brilho.

Os malandros riam quando passavam por ela e faziam convites.

Seria que o seu corpo não chamava mais o Tubarão? Seria que já não tinha cheiro a sal, a mar, a sol?

O Tubarão gostava de outra. Gostava de outra. Tubarão gostava de outra!

Zefa foi à cidade, correu os mesmos caminhos do seu homem, mas ninguém sabia. As manas peixeiras não sabiam, não tinham visto. As manas lavadeiras riam dela sem o seu amor.

Zefa chorou.

Tubarão sempre só, repelindo-a, dentro dele a crescer a paixão pelo corpo daquela mulata senhora, de brincos de fantasia, que tinha o desejo à flor da pele. Insultando-se do medo que sentia no meio das casas dos brancos. Medo que o tolhia, medo que ela via e ria, ria e os dentes eram mais brancos que os de Zefa.

Zefa soube um dia. Esperou o Tubarão, ao sol-pôr, a canoa vindo pela baía, a maré cheia, a figura do seu homem cortando a luz do fim da tarde.

De noite ela deitou-se junto dele, chegou-se a ele, encostou a ele o corpo novo que cheirava a perfume de branca – ela tinha comprado na loja – o corpo que tinha as ondulações que o mar com a calema tem.

Tubarão sentia-a, sentia-a, mas não a via. A mulata dos brincos, a mulata dos lábios vermelhos de baton, a mulata senhora estava deitada junto dele. Tinha os dentes mais brancos que Zefa. O corpo era perfumado – perfume de branca – não tinha aquele cheiro a sal e a peixe. Pegou em Zefa e afastou-se na praia para o barco abandonado.

A noite era escura. Gemeram na noite as tábuas carcomidas do velho barco. Mas Zefa sabia, Zefa sentia que não era dele. Que já não o chamava. Que o seu corpo já não lhe falava.

Era a outra que ele possuía no seu corpo. A mulata. Os brincos de fantasia, a mulata que ria do receio dele, de semba na mão, batendo discretamente

– Garopa m’ nha senhora!

Zefa usava faca. Para se defender dos brancos da loja. Zefa usava navalha e o Tubarão deixou correr o sangue do peito largo como o convés duma traíneira, deixou-o correr para o mar.

A navalha caiu com o corpo negro do pescador Tubarão que era valente, nas águas calmas, nas águas sem fim da baía de Luanda. Águas que contaram logo à Samba e à Boavista e até aos pescadores das ilhas verdes do mar de Belas, a história de amor da Zefa da Ilha e do pescador Tubarão.

O corpo dele desapareceu. O mar encapelou-se. Levantou-se vento. Os coqueiros choraram o homem do seu amor.

E dizem que Matalombo abriu as águas para que o corpo da Zefa da Ilha, o corpo forte que tinha a arrogância da proa de navio, de seios duros e tesos, se afundasse sem ruído atrás do seu homem.

Esta história toda a gente da ilha sabe ainda.

Mas a história é de quando a Ilha era de pescadores e coqueiros. Quando não havia as casas fim de semana dos senhores ricos da cidade. Quando não havia as meninas de maiôs coloridos que afogam os seus desejos de posse na areia e em barcos abandonados ao luar, nas mãos dos namorados e olham com mal disfarçado interesse as figuras fortes dos pescadores chimbicando junto à praia.

*Luanda, 22 de Dezembro de 1956*



*Duas Histórias de Pequenos Burgueses*. Sá da Bandeira: Imbondeiro, 1961. (Col. Imbondeiro; 23).

*Resumo neste caderno dois contos sob o título genérico de «Duas Histórias de Pequenos Burgueses». Embora escritos aos 19 anos de idade e ressentindo-se, por isso, das deficiências impostas pela falta de experiência e maturidade no trabalho literário, não quis deixar passar esta oportunidade de os publicar. Eles representam para mim a expressão dum momento que atravessei e atravessaram os adolescentes da minha geração – melhor, da minha idade – perdidos nos quadros duma classe social cujas perspectivas já pressentiam ou sentiam ultrapassadas.*

*Por razões alheias a esses próprios adolescentes, a maioria não venceu essa barreira. Encontro-os todos os dias tentando furar, vencer na vida, passar para cima, despersonalizando-se, apersonalizando-se, vendendo-se. Porém, os poucos que o conseguiram e que hoje, de coração aberto, vão no surto progressivo da participação no erguer do futuro da nossa terra, obrigam-me a publicar estes contos que procuram reflectir os maus tempos e caminhos que trilhámos.*

*O pequeno-burguês será, em breve, um animal pré-histórico.*

L. V.

## INGLÊS À HORA

– Boa noite!

– Boa noite, Sr. Lima.

Cá fora ia ficando escuro. No retângulo de luz que se recortava na porta aberta, ela pareceu-lhe uma deusa. Efeitos da luz que lhe batia por detrás e dava uma luminosidade falsa à ponta dos cabelos, que a punha num delicioso claro-escuro. Apertaram as mãos. Mão vulgar a dela, fria, delgada, um pouco áspera. Para ele ferro em brasa que o queimou.

– Sente-se. Hoje é alemão, não é?

– Não, não. Hoje é inglês...

– Ah!

Enganava-se quase sempre. Fazia parte do jogo. Depois do engano, banhava-o com um sorriso e ele sorria também. Ela recostou-se na cadeira, cruzou as pernas, mostrou o princípio das coxas, acendeu um cigarro. Fumo. Deliciosa, pensou ele. Tanto tempo tinha sonhado com esta situação: uma mulher bela, um duelo de palavras. Mas ela atirou-lhe de leve, como num beijo, uma baforada de fumo de tabaco, hálito e partículas de saliva. Não suportava o cheiro do tabaco, mas sorriu. Um sorriso não correspondido. Baque no coração.

– Bem, hoje temos...

– Trouxe este livro de contos...

– Oh! bom. *Short stories*. Bom, vamos ler.

Ele abriu o livro, ela chegou-se para a frente e, inclinando-se, mostrou os seios. Púdicamente, pôs depois a mão sobre o decote. Oferecia e negava. Ela olhava-o um pouco confusa, mas sorriu depois. Levantando os olhos, sorriu-lhe e disse:

– Leia o primeiro conto. «The Killers» de Hemingway.

Começou a ler, um pouco hesitante.

«*The door of Henry's lunchroom opened and two men come in...*»

– Camein!

– Came in!

– Muito bem.

Continuou a ler. O seu cérebro voara para longe. Eram assim as estrangeiras. Como eram diferentes! Ah! Em breve estaria no meio delas, passeando a sua cútis escura queimada de África, numa Europa branca de leite. E teria mulheres... que vida! Esta falta de perspectivas. Sempre a mesma coisa: o cinema, as matinées, as meninas com quem não se podia passar o tempo, sempre com medo das mães! Mas não ficaria ali, não. Embora a cidade crescesse e modificasse a sua fisionomia diàriamente. O estrangeiro, a vida livre e fácil que os filmes reflectiam.

Os olhos desviavam-se, por fracções de segundo, do livro para o princípio das coxas brancas que ela mostrava. Ela notava isso e interiormente divertia-se. Divertia-se à custa da borboleta à volta da luz.

– [«]Got anything to drink?» Al asked.

«*Silver beer, bevo, ginger-ale*» George said.

«*I mean you got anything to drink*».

De súbito sentiu sobre ele dois olhos. Parou a leitura e levantou o olhar das páginas para o rosto dela. Com o queixo apoiado nas mãos, os cotovelos na mesa, ela fitava-o. Os seus olhos tinham um brilho não usual. Líquidos de fogo. Ele fixou-os, mas o autodomínio abandonou-o e sentiu a vermelhidão do rosto. O olhar dela cada vez mais líquido e ardente perturbava-o. E ele ia cair na armadilha, mas notou por entre tudo o que o olhar dela prometia e dizia, uma expressão leve de humorismo. Na posição dos lábios. Era isso: ironia. Ironia leve, mas que ele, sempre em defesa, notou. Então baixou os olhos novamente para o livro. Tinha perdido uma boa oportunidade, mas, havia tempo. Depois, bem longe, onde ele pudesse ter um apartamento, onde a lembrança do pai comerciante atrás do balcão só chegasse pelo correio. Onde os encontros com moços inteligentes e livres...

Como eram provincianas as moças desta cidade!

«*You are a pretty bright boy, aren't you...*»

Como Hemingway adivinhava! Sim, ele era um rapazinho espertinho. Como fugira no momento oportuno! Se a tivesse beijado, não diria nada. Gostaria até. As desculpas partiriam dele...

Mas talvez perdesse o aparente domínio, e depois?..

– Stop, você já está a ler muito bem. Sabe tudo...

Sorriso dele. Sorriso correspondido. As pernas, debaixo da mesa, tocaram-se e encostaram-se. Rápidos, os seus pensamentos saltaram. Retirar? Deixar ficar? Tímida? Impertinente?

Mas ela tomara a iniciativa e retirara as pernas. Baixou os olhos sobre o livro. Estava perturbado. Sentiu a mão dela sobre a dele. Levantou os olhos. Não havia dúvidas, era um provinciano. Ah, como gostaria de proceder como nos filmes, nos livros, como via aquele seu amigo que estudara na África do Sul...



Ilustração de Luandino Vieira para a edição original

– Desculpe, posso ver o livro?...

Tirou o livro e folheou-o. Realmente o rapaz era espertinho, não conseguia atinar com o jogo dele. Seria mesmo tímido? Ou era esse o seu jogo?

Nesse caso teria de mudar, a iniciativa devia partir dela. Talvez um jogo mais aberto...

– Sabe, o meu marido não sabe inglês. Não sabe nada. Nem me deixa jogar ténis com as minhas amigas. Sabe jogar ténis?

– Não...

Ainda não tinha acabado de falar e já estava arrependido. O ténis era a outra disciplina que estudava. Por isso se fizera sócio do clube, custara um pouco, foi precisa a ajuda e recomendação do amigo da África do Sul, porque o clube não era aberto a todos. Mas não queria ir para o estrangeiro sem saber falar a língua e jogar ténis.

Olhou-o. Notou um leve desprezo nos lábios dela. Mas porquê aquilo do marido? Estaria ela a fazer jogo claro, ou seria outra inconsciência?...

– Leia mais um bocadinho.

Ele recomeçou:

*«I'm going to get out of this town» Nick said.*

*«Yes» said George. «That's a good thing to do».*

Sim, o melhor é ir-me embora, senão perco a cabeça. Que quererá ela dizer com aquela conversa do marido? O meu marido... Era isso, oferecia e negava. Negava e oferecia. Era o seu jogo. Jogo um pouco perigoso porque oferecia tanto como negava.

– No próximo dia você tem outro conto: «The Devil and Daniel Webster».

Portanto, no próximo dia seria o Diabo... Ela olhava-o com o mesmo sorriso luminoso, trocista, cheio de sensualidade. Entreabriu os lábios, uns lábios grossos, sensuais. Fechou os olhos. Depois, abriu-os e sorriu. Ele não teve coragem... Mas talvez no próximo dia...

– ... «O Diabo e Daniel Webster» – disse ela.

Sim, o Diabo... Talvez o Diabo e Sr. Lima!

– Boa noite, Sr. Lima!

– Boa noite...

Os seus olhos ficaram espiando-se. Ela sorriu-lhe. Como ele ia ser feliz no estrangeiro!

Cá fora um negro bateu com o portão. Perto, na casa do lado, o rádio atirava para o ar Al Martino e a sua voz de ouro...

*«Here in my heart...»*

Ele sumiu-se na sombra e ela ficou olhando a escuridão dos passos dele.

*Luanda, 2 de Julho de 1954*

## O SÁBADO, AS RAPARIGAS E O GATO

Quando o táxi se aproximou, eles estavam ainda na mesma posição.

– São elas! – disse o da camisola azul.

– Não são. Aquele carro é *Fiat* e o outro era *Opel*.

O táxi passou e rebrilharam os vidros à luz do candeeiro. Ficou um cheiro de combustível queimado.

– O melhor é irmos embora. Já não vêm.

O do cachimbo, que estava sentado no rebordo do passeio, olhou para cima, para o outro, e disse:

– Não vêm? Vêm! Foram só despejar o tipo que estava com elas.

– Como é que sabes? Tás p’raí com suposições há meia hora e elas a saírem erradas...

E estava impaciente. Olhava para ambos os lados da rua e fumava com sofreguidão, As mãos saíam dos bolsos repetidas vezes.

Passou o guarda-nocturno e cumprimentou. Na casa verde, ao lado esquerdo, um relógio bateu horas.

– Vamos embora. Já é uma hora.

– E tu com pressa! Ficamos até à uma e meia. Se não vierem, então é porque já não vêm.

– Se é como tu dizes que elas têm vontade de ir connosco...

O da camisola olhou irritado o calmo companheiro que alisava as peúgas. Depois abaixou-se e gritou-lhe ao ouvido:

– Fui eu que fiz o joguinho todo. Sei muito bem o que elas queriam. Fiz o jogo todo com a magrinha. A Luísa não estava a ver. Tu do teu lugar podias vê-la melhor do que eu.

– Não podia. Estava um velho a jogar dados na mesa da frente.

Da casa verde, onde o relógio tinha batido horas, um gato pequeno, branco, esgueirou-se pela porta da escada, mal fechada. Vinha a ronronar baixinho e passava o dorso alteado pela superfície áspera do muro de cimento.

De cima, continuava a vir a voz irritada do rapaz da camisola.

– Que chatice! Há dois sábados a mesma coisa. Sempre a mesma coisa. O que é que elas não-de pensar de nós? No sábado passado, fartei-me de jogar com a magrinha. Conheces a magrinha?

– É manicura num salão lá prós Coqueiros.

– E aquele tipo que estava com elas?

– Não o conheço, mas tem cabelo e bigode de quem vive à custa delas...

O outro riu baixinho.

– Cabelo e bigode... – e continuou a rir.

Acendeu o cigarro. O fumo azul subiu na noite quente. O gato branco roçava-se vagarosamente pelas calças do rapaz sentado no passeio.

– Já no sábado passado – voltou a dizer o da camisola azul – não havia táxis na praça. Fartei-me de combinar coisas com os olhos, elas a aceitar e depois passaram duas vezes de táxi a chamarem-nos e nós ali parados à espera, estupidamente à espera...

– À espera dum táxi! – disse o do cachimbo.

– Qual táxi! Hoje, a mesma coisa. Nem táxi, nem dinheiro. Tens dinheiro?

– Seis angolares.

– Bolas! Isso não é dinheiro. E agora com a tarifa dois... Mas elas não voltam a passar, era sorte demais...

– Ainda não recebi a minha gratificação – justificou-se o outro.

– Andas a falar na gratificação há seis meses.

– Vem lá um carro! – disse o que estava sentado no passeio.

Levantou-se rápido. Mas era uma carrinha. Passou devagar e o dono olhou para eles. O da camisola estava com o cotovelo apoiado na grade de uma árvore nova. O outro, sentado, estendia as mãos como um ilusionista para o gato branco. O gato vinha mansamente para ele, roçava-se pelas calças azuis e seguia para diante, com a cauda vertical.



– Larga lá o gato! – disse a voz irritada do companheiro. – Estás para aí nessa impassibilidade virgem, há vinte anos à espera de quê? A passar as mãos finas e longas pelo pêlo suave dum gato perdido na noite. Literário, não é? Bolas! Estás à espera que elas se venham meter debaixo de ti?

– Não me aborreças. Faço o que me apetece. Quando eu quiser ir com alguma, vou, não preciso que me empurrem.

O silêncio fez-se entre ambos. Da rua transversal, talvez, vinha o patejar de cães. De longe em longe ouvia-se, trazida pelo vento, a voz do locutor do arraial das Vicentinas.

– Tenho de deixar de andar contigo. Dás-me azar. Aquele sábado que andei sozinho, fui para os lados da Ilha e arranjei-me...

– Eu não te agarro. Andas comigo por que queres – respondeu calmamente o do cachimbo.

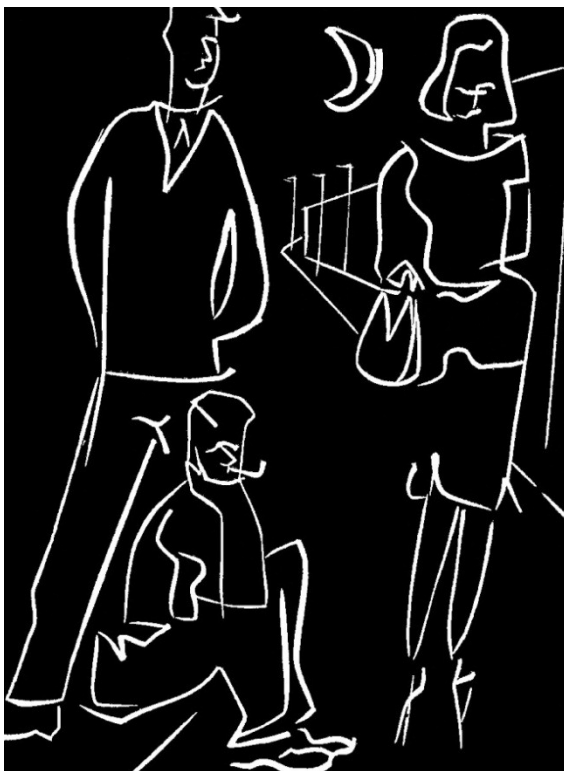


Ilustração de Luandino Vieira para a edição original

A voz irritada do rapaz da camisola era agora mais alta. Na passagem, o gato branco foi apanhado pelo pontapé, miou de dor e fugiu para longe.

– Larga lá o gato. Vamo-nos deitar. Já são dois sábados que elas fazem isto, que nos provocam e nós ficamos de braços cruzados a vê-las seguir...

– Não hã táxis...

– Quais táxis! Não há vontade. Eu vejo-te assim, perco-a também.

Da noite vinha, com a aproximação da madrugada, um ar frio. O do cachimbo levantou-se e espreguiçou-se. Depois, virou-se para trás e viu o gato branco que roçava novamente as costas no muro áspero.

– Vai-te deitar e tem bons sonhos... – disse o da camisola. Que chatice! Dois sábados perdidos. E nem um táxi na praça. Sábado que vem vou arranjar um carro e isto não se repete!

Estava furioso com ele e com o amigo. Havia dois sábados que as raparigas se metiam com eles. Mas não havia táxis na praça. Por isso estavam ali, desesperados. Um mais esperançado que o outro. O do cachimbo quase que acreditava que elas voltariam.

No entanto, há mais de meia hora que ali estavam, depois de elas terem saído da pastelaria com o amigo e eles as terem acompanhado na saída, dirigindo-se para um dos lados da rua, de maneira que elas vissem bem que as esperavam.

– Mas quando é que reages? Parece que tens água nas veias. Andas para aí a morrer de desejos e sem vontade própria para conseguires o que queres. Estás à espera que elas te venham buscar por um braço?

– Não. Estou à espera... estou à espera não sei de quê. Ainda não compreendo por que é que não reajo. Parece que não hã ligação entre a minha vontade e o resto. Tenho medo, mas há tempo, há sempre tempo.

O da camisola azul olhou para o ar, onde a lua se escondia nas nuvens. Depois atirou fora o resto do cigarro.

– Vamos embora. Quando fores velho e tiveres dinheiro, terás tempo. Mas depois já és velho.

– Está bem. Seguirei os teus conselhos. Tentarei...

E havia tristeza e desespero nos olhos dele, quando respondeu. E vontade também.

O passeio mal iluminado por onde seguiam tinha canteiros de lírios. Amarelos e vermelhos. Brilhavam as cores na noite. Mesmo junto à esquina estava um automóvel parado. De longe veio o ruído dum motor. Os faróis apareceram na curva para cá da farmácia.

– É um *Opel!* – disse o do cachimbo.

– Como sabes?

– Conheço o ruído do motor.

E era um *Opel*. Verde. Era o táxi em que tinham saído. Dentro, as raparigas olhavam persistentemente para a pastelaria quase a fechar. Procuravam-nos. E a raiva apossou-se do rapaz da camisola. O táxi seguiu. Eles estavam do outro lado do passeio, absolutamente tapados pelo automóvel preto.

– Maldita sorte! Agora que elas nos vinham procurar, saímos nós daquele sítio! Isto é que é azar!...

– Eu queria lá ficar mais tempo – disse o do cachimbo.

– Tu dás-me azar. Logo havia de estar aqui este a tapar-nos. E não há táxis!

Ambos olharam para a praça vazia. O vento sacudia os pedaços de jornais que voavam junto ao asfalto.

A lua iluminou por momentos a rua deserta e eles ficaram a olhar um para o outro.

– Talvez fosse hoje.

– Talvez fosse hoje o quê?

– Que eu reagisse. A hora é propícia...

O da camisola riu alto. Depois olhou para a casa. A carrinha do pai estava à porta, parada, imóvel, na sombra do prédio.

– Vou ver se a carrinha tem as chaves e vamos atrás delas.

– Isso era sorte demais num dia tão azarento como hoje. Eu fico à espera.

O da camisola afastou-se, deixando para trás o rasto do fumo do cigarro.

O outro ficou silenciosamente a olhar para diante, para a rua que se perdia na curva entre altas casas residenciais. Não havia luz nas janelas. Depois sentou-se no rebordo do passeio e ficou a chupar no cachimbo apagado. O gato branco era a única nota luminosa no asfalto negro.

De longe, o patejar de cães fez-se ouvir. O gato arrebitou as orelhas e ficou quieto, a pata esquerda no ar, enquanto a cauda varria a rua a golpes compassados. Mas, quando os cães se recortaram na noite, ele abaixou-se e ficou à espera. Bem deitado junto ao terreno. Os cães estavam ainda longe e não vieram naquela direcção.

Dos lados da casa do rapaz da camisola veio um barulho de choque. Barulho metálico. Atrás do som veio ele com os olhos brilhantes e mais irritado.

– O que sucedeu?

– Azar. Tu dás-me azar. Raio de sábado!

O do cachimbo riu muito. Adivinhara o que se tinha passado e riu alto.

– De que é que estás a rir? Isso foi um azar. As chaves estavam na carrinha. Entrei devagar para não fazer barulho. Liguei a chave e dei ao arranque. A carrinha estava engatada em primeira e estampou-se com a camioneta da frente. Ficou toda amachucada num farol.

O do cachimbo riu ainda muito tempo. Depois sentou-se.

– Sou um azarento. Vou-me deitar.

– Engatada em primeira! – disse novamente a rir o do cachimbo.

E continuava a rir, a rir muito, inexplicavelmente. O da camisola azul afastou-se.

– Talvez no próximo sábado. Tenho a certeza. Temos o tempo, que é nosso. Algum dia há-de ser – gritou-lhe o outro.

– A única coisa que o homem tem de seu é a certeza da morte. E eu não quero morrer sem ter vivido!

Sentado ainda, o do cachimbo gritou-lhe a rir:

– Há sempre tempo!

O outro sorriu levemente. A caminho de casa, ia pensando em si, naquele sábado e no companheiro que deixara para trás. E, inexplicavelmente, vinham confundidos com a imagem do gato branco perdido na noite.

O do cachimbo ficou sentado no rebordo do canteiro, a olhar para trás, para o gato branco que vagarosamente atravessava a rua silenciosa.

*Jornal de Angola*. Luanda. 15-VII-1961, pp. 8, 7 e 6.

## CAMBUTA

Dizia o programa: «A preencher haverá um encontro entre duas equipas dos subúrbios».

Cambuta cuspiu para o lado e virou o rosto do copo de vinho:

– Já viu compadre. Esses gajos das tipografias... Clubes dos subúrbios... Clubes dos musseques! Musseques é que é, ora que chatice! Mais um compadre? O Académico, os Onze, o Bota, clubes de subúrbio!

Cospe novamente e amarrotta o programa na palma da mão magra.

– Deixa lá compadre, deixa só, um dia esses clubes vão ir na baixa e depois...

Cambuta ri com a boca desdentada toda aberta, fechando os olhos injectados de sangue.

Iluminam-se as rugas da cara encarquilhada.

– Depois, depois compadre, vamos ver quem vence... Se é futebol de régua e esquadro como dizem os guetas da baixa, se é xaxado dos rapazes do Académico. Depois vamos ver!

Compadre Santo olha Cambuta e não tem a mesma alegria. Não pode ter. Ele conhece bem Cambuta, sabe que é o vinho que lhe faz falar, que se os académicos vão na Baixa vão ficar como Cambuta. Ai, esse Cambuta! Em 45 quem dizia que podia haver melhor «half» centro? Quem? Os do Sporting um dia combinaram agarrá-lo num domingo, para não jogar numa finalíssima com o Atlético. Mas agora... Cambuta está ali, seu compadre Cambuta, António José Martins.

– Vai outro compadre?

– Psst, mais dois!

O empregado ficou a olhar[,] depois limpou com vagares a mesa com um pano sujo. Hesitava.

– Mas o quê?

Cambuta virou-se.

– Bem, sô Cambuta, se o senhor não tem dinheiro o melhor é não aviar. O patrão já disse que eu tenho a mania...

– Tem a mania de quê, seu cangundo?

O empregado era um rapaz muito novo ainda e o patrão berrava-lhe todos os dias a generosidade e o acanhamento com sopapos e bofetadas nas orelhas. Fiasse sim, mas com regra e aos fregueses que ele tinha indicado. Agora esse caloteiro, desse bêbado, desse chulo do Martins Cambuta, nem mais um copo. Senão, pagava ele.

– O patrão já disse que eu tenho a mania de fiar ao senhor...

Compadre Santo compreendeu o que o empregado ia dizer e puxou pelo braço.

– Vem embora compadre! D. Isaura vem pagar ouviu?

– Cambuta sacudiu o braço do compadre ao ouvir o nome da mulher e gritou:

– Vem cá nada. Não quero que essa gaja me pague nada. Se calhar vem cá mas é abrir as pernas!

O rapaz fugiu para trás do balcão, pois já conhecia as zangas de Cambuta. Compadre Santo, tentava segurá-lo.

– Calma, calma Cambuta. Você sabe, Isaura não é assim como você diz. Calma, não disparata assim a sua mulher diante de um branco, compadre.

Cambuta não ouvia pois estava bêbado. Agora bebia três copos e pronto, ficava mesmo insuportável. Às vezes dava para falar nos tempos em que jogava futebol e depois chorava.

– Vam’mbora compadre, vam’mbora...

Compadre Santo puxa-o calmamente pelo braço e leva-o para fora. Ambos seguem pelo areal vermelho. Com o chapéu branco de palhinha vai sacudindo as moscas e o calor das duas horas.

Domingo de sol e futebol nos Coqueiros, nem uma aragem vem dos mares para o desafio. Era a final da taça e depois havia aquele desafio do Académico contra o Botafogo!

– Ouve só compadre, vamos no futebol. Eu quero ir ver jogar os nossos rapazes dos subúrbios...

Ri alto, cospe e cambaleia. Acrescenta:<sup>1</sup>

– Subúrbios uma gaita! Dos musseques é que é! Quero ver os rapazes no xaxado mostrar quem manda. Quem manda no futebol!

---

<sup>1</sup> (Nota do Ed.) No original, certamente por gralha, vem ponto de exclamação em vez de dois pontos.

– Mas compadre, tua mulher está te esperar pró almoço, você tá doente, o melhor vamos para casa.

– Qual esperar! Se calhar tá deitada com algum branco. Nunca mais acredito nessa mulher, nunca mais.

A voz de Cambuta é sumida como os olhos agora alongados pelo areal. Mulata Isaura, hoje gorda – Isaura-«Peida-grande» – era em 45 o fraquinho de todos os jogadores de futebol.

Mulata tão mulata como aquela não havia em todos os Coqueiros. E depois a claque que fazia!

Jogador que ela fazia claque era um querido! E todos os sábados convidava para irem na farra. Pancada por causa dela era toda a semana e muitos pinhões, maduros e caneladas no campo, tinham por razão escondida esta ou aquela preferência da mulata. Brincava e ria com todos, como brinca e ri às vezes o vento sul que sopra das ilhas. Mas não era de ninguém, como o vento.

Assim ia pensando Cambuta pelo braço do seu compadre, a caminho do campo dos Coqueiros. E em voz baixa, escondendo os pensamentos, resmungava.

– Clube[s] dos subúrbios, clubes dos subúrbios...

Mas no cérebro apagado, os dentes brancos da Isaura persistem, o riso dela nos bailes, as cocadas que fazia para as farras e para vender. E o riso também do compadre e dos amigos, gozando:

– Mas porquê você Cambuta? Você é um curto, com essas pernas pequenas vai precisar de escada...

– Lá curto era. Um metro e sessenta, mas «halfe» centro como aquele, onde?

O Norberto melhor que ele o tanas! Diziam os miúdos. E o peão, na pista, na bancada, berravam:

– Cam... bu... ta... Cam... bu... ta... Cam... bu... ta... Eué Cambuta!

E à saída todos lhe batiam na camisola, lhe agarravam, ia sempre para a sede no meio de uma gente! Nem quando veio o sô Cardeal Patriarca e desembarcou ali nas Portas do Mar, havia tanta gente...

– Não é verdade, compadre?

Compadre Santo, embrenhado nos seus pensamentos responde que sim e lamenta que seu amigo António José Martins, que foi o melhor «halfe» centro, seja hoje o que ali vai. Essa Isaura! Como um rapaz esperto como esse seu compadre, não viu o perigo!? Até tinha andado no seminário, dizia ainda algumas

palavras de latim, não posso compreender! Toda a gente sabia que Isaura iria como o vento, que seu amor era como o vento sul. Tanto que lhe avisara:

«Cambuta, vê só o que vai fazer. Deixa essa mania do casamento Carmo, com os dirigentes e muitos convidados. Ela só lhe quer enquanto você for o grande “half” centro.»

Depois, todos os empregos que perdera por causa dela, tinha sempre ciúmes porque ela ia lhe ver à repartição e ria para os brancos. Enfim! Agora...

– Ainda sou o melhor «halfe» centro, não é verdade compadre?

Cambuta parou, encostado a um pau de goiabas, depois da pergunta. Compadre Santo já sabe. O estômago já não pode mais, é sempre assim. Basta andar vomita logo. Fica depois um tempo inclinado, dobrado.

– Ah, agora parece que estou novo. Vamos depressa compadre, quero ver o desafio dos clubes dos subúrbios...

Ri alto com a palavra e vai repetindo sempre que passa por uma árvore:

– Subúrbios, subúrbios...

Isaura nem é já ica<sup>2</sup> lembrança no cérebro mais leve pelo bater constante do vento que sopra dos lados de Belas. Quando chegaram aos Coqueiros tinha acabado a primeira parte, estavam no intervalo. Ao pararem junto aos balneários da esquerda, Maneco viu Cambuta e gritou:

– Eh! eh Cambuta, vem aqui. Precisamos de você!

Maneco é o capitão do Botafogo.

– Estamos a ganhar por um a zero. E precisamos de você lá em baixo, a dar instruções. Não temos ninguém. Para parecer que temos treinador... Você foi grande jogador Cambuta e está de casaco e gravata.

Cambuta parou e a sorrir arranjou a camisa dentro das calças, O casaco surrado e sujo nas abas e nas mangas, caía-lhe pingão, dos ombros. A velha gravata estava desapertada. Mas Cambuta enche o peito de ar e sem olhar o companheiro diz-lhe:

– Não lhe dizia compadre, não lhe dizia. Ainda sou o melhor, ainda sou o melhor.

Compadre Santo já o não ouve pois já entrou. Maneco abre a porta e, no centro dos jogadores, Cambuta desce as escadas que os levam à pista. O Bota entra primeiro. Multas palmas e assobios. Cambuta puxa as calças e olha as bancadas.

---

<sup>2</sup> (Nota do Ed.) Possível gralha do jornal.



Ená! Tanto branco. O campo está cheio. E todos a baterem palmas e a rir pelo Botafogo! Têm claque na baixa, os rapazes. Entra agora o Académico. As mesmas palmas[,] os mesmos assobios. Cambuta baixa os olhos, desiludido. Parece que aquela gente se diverte, ele não ouve bem o que eles dizem, mas parece. Não, aquilo não é claque. Claque berra[,] grita, sofre, fica calada, não ri. Grita e sofre pelos seus, não bate palmas pelos outros.

Cambuta ainda não percebeu que ali não há ninguém do Bota ou do Académico. Não é claque, Cambuta, são espectadores. Só do lado esquerdo, mesmo por cima dele, um pequeno grupo de jogadores e claque do Atlético estão a aplaudir agora.

Olhando para ele Cambuta sente-se vingado da sua desilusão e enche novamente o peito de ar. Fixa-os e toma ares de grande jogador ao lado dos suplentes, falando muito e gesticulando. E tem a ilusão de ter revivido. Os suplentes ouvem-no com atenção, foi sô Maneco quem disse que ele fazia as vezes de treinador para impressionar a assistência, mas que no seu tempo, era um grande beque centro. Alguns ainda se lembram dele. Um começa até a falar de um Luanda-Benguela, aquele que acabou em barulho quando o árbitro ia permitir o «penalty» de empate para os benguelenses. Mas ao sol, os corpos suados como locomotivas, os rapazes do Botafogo continuam a carregar e o Académico já não aguenta mais. Maneco e Zezé faziam estragos e o segundo golo surgiu. A claque do Atlético levantou-se e aplaudiu. Tinha sido um tiro à esquerda, depois de uma série de fintas bem bailadas desse endiabrado Futre, sempre quieto na sua ponta, mas quando arrancava ninguém que lhe agarrava.

Cambuta saltava, berrava, atirou o garrafão para o chão e virou-se orgulhoso para a assistência. Foi então que veio da claque a voz inconfundível, única, do Balhu, irónico, desrespeitador, que goza com tudo.

– Ué Cambuta, você foi para aí para ver se lhe tiravam uma chapa!

E mais se juntaram à brincadeira. É assim quando se encontra alguém para gozar.

– Você pensa ainda poder parecer jogador de futebol. Só se guarda-redes for barril de vinho. Isso tá bem pró[s] brancos que não te conhecem, mas a gente te conhece Cambuta!

– Vai treinar os guetas das quitandas de abafado, Cambuta!

Toda a claque ri, um riso espontâneo, igual, demolidor. Cambuta finge que não ouve, tem os olhos no desafio onde o Botafogo, ao sol, faz uma exibição. Mas os comentários atingem-no.

– Você enganou-se Cambuta, trouxe o casaco e a gravata de um branco, lá de casa. Isaura não vai gostar...

Isso era demais! No musseque está bem que às vezes quando lhe gozavam e ele não ligava. Mas ali diante de toda a gente, estarem a chamar-lhe de chulo, isso não!

– Porque você não trouxe Isaura para treinar o Académico? Assim o Bota ganhava mesmo...

Gargalhadas altas e pedrinhas, bolas de papel e tampas de refrescos começam a cair.

A claque branca já tinha reparado na brincadeira e ajuda no riso.

Porquê você não vai para gandulo, Cambuta? Você tá mesmo pequeninho, tão precisar de gandulos!

Cambuta não aguenta mais. Olha-os de frente e berra à mistura com insultos:

– Já fui gandulo, seus sacanas. Comecei a apanhar bolas atrás da baliza. Não sou como vocês que quando querem jogar futebol, primeiro tratam do Bilhete de Identidade e depois aparecem com partes de brasileiros a pedir a carta ao vosso clube do musseque para virem jogar na baixa. E para quê? Para andarem na boa vida a gastar o dinheiro...

Balhu ri alto e virando-se para Zeca disse:

– Vou chatear o tipo!

E mais alto:

– Você de quitatas sabe, Cambuta. Já lhe disse, empreste a Isaura ao Académico para treinar...

Cambuta perde a cabeça. A gravata ao vento, corre para o muro que separa a assistência da pista e cospe em Balhu, sentado na primeira fila.

– Treina mas é a tua mãe!

O polícia que se tinha chegado a sorrir, correu para ele e deu-lhe duas pancadas com o cassetete. Cambuta caiu. Os suplentes levantaram-se e correram. A assistência parou os ditos. Balhu falou ao polícia:

– Não era preciso fazer isso. Deixa lá, o rapaz é amigo, a gente gosta dele, não faz mal a ninguém.

Como Cambuta não reanima, estendido na areia vermelha, o polícia afasta-se. Os suplentes trazem o garrafão com água. Balhu, que saltou para a pista, ensopa o lenço e passa-o devagar pela orelha ferida, que sangra. Todos os suplentes estão de volta.

– Foi um grande jogador este gajo. Os copos e essa gaja da Isaura Peida-grande, do Bairro Operário, deram cabo dele. Isso e outras coisas mais, a mania dos clubes, deram-lhe muito dinheiro. Mas foi um grande jogador...

Abre a pequena farmácia do clube dos musseques e põe um penso na orelha do amigo. Lentamente, Cambuta volta a si. Balhu afasta-se a juntar-se à claque.

O desafio acabou. Botafogo dois, Académico zero. O sol queima menos a meio da tarde. As camisolas suadas e sujas alinham e fazem a saudação. Depois Maneco e Fortunato, «capitão» do Académico, sobem as escadas: a onda de claque e suplentes espera o momento de invadir a pista para abraçar os heróis. Maneco desce as escadas com a taça e é aplaudido por todos. Há sorrisos em todos os jogadores, do Académico e do Botafogo. Há abraços e risos e alegria. Os suplentes vêm correndo com a claque e jogadores são um único corpo, uma única voz na tarde quente. E a correr, Maneco começa a volta de honra, com todos os jogadores atrás. Casaco aberto, a gravata de lado, o penso branco manchando a orelha, Cambuta vai à frente com a taça.

Dos peões laterais cresce o som de mil vozes irmãs, que os vitoriam.

*Jornal de Angola*. Luanda. 30-IX-1961, p. 3.

## OS AMORES DE SILVA CHALADO

Logo de manhã cedo, Zeca Bunéu ficava na ombreira da porta semi-aberta, esperando que a silhueta original do mulato aparecesse no fundo da rua de areia, vindo da Maianga. E, invariavelmente à mesma hora, o casaco castanho pendendo do ombro esquerdo descaído, a gravata preta e o capacete branco na cabeça, Silva aparecia, no andar calmo, compassado e bambolean-te, que lhe dera a alcunha de «Xalado» entre os miúdos do musseque. Isso e, claro, a mania de gesticular e falar sòzinho, indiferente aos comentários de todo o mundo. O uso, fora de uso, do capacete e a gravata preta persistente, quer cacimbo quer calor, mais aumentavam o ar de mistério à volta dele. E a vingança à sua impenetrabilidade eram os ditos, as corridas dos miúdos e, às vezes mesmo, algumas partidas de mau gosto.

Silva Xalado passava, porém, sobre tudo isto com a indiferença doentia, e ausência bem educada e só tirava o capacete diante da casa de vó Xica a cumprimentar a velha:

- Bom dia, dona.
- Bom dia menino Silva. Pai, melhor?
- Vamos vivendo, vó Xica, com a graça de Deus.

Mesmo em férias, Zeca Bunéu levantava-se mais cedo, sempre a horas de ver o mulato chegar, ainda o pai estava a distribuir o serviço, a cortar a sola que os oficiais haviam depois de trabalhar durante o dia. Mulato Silva chegava, cumprimentava com polidez o mestre e sempre olhava furioso Zeca Bunéu, desconfiando logo qualquer partida do rapaz. Com razão: no bairro inteiro toda a gente conhecia a malandragem desse miúdo. O pai, à noite, sentado na cadeira ao contrário, no meio da rua, apanhando o fresco com os vizinhos, contava em voz alta e ruidosa, teatral nos gestos, as malandrices diárias de Zeca. A vítima era quase sempre Silva Xalado ou outro oficial ou aprendiz.

– Isto é que é um rapaz! Não há negro que pare com ele. Junta montes de pedras e corre-os à pedrada. Então o Silva, aquele maluco do filho do Negrão da Maianga, esse é que as paga todas. Imaginem que hoje...

E para o mulato Abano, mestre de barco de cabotagem e sua mulher, o pai contava dos pregos espetados no fundo do banco do rapaz, da cola que lhe tinha grudado o fundo das calças, da urina na garrafa de água para beber. Sá Domingas, negra santomense, não ouvia bem estas histórias, gostava de Silva, do seu ar desajeitado de pobre rapaz sem amparo de mãe. Velho Abano, porém, relembra as suas maluqueiras de miúdo em Porto Alexandre e perdoava ao mestre aquele jeito feroz de se referir aos negros e mulatos. De resto, com casa pegada, Sá Domingas pedindo de D. Branca um pouco de tapioca, D. Branca pedindo de Sá Domingas uma caneca de farinha musseque, como não haver aquelas conversas de vizinhos pela noite dentro?

No quintal de trás, sob a fresca mulemba Zeca Bunéu contava histórias de aventuras a Carmindinha, Tunica e Xoxombo, os três miúdos do capitão Abano. Xoxombo e Tunica deliravam mas Carmindinha, os seios já desperitados nos catorze anos livres, dizia às vezes:

– Também só sabes dessas histórias. Histórias com amores não sabes, Zeca. És um miúdo!

Zeca Bunéu ficava zangado, dizia que já não era miúdo, esticava o beíço e exibia os raros pêlos a nascer no buço.

– Tenho bigode, tenho bigode, vê!

E à noite, na sua cama de palha de milho, via Carmindinha nua sob a mulemba a passear de fazer desejo e avermelhava-se todo da moça não lhe ligar, olhar mas era com olhos de amor malandro para os outros mais velhos. E quando a imagem dela vinha com aqueles requebros que, sabida da sua virgindade, dava ao corpo quando entrava lá em casa, chegava-lhe uma vontade raivosa de a derrubar ali mesmo no quintal.

Carmindinha não era mais velha. A idade era a mesma, mas ele era um miúdo, sempre descalço depois das aulas e nas férias, sem camisa e sem vergonha. E só sabia fazer partidas aos sapateiros, miúdo ruim, pior que ele por ali não havia. Sua vítima preferida era Silva Xalado. Ele mesmo é que começou a chamar-lhe de xalado quando, há meses, apareceu ao pai, num dia

de cacimbo, a perguntar se não havia serviço. O mestre aceitou-o, tinha muito que fazer, estava a trabalhar em botas para o seminário.

Zeca, a quem Jacinto João, velho sapateiro, alcunhara de Bunéu por causa do cabelo rebelde fazendo uma pala na frente, riu assim que o mulato, muito solene, se apresentou de senhor a todos os outros oficiais e aprendizes e depois, naturalmente, perguntou onde era a retrete. Quando saiu, tinha vestido umas velhas calças rotas e uma camisola larga que lhe descaía do ombro esquerdo e trazia na mão as calças, a camisa, a gravata e o casaco, segurando também o capacete branco. Desde aquele dia, Zeca Bunéu, que lhe chamou logo «ó Silva Xalado» ao que o mulato correspondeu com um sorriso onde luziam uns olhos dóceis, assistiu todas ou quase todas as manhãs à chegada do oficial, sempre dignamente vestido e àquele ritual da mudança de roupa.

O pai ria das partidas, das malandrices que Zeca e os outros miúdos inventavam para o arrelviar. Silva Xalado, porém sorria sempre, pouco falava com os outros oficiais, trabalhava muito, embora, em certos períodos se encerrasse na retrete onde passava muito tempo. Estas fugas momentâneas ao trabalho, o encerramento na retrete e a estranha coincidência de se verificarem quase sempre depois de uma visita de uma freguesa nova ou bonita ou de uma criada sem vergonha a quem os oficiais largavam ditos e faziam convites, tornou-se o grande motivo de troça do mulato Silva. Quando ele saía da retrete, o olhar vago, um meio sorriso nos lábios, escondia sempre qualquer coisa no bolso do velho casaco. Mesmo sentado ficava ainda sorrindo, sob os comentários em que até o mestre colaborava.

Silva Xalado não respondia quase nunca aos comentários. Às vezes, quando os ataques eram muitos, especialmente quando o mestre e seu filho Zeca Bunéu se encarniçavam contra ele, gaguejava, cuspiendo perdigotos dos lábios tortos:

– Seus mal-educados. Vocês não têm educação nenhuma, negros de sanzala. E esse menino branco também. Já anda no liceu e nada! Porquê seu pai está-lhe a dar instrução, p’ra quê?, seu cangundo. Vocês não têm sentimentos... Meu pai é um branco bêbado, é mesmo, mas educou-me. Deu-me quarta classe, não sou selvagem. Vocês não têm sentimentos.

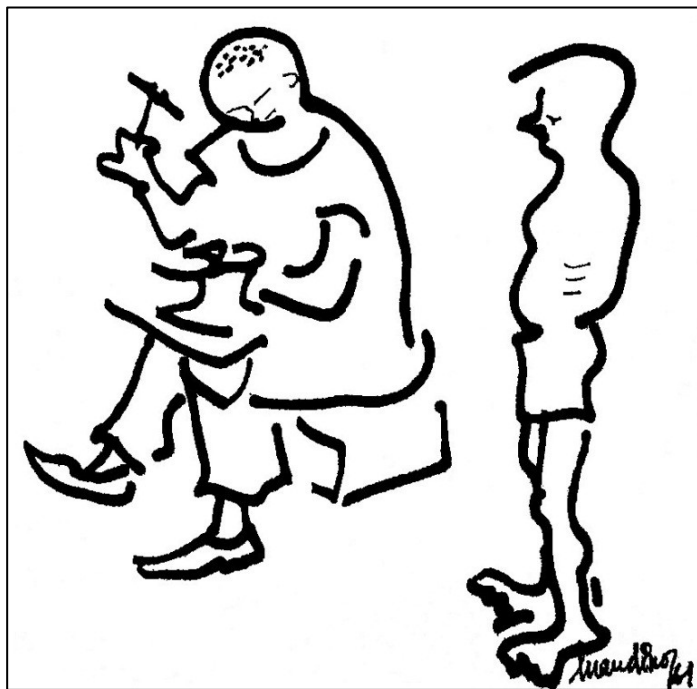
Zeca Bunéu atirava-lhe com água da sola e todos os oficiais batiam com força nas formas de ferro. Raras vezes, mas às vezes sucedia, Silva mulato

levantava-se de sovela ou faca na mão correndo atrás de Zeca pelo quintal ou mesmo na rua:

– Miúdo ordinário, cangundo da tuje!

Depois, excitado e respirando fortemente, sentava-se a resmungar para si, pedaços de versos, coisas ininteligíveis. Os colegas ferravam os olhos no trabalho e não diziam mais palavra. Zeca Bunéu ia para o quintal e com Xoxombo, Zito, Maneco e outra malandragem, forjavam para o dia seguinte ou para a tarde, conforme, nova partida.

E os dias passavam-se neste jogo de gato-rato, sob os olhares complacentes e de certo modo orgulhosos do mestre. À noite era a habitual conversa sobre a malandragem dos sapateiros negros, sempre bêbados, não fazendo nada em condições. E o narrar teatrado do feito diário do filho, de que se orgulhava.



Desenho de Luandino Vieira que acompanhava o texto

Mas um dia de manhã Silva chegou atrasado. O pai, Zeca e os oficiais estavam espantados, já se falava de desastre, com aquele seu ar ausente tudo podia suceder, os miúdos interrogavam-se e vó Xica veio mesmo, devagar, com seu passo octogenário, perguntar a D. Branca se menino Silva estava doente.

Eram já dez horas, o serviço estava dado, todos os sapateiros de olhos baixos, mãos rápidas puxando as cerdas e as linhas, quando entrou Silva Xalado. Zeca Bunéu, deixou de cortar borrachas para a fiska e gritou para o pai, no quintal:

– Eh! Pai, chegou o Silva Xalado.

Silva não tirou sequer o capacete. Num passo fora do usual atravessou a pequena sala e foi, ameaçador, para Zeca Bunéu.

– Xalado é a mãe, seu cangundo!

Violento, atirou com o primeiro sapato que apanhou na direcção do miúdo que fugiu para o quintal a gritar. O pai veio de sobrolho carregado, com Zeca esquivado atrás a rir:

– Então sô Silva, que é isso? Chega tarde e começa logo a disparatar?

– O mestre mande calar esse miúdo senão... um dia há uma desgraça. Não ando para brincadeiras!

– Ah, chegas a esta hora e ainda refilas, tens de burnir uns pares de capas e meias solas

Devagar, com o capacete na mão, Silva dirigiu-se para a retrete. Zeca Bunéu, do quintal, ficou olhando e quando o mulato<sup>1</sup> Espera lá, que eu hei-de dizer ao teu pai...

Silva Xalado parou de desapertar o nó da gravata e os olhos baixaram-se tristes sobre a bancada. Estava abatido, o casaco descaía ainda mais do ombro torto. A expressão, de cão assustado, acentuava-lhe os traços adultos na cara de menino. Depois, lentamente, ante o pasmo dos colegas, sentou-se sem se mudar. Pegou na forma de ferro e, maquinalmente, num pedaço de sola. Confidenciou:

– O meu pai foi viver com uma branca. Deixou-me na cubata sòzinho. Como vou viver agora? Minha mãe já morreu...

---

<sup>1</sup> (Nota do Ed.) Há um ‘salto’ no texto.



Os oficiais abaixaram-se mais sobre o trabalho e o mestre só disse, como desculpando-se do tom das palavras anteriores e procurando ser amável:

– Oh, isso tem lá alguma importância para um homem como tu? Anda vai lá mudar de roupa, vai lá que já é tarde<sup>2</sup> e ainda se fechou na pequena barraca de aduelas, construída no fundo do quintal, veio devagar, no seu andar descalço e espreitou. Silva Xalado estava sentado, desfolhando um velho caderno de duas linhas, de pontas torcidas e chorava. O olhar tinha a mesma ausência dos dias em que se encerrava por muito tempo na retrete, para sair depois, debaixo dos comentários impiedosos dos colegas. Uma expressão feliz amaciava-lhe as feições e era apenas um jovem infeliz, soluçando agarado a um caderno de duas linhas coberto de uma caligrafia regular, de letras arredondadas.

Para Zeca Bunéu tudo aquilo era uma revelação e um mistério. Nunca pensou que um homem pudesse chorar como chorava Silva mulato. Olhava e admirava as mãos febris desfolhando o caderno, os lábios balbuciando palavras, frases e não tinha dúvidas que lia versos. A curiosidade despertada, fazia-o desejar que o mulato abandonasse depressa a retrete para depois, sorratamente, lhe passar uma revista e descobrir tudo. Silva Xalado deteve-se nas últimas folhas e depois de as ler, beijou-as apaixonadamente. Fechou o caderno, dobrou-o ao meio e escondeu no bolso interior do velho casaco castanho. Quando saiu, Jacinto João e os outros notaram o mesmo olhar ausente e segredaram:

– Eué, começa cedo hoje. Mulato viciado.

Silva Xalado, sem prestar atenção, sentou-se à bancada e começou a pregar uns tacões, enquanto de soslaio, os companheiros piscavam os olhos e riam gozando.

O que se passou depois, precipitou consequências. Já era difícil para o capitão Abano e sua mulher ouvirem todas as noites as patifarias de Zeca Bunéu, contadas no estilo teatral do pai, com referências e insultos a tudo quanto era negro e mulato. E se bem que vizinhas de trocar coisas, D. Branca e Sá Domingas começaram a esfriar uma com a outra, pois, por brincadeira, Sá Domingas ainda ouvia no princípio, mas depois quando começou a conhecer melhor sô Silva, que lhe parecia moço mais educado que aqueles

---

<sup>2</sup> (Nota do Ed.) Estamos perante um novo ‘salto’ no texto.

brancos todos e sempre muito limpo – modesto vestir, é certo, mas muito limpo – parecia-lhe maldade aquelas histórias todas do menino Zeca e não achava graça nenhuma à versão feroz do pai, sentado na cadeira ao contrário. Sô Abano também concordou com a companheira e os filhos que ouvem sempre as conversas dos pais, naquelas casas pequenas de pau-a-pique, começaram logo a hostilizar Zeca Bunéu. Não muito Tunica e Xoxombo, miúdos demais só pensando em brincadeira. Mas Carmindinha, proibiu-lhe mesmo de lhe tocar e disse que qualquer dia tinha que começar a tratá-la por você.

Por isso não espantou ninguém naquele musseque que, depois daquele caso do Silva Xalado, sô Abano rompesse definitivamente com seu vizinho branco e que sá Domingas preferisse passar um dia, de vez em quando, sem tapioca à espera do dinheiro do seu homem, do que pedir emprestado a D. Branca. Porque aquilo não se faz! Bater no rapaz, aliás já era um homem, de cavalo-marinho só porque deu um bofetão no malcriado do Zeca Bunéu, que, afinal, tinha as culpas todas. Não, isso não. Sá Domingas contou para vó Xica a malandragem do miúdo, roubando o diário íntimo do sô Silva – afinal é assim, da gente que não parece é que sai mesmo poeta, quem dizia que aquele menino, feito pouco por toda a gente, fazia versos? – onde o mulato escrevia todos os dias a sua solidão, o seu desejo de compreensão e sobretudo (e nem isso escandalizava sá Domingas!) o seu amor ardente por Carmindinha, um amor muito respeitoso, respeitador. Zeca Bunéu saiu correndo com o caderno na mão, gritando a todo o mundo versos de Silva Xalado, andando em volta dele, recitando fazendo pouco.

Quando linda vi Carmindinha  
meus lábios sorrisos brotaram  
mas ela! oh, pena minha

.....

Coitado do sô Silva! Sempre amachucado, sempre feito pouco por aquele malandro. Agarrou-lhe no braço e deu-lhe um bofetão, tirando-lhe o caderno. Daí é que nasceu a confusão toda: o mestre correndo com o chicote cavalo-marinho sobre o mulato Silva, Zeca Bunéu a chorar com o bofetão e os

oficiais negros a segurar o mestre, irado, aos gritos à maldita raça dos mulatos e negros.

Não, vó Xica, nessa noite, não pudemos mais ouvir a história contada com orgulho, da malandragem de Zeca Bunéu. Tanto que retirámos com as nossas cadeiras para dentro. Bento foi pretextando frio de cacimbo e até hoje, não queremos mais conversas.

Carmindinha também não falou mais para Zeca Bunéu mas provocava-o sempre, quando passava, os seios já adultos a dançar livres sob o quimono caído nas ancas.

E Zeca Bunéu aprendeu a lição. Tanto assim que dez anos mais tarde me contou esta história, para eu escrever.

*Jornal de Angola*. Luanda. 31-XII-1961, p. 7.

*Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. XIV, 1 (s/d), pp. 16-21 e 53-56.

## ZÉ (FINTACAI) AUGUSTO \*<sup>1</sup>

Aos meninos-homens cuja alegria de bola de meia enche a cidade, escreveria este conto se soubessem ler.<sup>2</sup>

Arminda Salalé vai apalpando disfarçadamente os músculos secos de gordura, a carne seca<sup>3</sup> de Zé Augusto. Mas o estômago não está habituado àquelas bebidas e a cabeça dói, pesa, e as<sup>4</sup> carícias arrepiam-no. E depois esta mulher branca, branca, que até<sup>5</sup> se vê o sangue a correr azul nas veias! Ainda tem<sup>6</sup> receio. É a segunda vez que vem com Tónico e Amaral e talvez o possam pôr nas mesas do fundo como<sup>7</sup> lhe faziam nos maximbombos. E pensa que Tónico é um bom amigo mas que ficou zangado porque dançou melhor do que ele costuma dançar.<sup>8</sup>

– Manda vir a conta e arrancamos. – a voz do Tónico é ainda irritada.

– Eh pá, só mais meia hora!

– Esqueces-te<sup>9</sup> que sou eu o capitão... Tenho responsabilidades que vocês não têm. Temos de ir!

– És um chato, é o que é!

Arminda está a rir, rir muito, num riso claro e solto. Zé Augusto é o avançado-centro do clube. Não há<sup>10</sup> nada mais belo no futebol que um<sup>11</sup> avançado-centro nato, que sabe usar da mesma maneira os dois pés, como duas físgas que disparassem<sup>12</sup> burgaus grandes. Quando os músculos das coxas são de pedra e luzem toda a tarde, nas tardes quentes dos Coqueiros. Quando

---

\* A versão que se apresenta é a de *Mensagem*, que parece ser a mais recente. As diferenças face à publicação luandense virão no final do texto, estando sinalizadas pelas chamadas de nota.

o corpo se eleva em salto <sup>13</sup> de onça e a cabeça toca a bola com carícia para dentro da baliza ou quando baila com os pés desenhos sempre novos e o íman das botas traz sempre a bola junto a elas <sup>14</sup>. Quando sabe chutar seco, sem ruído, com o peito do pé, mas com o estilo que só o avançado-centro nato tem, esticando os braços e cobrindo a bola com o corpo para o pontapé, retirando a bota logo que toca o couro. Daqueles chutos que, em campos de terra vermelha batida como <sup>15</sup> os nossos, deixam pequenos rastos de poeira e não há guarda-redes que os apanhe. Ah! <sup>16</sup> um bom avançado-centro, um avançado-centro não se faz. Nasce. É como um elefante. Assim <sup>17</sup> era Zé Augusto, o Fintacai. Fintador de categoria, com remate com ambos os pés, veio do S. Paulo, onde se apagava, dizia o Sr. Paula que o descobriu e o trouxe <sup>18</sup> para o clube da Baixa. Seis desafios, sete golos. Talvez a «Bola de Prata» este ano. Já tem dois fatos completos, oferta de um sócio que se aborrecia por ver o rapaz melhor jogador <sup>19</sup> que os outros e glória do clube, sempre como um monangamba. A vida <sup>20</sup> sorri-lhe. Passa pouco tempo no musseque. Arranjaram-lhe um emprego, mas já percebeu que é só para descansar dos jogos. Treina três vezes por semana, matabicha <sup>21</sup> no Pólo Norte por <sup>22</sup> conta do clube, e <sup>23</sup> agora tem esses amigos do Tónico e do Amaral a puxá-lo para o Bâmbi, para o Choupal. Esse Tónico que diz <sup>24</sup> a toda a gente que é branco, só porque <sup>25</sup> é mulato claro. Mas <sup>26</sup> no musseque a gente sabe que a mãe dele é quitandeira mesmo, está a vender no mercado novo.

Zé Augusto ri com os próprios pensamentos e pensa <sup>27</sup> que a vida é boa. Assobia baixinho e deixa a mão suada correr pela coxa branca de Salalé. Retira-a de súbito <sup>28</sup>. Soa-lhe a falso o riso claro da loira.

Tónico Gomes levantou-se e João Amaral, que <sup>29</sup> não gosta de fazer barulho com os companheiros de equipa, pega Zé Augusto por um braço.

– Vamos, pá. <sup>30</sup> Amanhã há jogo.

– Não sejam chatos, só mais um bocadinho, meia hora.

A loira tem uns olhos bonitos que ele percebe. Segura-a na mão. Tónico Gomes dá-lhe um puxão.

– Vamos!

– Voltam amanhã?

– Não. Amanhã queremos descansar.

– Então deixa-me <sup>31</sup> uma fotografia tua, Zé Augusto. daquelas que eu vi na carteira.

– Qual fotografia, qual carapuça. Começas a chatear o miúdo, parto-te a cara! A vida dele é o futebol, percebes?

– Mas quem pensas tu que és para me partires a cara? <sup>32</sup>

Arminda levanta-se e encosta-se a Tónico. Os outros homens olham na direcção deles e o empregado <sup>33</sup> pára de agitar o shake <sup>34</sup>.

– Bem, cala-te, cala-te – Tónico <sup>35</sup> Gomes refreia a voz, irritado.

– Calo-me nada. Quero uma fotografia do rapaz e depois?



Ilustração de Luandino Vieira para a edição no *Jornal de Angola*

Zé Augusto não sabe que fazer <sup>36</sup>. Não quer ofender Tónico Gomes, seu amigo de sempre, mas gostaria de dar uma fotografia à Salalé <sup>37</sup>. Tira a carteira e escolhe uma, ainda equipado com a camisola do S. Paulo.

– Depois dou-te outra com a nova camisola...

– Não me interessa a camisola. Interessas-me tu. Assina.

– Porquê?

– Anda lá, não sejas mau. Põe uma dedicatória...

Zé Augusto puxou da permanente <sup>38</sup> e escreveu dificilmente: «Do Zé Augusto».

– Não, assim não...

Zé ri alto pela <sup>39</sup> primeira vez, ri <sup>40</sup> alto.

– Assim não como? <sup>41</sup>

– Não. <sup>42</sup> Escreve aí: «Do Zé Augusto, o melhor avançado-centro do mundo». <sup>43</sup>

Tónico Gomes diz um palavrão e bate furioso com a mão na mesa.

– O melhor avançado-centro da merda!

Zé Augusto baixa os olhos tristes e pousa a caneta.

– Eh pá, não te chateies. É na brincadeira, bem sabes que és o melhor de Angola.

– Anda, querido <sup>44</sup>, escreve do mundo.

– Não, de Angola.

– Não, do mundo.

– De Angola! <sup>45</sup>

– Qual, Angola ninguém <sup>46</sup> sabe o que é! <sup>47</sup> O mundo <sup>48</sup> toda agente conhece. Anda, escreve <sup>49</sup>, sim?

E a voz é loira como ela. O timbre é loiro, a altura é loira. Loiros são também os cabelos. E os dedos negros crispam-se sobre a caneta e desenhavam: «Do Zé Augusto, o melhor avançado-centro do mundo».

– Agora assina.

– Assino como?

– Assina o teu nome.

– Mas como é que quer? Zé, só? Zé Augusto?

– Sim.

Mas um sorriso alarga as maçãs do rosto do avançado-centro. É isso! Tal como os grandes desportistas negros americanos <sup>50</sup>. E assina: Zé Fintacai Augusto. Fintacai entre parêntesis. Assim! Ri alto outra vez. O riso loiro ao lado, é reconfortante. Zé (Fintacai) Augusto.

Fintacai é o nome de guerra, o nome da claque dos peões laterais. Fintacai era um sonho que, talvez, um dia se torne realidade, no Belenenses, no Porto... <sup>51</sup> Um jogador de futebol disputado a peso de dinheiro, com muitas viagens, nome nos jornais, mulheres, bons fatos. E locutores famosos gritando: «A bola vai de Fintacai...». Era um sonho que havia de ser <sup>52</sup>. Mas não vale a pena pensar nisso <sup>53</sup> agora. Seus amigos Tónico Gomes e João Amaral, já estão à espera. Aperta-lhe a mão <sup>54</sup> e promete:

– Amanhã vou meter três golos por si!

O último riso acompanha-o até à porta e as mãos nas coxas duras de músculos <sup>55</sup> sem gordura. Saiu <sup>56</sup> a assobiar. Um grupo <sup>57</sup> ruidoso de rapazes passa por ele e olha-o <sup>58</sup> ostensivamente. <sup>59</sup> Já no carro, Tónico bateu com a porta e diz muito sério para o avançado-centro:

– Eh pá, assim não vais longe. A fazeres a vontade às gajas, qualquer dia...

Zé Augusto não o ouve. Com o arranque do Fiat <sup>60</sup> vai a pensar que amanhã tem de ser o melhor avançado-centro do mundo, tem de ser Zé (Fintacai) Augusto. E depois o sonho. A cabeça pesa-lhe, pesa muito e chega-se a João Amaral. As pálpebras pesam também e o estômago dói. Porcaria de bebidas!... <sup>61</sup>

– Eh, este <sup>62</sup> gajo já vai a dormir... – e João Amaral ri. <sup>63</sup>

Mas já não ri <sup>64</sup> João Amaral, na tarde de sol dos Coqueiros, com a assistência aos berros:

– Fora! fora! fora! Esse gajo anda a dormir ou está comprado? <sup>65</sup>

O peão central grita ruidosamente, a bancada ri e os peões laterais estão silenciosos. Que sucedeu? O Ferrovía já tem dois a zero e ainda <sup>66</sup> se vai no meio da primeira parte. Zé Augusto mal tocou na bola. Anda sem jeito, a passear pelo campo, parece um boneco. Maluco atrás da bola, mas sem interesse, sem amor.



Nos peões laterais, olhos de engraxadores, crianças, <sup>67</sup> criados, gandulos como ele foi, muitos amigos, estão pousados nele, sofrem o que está sofrendo dentro do campo. Não percebem aqueles passes sem genica, os pontapés tortos, a falta de vontade na luta com o defesa-central. Que sucedeu com Fintacai? Que sucedeu ao seu herói das tardes de sol de futebol de musseque? Que foi isso Zé Augusto, que veio na Baixa jogar? <sup>68</sup>

Os olhos abertos, a boca aberta, o espanto nas caras sujas, os peões laterais esperam.

Tonico Gomes está a fazer um desafio. Segurando a defesa. Se não fosse [esse] <sup>69</sup> mulato, já lá estavam mais de dez. O Ferrovia está terrível. Os interiores de Zé Augusto e os médios estão a desenhar bom jogo, mas habituados a dá-lo <sup>70</sup> a Fintacai <sup>71</sup>, não rematam. Zé Augusto falha, falha sempre.

O avançado-centro ouve os assobios, os risos, os risos loiros do peão central, da bancada. Zé Augusto ouve o seu amigo Tonico Gomes insultá-lo da defesa e vê João Amaral, à porta da cabina, atirar com a toalha ao chão de cada vez que ele falha ou é desarmado. Mas não pode fazer nada. O estômago dói, a cabeça dói, o riso loiro junta-se aos risos da bancada, aos insultos do peão central. Mas isso não o toca. O pior são aqueles olhos parados, aquelas bocas abertas, as mãos ansiosas dos amigos dos peões laterais <sup>72</sup>. E quando salta de cabeça a uma bola pensa neles. Mas as pernas não têm elasticidade e a cabeça apenas a raspa de leve <sup>73</sup>. Mas o guarda-redes foi batido. Golo!

Como? Foi golo? Tonico <sup>74</sup> já o leva em triunfo, levanta-o ao ar com um abraço, todos correm e ele ainda não percebeu. Mas não sente, não vê João Amaral aos saltos atirar <sup>75</sup> com a garrafa e a toalha pela pista e ser agarrado por um polícia. Ele só vê, só ouve esse rugir negro, esse soprar violento de vozes que ele sente, que ele sabe, esse som crescente e compassado que sobe das cabeceiras:

– Fin... ta... ca... i... Fin... ta... ca... i...

São os irmãos, silenciosos na derrota, e <sup>76</sup> irmanados na alegria dum golo. Ele só os ouve, só a eles olha. E sente que esperam, estão a espera que Zé Augusto faça mais golos. Não é o campeonato, não é o Futebol Clube de Luanda, é um irmão, é Zé Augusto Fintacai o melhor <sup>77</sup> avançado-centro de Luanda. O som cresce, cresce e cobre <sup>78</sup> todo o campo dos Coqueiros. É o povo que vitoria um filho.

Bola ao centro. Fintacai corta o passe do médio e depois abre. As pernas têm agora a mesma elasticidade dos tempos dos roubos de goiabas. A cabeça vê tudo. Um riso claro alegra-lhe a cara suada. Recebe o passe, finta o defesa direito...<sup>79</sup>

– Viééééémmm – faz o povo nas cabeceiras.

Outra finta para a esquerda. São desenhos no papel vermelho do piso dos Coqueiros.

– Viééééémmm – ruge o povo nas cabeceiras.

Zé Augusto pára<sup>80</sup>. O beque<sup>81</sup> recomposto da finta levanta-se e investe<sup>82</sup>. O avançado-centro aguenta o pinhão. Outra finta de meia volta e o beque<sup>83</sup> [cai]<sup>84</sup> novamente.

– Xaxado! – grita<sup>85</sup> o peão enrouquecido.

–Viééééémm – sublinham outra finta.

Pássaros voam dos pés de Fintacai. Gritos das cabeceiras. E o remate é seco, curto, rasteiro. Como peixes, todos os músculos brilham ao sol da tarde. O guarda-redes é um novelo branco no chão. Cipaiais correm atrás dos miúdos<sup>86</sup> dos peões laterais, aos pulos debaixo dos cassetetes. E Tónico Gomes chora agarrado ao seu amigo Fintacai. Já não há risos loiros, nem uísque no estômago. Há um<sup>87</sup> rugir certo e seguro, um viém unísono, uma gargalhada única a sublinhar as fintas, um herói na tarde de sol de domingo.<sup>88</sup>

<sup>1</sup> (Fintacai) Augusto] “Fintacai” Augusto

<sup>2</sup> *A versão do ‘Jornal de Angola’ não inclui a dedicatória.*

<sup>3</sup> carne seca] carne rija

<sup>4</sup> pesa, e as] pesa e as

<sup>5</sup> branca, que até] branca que até

<sup>6</sup> Ainda tem] Tem

<sup>7</sup> fundo como] fundo, como

<sup>8</sup> amigo mas que ficou zangado porque dançou melhor do que ele costuma dançar.] amigo.

<sup>9</sup> Esqueces-te] Esqueceste

<sup>10</sup> Não há] E não há

<sup>11</sup> que um] do que um

<sup>12</sup> que disparassem] que disparam

---

13 se eleva em salto] se eleva, em salto  
14 traz sempre a bola junto a elas] a traz presa  
15 batida como] batida, como  
16 Ah!] Ah,  
17 elefante. Assim] elefante. § Assim  
18 e o trouxe] e trouxe  
19 rapaz melhor jogador] rapaz, melhor jogador  
20 monangamba. A vida] monangamba. § A vida  
21 semana, matabicha] semana e «matabicha»  
22 Pólo Norte por] Pólo Norte, por  
23 clube, e] clube. E  
24 que diz] que a diz  
25 branco, só porque] branco porque  
26 claro. Mas] claro, mas  
27 pensa] acha  
28 de súbito] depois devagar  
29 João Amaral, que] João Amaral que  
30 Vamos, pá.] Vamos pá.  
31 deixa-me] deixa  
32 a cara?] a cara!?  
33 o empregado] um empregado  
34 pára de agitar o shake] dirige-se para a mesa  
35 cala-te – Tónico] cala-te. – Tónico  
36 Zé Augusto não sabe que fazer] Não sabe que fazer Zé Augusto  
37 à Salalé] a Salalé  
38 puxou da permanente] tirou a permanente do bolso  
39 ri alto pela] ri alto. Pela  
40 vez, ri] vez, mas ri  
41 não como?] não, como?  
42 Não.] Não...  
43 *Os quatro parágrafos que se seguem constituem adições face à versão do*  
*‘Jornal de Angola’.*  
44 Anda, querido] Anda querido  
45 De Angola!] De Angola.  
46 Qual, Angola ninguém] Qual Angola, ninguém  
47 o que é!] o que é.  
48 mundo] Mundo  
49 Anda, escreve] Anda escreve  
50 desportistas negros americanos] desportistas americanos negros  
51 no Porto...] no Porto.

- 52 sonho que havia de ser] sonho  
 53 pensar nisso] pensar mais nisso  
 54 Aperta-lhe a mão] Aperta a mão a Salalé  
 55 de músculos] dos músculos  
 56 Saiu] Zé Augusto sai  
 57 a assobiar. Um grupo] a assobiar e um grupo  
 58 por ele e olha-o] por ele, olha-o  
 59 *A frase seguinte, o parágrafo posterior e a frase inicial do outro são uma adição face à versão do 'Jornal de Angola'.*  
 60 Fiat] «Fiat»  
 61 bebidas!...] bebidas.  
 62 Eh, este] Este  
 63 *Na versão do 'Jornal de Angola', o parágrafo é mais destacado, marcando uma divisão no conto.*  
 64 não ri] não ria  
 65 está comprado?] está comprado!  
 66 a zero e ainda] a zero, ainda  
 67 engraxadores, crianças,] crianças engraxadores,  
 68 jogar? §] jogar?  
 69 *A falta do demonstrativo na versão de 'Mensagem' constitui uma gralha, que corrigi com base no testemunho do 'Jornal de Angola'.*  
 70 *Em 'Mensagem', por gralha, dá-los.*  
 71 a Fintacai] para Fintacai  
 72 dos peões laterais] do peão lateral  
 73 raspa de leve] raspa, de leve  
 74 Como? Foi golo? Tónico] Tónico Gomes  
 75 aos saltos atirar] aos saltos a atirar  
 76 silenciosos na derrota, e] silenciosas na derrota e  
 77 Fintacai o melhor] Fintacai, o melhor  
 78 cresce, cresce e cobre] cresce, e cobre  
 79 defesa direito...] defesa direito.  
 80 Zé Augusto pára] Pára Zé Augusto  
 81 O beque] O defesa  
 82 e investe] e ataca  
 83 o beque] o defesa  
 84 *A falta do verbo na versão de 'Mensagem' parece constituir uma gralha, que corrigi com base no testemunho do 'Jornal de Angola'.*  
 85 – grita] Grita  
 86 dos miúdos] de miúdos  
 87 estômago. Há um] estômago. A bancada está silenciosa. Há um

<sup>88</sup> *A versão de 'Mensagem' suprimiu o seguinte excerto, com que terminava o conto no 'Jornal de Angola':*

E quando o pé do defesa-central se levantou à altura do joelho, Zé Augusto Fintacai não fugiu. Um avançado-centro é como um elefante. Remata sempre. A dor aguda percorreu-lhe a espinha como um relâmpago de fogo. O campo e o sol embaciaram-se-lhe na vista, sentiu mais uma vez o som único a cobrir a tarde de domingo mas já não viu os gandulos do peão.

– Golo, golo!

Só o som estrídulo da sirene subindo a Avenida do Hospital, o traço vermelho das buganvílias riscando os vidros da ambulância, chiar de travões, batas brancas.

– Isto está mau, mau...

Batas brancas, muitas batas brancas, sorriso branco em face negra, nova bata branca, uma voz irmã:

– Calma Zé Augusto, você vai ver, não custa nada, não vai mesmo doer nada...

Uma grande sonolência, maior que a do uísque, um riso loiro que devora a areia vermelha, um rugir imenso que cresce, igual, unísono, golo, golo, um pé enorme avançando, avançando para ele, impossibilidade de escapar, não pode fugir, não pode, e o riso loiro devora a areia, estrídulo, sarcástico, berrando Zé (Fintacai) Augusto, Fin... ta... ca... i... E depois a inconsciência, a noite total na tarde de sol do domingo dos Coqueiros.

Os bisturis rasgam os músculos secos que brilham na tarde de futebol.

Mas o sol volta com Tónico Gomes e João Amaral, que estão ali, diante dele, com um sorriso forçado nas caras queimadas. Trazem cigarros e chocolates. Jornais.

– Obrigado, como vai isso malta?

– Na mesma. Agora perdemos o campeonato.

– O médico disse que não era nada. Pró ano a gente dá-lhe!

– Sim, pró ano.

De fora há um barulho que cresce. Zé Augusto percebe a nascente do rugido único da sua última tarde de futebol nos Coqueiros. Sorri e acaricia o gesso da perna. A enfermeira que o tinha recebido no Banco entra já a falar:

– Pedi ao médico de serviço para os deixar entrar. Tudo visitas para ti... Por hoje concordou, mas só por cinco minutos.

As portas abrem-se, entra a onda de som de viéns e xaxados, pés descalços e calçados, caras risonhas, sujas, limpas. Mas têm todos os olhos dos viéns das tardes de futebol. E diante da perna engessada de Zé Augusto não dizem nada. Não há um ruído. Uma mão suja de tinta e pomada, segura uma bola de meia. E todos têm sorrisos limpos nas caras sujas. Há quem tire um maço de cigarros já aberto e o ponha na mesinha.

– Sô Fintacai vai ficar mesmo melhor...

---

É o mais miúdo que fala enquanto arrisca a mão sobre o gesso branco da perna. Zé Augusto sente qualquer coisa dentro dele, a fraqueza ou talvez o calor, o suor a chegar à pele, muito depressa, a correr e outra vez o som unísono, o rugir único de centenas de vozes negras irmãs:

– Viiiiééééémmmm... Fin... ta... ca... i... Fin... ta... ca... i...

Mas o desmaio não o deixa ver já os miúdos tristes a sair.

Cá fora, no meio das crianças, Tónico Gomes e João Amaral, dirigem-se para o «Fiat». Batem as portas e antes de arrancar o mulato suspira e diz, sem olhar o companheiro:

– É pena. Ia longe este tipo. O médico diz que nunca mais poderá jogar futebol.

Envolvidos pelo fumo acre do arranque, correm por algum tempo atrás do «Fiat» os meninos descalços e calçados, de sorriso limpo.

Só, segurando a bola de meia, o miúdo dos cigarros, ficou ainda, por algum tempo, parado, a olhar o hospital.

*Luanda, 10 de Janeiro de 1961*

*Jornal de Angola*. Luanda. 1-VII-1962, p. 6.

## MENINOS DE MUSSEQUE \*

(do romance inédito)

Onde mordeu o marimbondo, naquele dia de chuva, tem uma marca que não vai sair mais. É um pouco em cima do joelho e o Zeca mostra sempre. Mas a outra, aquela do chumbo do menino Nanito, filho do polícia, essa o Zeca esquia. Desculpa que é preciso baixar os calções, mas a gente sabe: o rapaz não quer que lhe façam pouco. É verdade que chumbo no mataco não é muito de mostrar, mas <sup>1</sup> a culpa é dele que <sup>2</sup> gosta de contar <sup>3</sup> os casos. Não é bem como ele fala que <sup>4</sup> sucedeu: o Zeca cada vez <sup>5</sup> que conta, mete sempre as coisas dele e <sup>6</sup> quando a gente vai ver, ninguém mais sabe <sup>7</sup> onde está a verdade e onde está a mentira.

Foi <sup>8</sup> num dia que nasceu com azar. Ainda <sup>9</sup> não eram cinco horas, escuro mesmo, quando grande confusão <sup>10</sup> começou lá no musseque. Os gritos vinham da cubata da Albertina mas como todos os vizinhos já estavam acostumados, ninguém se levantou <sup>11</sup>. Cada homem que ela arranjava lhe dava porrada. E o caso era sempre o mesmo <sup>12</sup>: depois de alguns meses de viverem lá em casa, uma <sup>13</sup> carga de surra, maleta na mão e nunca mais ninguém lhes via. Albertina <sup>14</sup> queria um filho e quando pedia <sup>15</sup>, havia <sup>16</sup> aquelas discussões e pancadas.

Mas nesse acordar da manhã <sup>17</sup> o barulho foi maior, <sup>18</sup> os gritos prolongaram-se <sup>19</sup> em uivos <sup>20</sup> e a vizinhança deu <sup>21</sup> mais importância, começando a levantar-se <sup>22</sup>, aproximando-se curiosos, <sup>23</sup> da cubata. Todas as mulheres estavam preocupadas, Albertina <sup>24</sup> andara segredando, sorridente, que já tinha mais de um mês <sup>25</sup>, aconselhando com <sup>26</sup> Sá Domingas e don'Ana, mães já

---

\* Este conto seria retomado no romance *Nosso musseque*, publicado em 2003 («Zeca Buné e outros», II, p. 31 e ss. da edição da Caminho). No final desta primeira versão, apresento, de uma forma simplificada, o confronto entre as duas publicações. As diferenças estão sinalizadas pelas chamadas de nota.

antigas e mesmo<sup>27</sup> com D. Branca<sup>28</sup>, mãe do Zeca, que no princípio<sup>29</sup> estava a dizer que mulher<sup>30</sup> que dorme com todos não é para ter filhos. Mas o<sup>31</sup> segredo foi mantido<sup>32</sup>, só mesmo<sup>33</sup> algumas meninas mais velhas sabiam e, por isso, naquela manhã todas se aproximavam vagarosas<sup>34</sup>, pressentindo<sup>35</sup> azar.

E nove horas já, quando<sup>36</sup> o Zeca Bunéu chegou para a brincadeira e encontrou os amigos<sup>37</sup> conversando o assunto:<sup>38</sup>

– Não acreditas? Minha irmã viu mesmo. Toda nua, rebolar no chão. Parece é o batalhão que lhe pisou<sup>39</sup> com as botas na barriga!

E miúdo Xoxombo batia com o pé descalço para mostrar. O Biquinho não queria acreditar, não senhor.<sup>40</sup> É verdade sô Américo era mesmo um batalhão<sup>41</sup>, mas um homem<sup>42</sup> não pode fazer isso!<sup>43</sup>

– Te digo. Parece é ela já tinha o filho dele na barriga e ele não queria.<sup>44</sup>

– Ená! Mas estava toda nua? – Perguntou, rindo, os dentes podres<sup>45</sup>, o Zito.

– Sukuama! Sempre a pensar nas porcarias.<sup>46</sup> Cala-te a boca!<sup>47</sup>

Aí o Zeca entrou, logo<sup>48</sup> a dizer que só ele sabia porque tinha visto<sup>49</sup> mesmo a Albertina torcendo-se no chão e a cara dela branca, branca, parecia era papel, quando lhe meteram na carrinha dos bombeiros. Puxou seu jeito de contar, mas agora sério, falando que homem que pisa na mulher não é homem. Mesmo<sup>50</sup> se é mulher de todos, não faz diferença<sup>51</sup>.

E com estas conversas o sol subia no céu sem nuvens, por cima da gajajeira. Carmindinha e Tunica, batucando no fundo das latas, já tinham passado para buscar água e da casa do capitão Abano, ouvia-se o barulho de Sá Domingas batendo a roupa na celha. Às vezes, trazida pelo vento pequeno que sopra nas manhãs, a voz do pai do Zeca, berrando insultos nos oficiais, era assunto para conversa.

A confusão do princípio da manhã fora falada ainda no matabicho antes dos homens partirem para o serviço, mas depois que os monas saíram para brincar, as mulheres, chamadas por seus trabalhos diários, calaram o assunto. Só que, lavando ou cozinhando, lamentavam para si a pobre Albertina, que queria um filho e acabava sempre com a confusão.



E foi quando já estavam todos sentados, <sup>52</sup> chupando as gajajas maduras, que Sá Domingas apareceu na porta, o quimono solto sobre os seios gordos balançando e chamou, zangada: <sup>53</sup>

– Xoxombo! Xoxomboéé! Vem cá! <sup>54</sup>

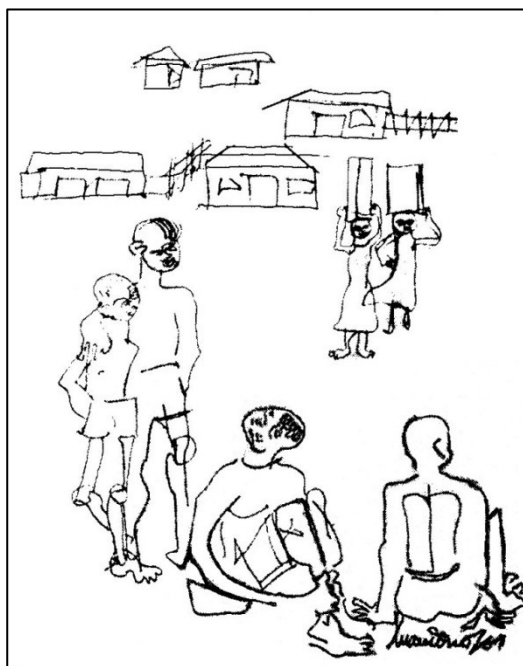
Xoxombo levantou de um salto, atirou com a fisga para o Zito e saiu a correr, murmurando:

– Eué!

Zeca Bunéu <sup>55</sup>, Zito e Biquinho ficaram a ouvir, assustados, já conheciam <sup>56</sup> aquele chamamento de Sá Domingas. Se <sup>57</sup> calhar ia-lhe pôr jindungo, tinha ouvido mesmo o menino falar aquelas conversas da Albertina nua. Esse Xoxombo não tem cuidado, bem que se lhe avisa, mas nada. Agora pronto! Os gritos agudos <sup>58</sup>, o barulho das pancadas e a <sup>59</sup> voz zangada de Sá Domingas, chegaram até <sup>60</sup> debaixo do pau.

– Aiuê, aiuê, mam' é <sup>61</sup>! Nakuetuéé!

– Seu mal educado, já se viu! Toma!



Desenho de Luandino Vieira que acompanhava a edição original

Ouvia-se aquele barulho conhecido, do <sup>62</sup> pau do funji <sup>63</sup> nas mãos, no mataco e o Xoxombo gritando <sup>64</sup> parecia era cabrito. Sá Domingas falava o castigo <sup>65</sup> e sentia-se o filho a correr dentro da cubata <sup>66</sup>, tropeçando nas coisas. Depois ficou só a voz da mãe <sup>67</sup> a ralhar e o choro soluçado do Xoxombo até que, abrindo a porta e mostrando o pau, a mulher do capitão Bento Abano <sup>68</sup> deu berrida nos amigos do filho <sup>69</sup>:

– Mal educados! E esse cangundo é o pior. Aposto foi ele <sup>70</sup> quem andou a escrever <sup>71</sup> essas coisas no Xoxombo. N’gueta sem educação!

Já se sabia! Tudo quanto aparecia de malandragem lá no musseque, era <sup>72</sup> sempre o Zeca Bunéu. Pronto! Naquela manhã já não havia <sup>73</sup> mais o Xoxombo para brincar. E logo nesse dia que o Zeca trazia a caixa de fósforos com um kissonde grande que tinha agarrado, só <sup>74</sup> para lutar com o kafuka do Xoxombo. Azar!

Por isso, onze horas <sup>75</sup> quando Carmindinha e Tunica passaram para baixo com as latas da água na cabeça, foram todos <sup>76</sup> devagarinho até ao <sup>77</sup> quintal e chamaram o companheiro. Sentado numa pedra, soluçando de raiva <sup>78</sup>, Xoxombo fazia desenhos no chão com um bocado de catandú. Quando Sá Domingas foi para dentro com as filhas, <sup>79</sup> para começar a fazer o almoço, <sup>80</sup> cha-maram-lhe <sup>81</sup>:

– Xoxombo! Xoxomboéé! <sup>82</sup>

O menino levantou-se <sup>83</sup>, cauteloso, veio devagarinho, encostou <sup>84</sup> nas aduelas e Biquinho <sup>85</sup> pediu:

– Xoxombo, empresta ainda kafuka <sup>86</sup> para lutar com o kissonde <sup>87</sup> do Zeca.

– Não empresta <sup>88</sup> nada. Vão à merda!

– Xoxombo, mas a gente te fez mal? Diz só, te fizemos mal?

Xoxombo abana com a <sup>89</sup> cabeça e depois respondeu <sup>90</sup>:

– O sacana do Nanito aldrabou-me, mas <sup>91</sup> logo <sup>92</sup> rebento-lhe as fuças, vai ver! Juro sangue de Cristo!

Fez as cruces de cuspo <sup>93</sup> na mão, mas não emprestou o kakufa. Que não senhor, era um mestre, tinha-lhe custado a apanhar e quando ia sair de <sup>94</sup> tarde, queria pelejar com o kissonde <sup>95</sup> do Zeca e dar-lhe uma surra.

– Mas Xoxombo, conta então. Nanito fez o quê?

O menino pôs a cara <sup>96</sup> de mau e, sempre soluçando <sup>97</sup>, foi falando em voz baixa, para a mãe e as irmãs não ouvirem lá dentro. <sup>98</sup>

– O Nanito estava a comer o abacate <sup>99</sup> dele, depois perguntou-me <sup>100</sup>: «Xoxombo, queres um brinquedo?» Aí eu disse: «Sim». Então o gajo pôs o caroço do abacate no bolso da minha bata e disse: «Eu desenho agora cá fora o brinquedo que tu queres e logo à noite tu encontras <sup>101</sup>».

Zeca Bunéu começou <sup>102</sup> a rir, o <sup>103</sup> Xoxombro também queria rir, mas <sup>104</sup> os soluços atrapalhavam <sup>105</sup>.

– Xé, seu burro! Então não sabias abacate põe nódoa, não sai mais?

– Esqueci naquela <sup>106</sup> hora. Rebento-lhe as fuças. O sacrista desenhou mesmo uma asneira. <sup>107</sup>

E, olhando para casa <sup>108</sup>, disse baixo <sup>109</sup> o nome do desenho. Uma gargalhada de todos saltou para dentro do quintal e entrou pela cubata <sup>110</sup>. A correr <sup>111</sup>, pelo capim, ainda ouviram a voz de Sá Domingas berrando <sup>112</sup> insultos, enquanto Xoxombo fugia para junto de Carmindinha.

E foi mesmo nesse dia de azar <sup>113</sup>, já tão cheio de confusão desde manhã, que sucedeu o chumbo no mataco de Zeca <sup>114</sup> Bunéu.

---

<sup>1</sup> mostrar, mas] mostrar mas

<sup>2</sup> dele que] dele, que

<sup>3</sup> gosta de contar] gosta contar

<sup>4</sup> fala que] fala, que

<sup>5</sup> o Zeca cada vez] o Zeca, cadavez

<sup>6</sup> as coisas dele e] as partes dele e,

<sup>7</sup> mais sabe] sabe mais

<sup>8</sup> a mentira. § Foi] a mentira. § 1. § Foi

<sup>9</sup> azar. Ainda] azar. § Ainda

<sup>10</sup> grande confusão] uma grande confusão

<sup>11</sup> mas como todos os vizinhos já estavam acostumados, ninguém se levantou] ninguém que se levantou logo, os vizinhos já estavam acostumados

<sup>12</sup> porrada. E o caso era sempre o mesmo] porrada, era sempre o mesmo caso

<sup>13</sup> em casa, uma] em casa, comerem à custa da pobre, beberem à custa da pobre, uma

<sup>14</sup> Albertina] Só porque Albertina

<sup>15</sup> um filho e quando pedia] um filho, falava que estava se sentir muito sozinha e,  
 sempre que pedia  
<sup>16</sup> havia] tinha  
<sup>17</sup> Mas nesse acordar da manhã] Nesse dia, quando a manhã acordou,  
<sup>18</sup> foi maior,] era maior, diferente,  
<sup>19</sup> prolongaram-se] se prolongaram  
<sup>20</sup> uivos] gemidos  
<sup>21</sup> deu] começou dar  
<sup>22</sup> começando a levantar-se] adiantou sair  
<sup>23</sup> aproximando-se curiosos,] aproximando-se, curiosos e preocupados,  
<sup>24</sup> Todas as mulheres estavam preocupadas, Albertina] Albertina  
<sup>25</sup> um mês] dois meses  
<sup>26</sup> aconselhando com] conversando com  
<sup>27</sup> antigas e mesmo] antigas, mesmo  
<sup>28</sup> D. Branca] dona Branca  
<sup>29</sup> que no princípio] que, no princípio,  
<sup>30</sup> estava a dizer que mulher] estava dizer mulher  
<sup>31</sup> Mas o] Esse  
<sup>32</sup> mantido] guardado nas vizinhas  
<sup>33</sup> só mesmo] só  
<sup>34</sup> aproximavam vagarosas] chegaram medrosas  
<sup>35</sup> presentindo] pensando  
<sup>36</sup> azar. § E nove horas já, quando] A coitada da Albertina lá estava, rebolando no  
 chão do quarto, torcendo parecia era cobra mesmo gorda como era e o sangue  
 descia nas pernas, sujava a combinação, o cimento. Don'Ana é que adiantou  
 entrar, acendeu o candeeiro e nenhuma menina nem miúdo que deixaram ver  
 também. Os mais-velhos não aceitaram, fecharam logo a porta. Só sentimos os  
 gemidos, as vozes a falar baixo, esses assuntos a gente não percebia bem,  
 barulho de porem a Albertina na cama dela e, mais tarde, nem mesmo deixaram  
 nos espiar quando meteram a branca na carrinha dos bombeiros. § Essa confusão  
 do princípio do dia falaram-lhe muito na hora do matabicho, antes dos homens  
 partirem no serviço e os monas saírem para brincar. Depois, chamadas nos seus  
 trabalhos de todos os dias, as mulheres calaram o assunto. Só que, lavando ou  
 cozinhando, lamentavam a pobre da Albertina que queria um filho e acabava  
 sempre com a confusão. As meninas Carmindinha e Tunica, batucando o fundo  
 das latas, já tinham passado para buscar água e da casa de sá Domingas só vinha  
 a cantiga da senhora batendo a roupa na selha, quando  
<sup>37</sup> encontrou os amigos] deu encontro seus amigos  
<sup>38</sup> assunto:] assunto.  
<sup>39</sup> que lhe pisou] lhe pisou

<sup>40</sup> mostrar. O Biquinho não queria acreditar, não senhor.] mostrar no Biquinho, ele não queria lhe acreditar.

<sup>41</sup> um batalhão] um tropa

<sup>42</sup> homem] homem de verdade

<sup>43</sup> isso!] isso.

<sup>44</sup> queria.] queria...

<sup>45</sup> rindo, os dentes podres] rindo os dentes todos

<sup>46</sup> a pensar nas porcarias.] a pensar as coisas podres!

<sup>47</sup> a boca!] a boca, mas é!

<sup>48</sup> entrou, logo] aproveitou para entrar logo

<sup>49</sup> sabia porque tinha visto] sabia, tinha visto

<sup>50</sup> homem. Mesmo] homem, mesmo

<sup>51</sup> não faz diferença] não tem diferença

<sup>52</sup> § E com estas conversas o sol subia no céu sem nuvens, por cima da gajajeira. Carmindinha e Tunica, batucando no fundo das latas, já tinham passado para buscar água e da casa do capitão Abano, ouvia-se o barulho de Sá Domingas batendo a roupa na celha. Às vezes, trazida pelo vento pequeno que sopra nas manhãs, a voz do pai do Zeca, berrando insultos nos oficiais, era assunto para conversa. § A confusão do princípio da manhã fora falada ainda no matabicho antes dos homens partirem para o serviço, mas depois que os monas saíram para brincar, as mulheres, chamadas por seus trabalhos diários, calaram o assunto. Só que, lavando ou cozinhando, lamentavam para si a pobre Albertina, que queria um filho e acabava sempre com a confusão. § E foi quando já estavam todos sentados,] § Sentados,

<sup>53</sup> madurinhas, que sá Domingas apareceu na porta, o quimono solto sobre os seios gordos balançando e chamou, zangada:] madurinhas, tiradas com as pedradas, deixavam o tempo correr assim, nada que lhes distraía naquela hora desse assunto da Albertina e do mistério que tinha essa doença dela, cada qual queria pôr sua opinião mas, no fim, tudo ficava na mesma: ninguém que sabia, não adiantava falar à toa.

<sup>54</sup> cá!] cá!...

<sup>55</sup> Zeca Bunéu] Sá Domingas estava na porta, o quimone solto sobre as mamas grandes balançando, chamando, zangada. O menino levantou dum salto, deixou a físga no Zito e saiu nas corridas. Zeca Bunéu

<sup>56</sup> a ouvir, assustados, já conheciam] a mirar, conheciam bem

<sup>57</sup> chamamento de Sá Domingas. Se] chamamento, se

<sup>58</sup> gritos agudos] gritos do miúdo

<sup>59</sup> pancadas e a] pancadas, a

<sup>60</sup> Sá Domingas, chegaram até] Sá Domingas chegaram

<sup>61</sup> mam'ê] mam'etuê

<sup>62</sup> conhecido, do] conhecido do

<sup>63</sup> do funji] de funji  
<sup>64</sup> gritando] a berrar  
<sup>65</sup> o castigo] o castigo, batia zangada  
<sup>66</sup> cubata] casa  
<sup>67</sup> Depois ficou só a voz da mãe] A voz dela  
<sup>68</sup> até que, abrindo a porta e mostrando o pau, a mulher do capitão Bento Abano] puseram medo nos amigos. Mamã Domingas abriu a porta, ameaçou,  
<sup>69</sup> berrida nos amigos do filho] berrida  
<sup>70</sup> foi ele] é ele  
<sup>71</sup> andou a escrever] andou escrever  
<sup>72</sup> no musseque, era] no nosso musseque era  
<sup>73</sup> havia] tinha  
<sup>74</sup> grande que tinha agarrado, só] grande só  
<sup>75</sup> Por isso, onze horas] Tristes, saíram pelo capim acima, experimentando a pontaria nas garrafas vazias e durante o resto da manhã se perderam pelos cajueiros e muxixes zunindo pedradas nos pássaros. Só onze horas,  
<sup>76</sup> foram todos] é que foram  
<sup>77</sup> até ao] até no  
<sup>78</sup> de raiva] ainda com a raiva dele  
<sup>79</sup> Quando Sá Domingas foi para dentro com as filhas,] Sá Domingas estava lá dentro com as filhas  
<sup>80</sup> para começar a fazer o almoço,] para adiantar fazer almoço  
<sup>81</sup> chamaram-lhe] aproveitaram para lhe chamar  
<sup>82</sup> Xoxomboéé!] Xoxomboéé!!  
<sup>83</sup> levantou-se] levantou  
<sup>84</sup> devagarinho, encostou] devagarinho e encostou  
<sup>85</sup> aduelas e Biquinho] aduelas. Biquinho  
<sup>86</sup> kafuka] o teu cafuca  
<sup>87</sup> com o kissonde] no kissonde  
<sup>88</sup> empresta] empresto  
<sup>89</sup> abana com a] abanou a  
<sup>90</sup> e depois respondeu] para responder  
<sup>91</sup> aldrabou-me, mas] m'aldrabou-me. Mas  
<sup>92</sup> logo] logo-logo  
<sup>93</sup> de cuspo] do cuspo  
<sup>94</sup> sair de] sair, de  
<sup>95</sup> com o kissonde] no kissonde  
<sup>96</sup> a cara] cara  
<sup>97</sup> soluçando] a soluçar  
<sup>98</sup> baixa, para a mãe e as irmãs não ouvirem lá dentro.] baixa:

---

<sup>99</sup> estava a comer o abacate] estava comer abacate  
<sup>100</sup> perguntou-me] me perguntou-me  
<sup>101</sup> encontras] encontras no bolso  
<sup>102</sup> começou] desatou  
<sup>103</sup> a rir, o] a rir e o  
<sup>104</sup> rir, mas] rir mas  
<sup>105</sup> atrapalhavam] atrapalhavam-lhe  
<sup>106</sup> Esqueci naquela] Esqueci, naquela  
<sup>107</sup> asneira.] asneira!  
<sup>108</sup> para casa] para dentro de casa  
<sup>109</sup> baixo] em voz baixa  
<sup>110</sup> cubata] cubata, provocando  
<sup>111</sup> A correr] Na zuna  
<sup>112</sup> berrando] a gritar  
<sup>113</sup> dia de azar] dia  
<sup>114</sup> de Zeca] do Zeca

*Jornal de Angola*. Luanda. Natal e Ano Novo de 1962, pp. 3 e 23.

## MIÚDO CAMBA

Fazia Novembro. Um sol fino de começo de manhã estremunhava postigos e da negra estrada o vapor subia lento na falta de aragem. O capim verde, húmido ainda da chuva da noite, crescia jovem. Terra Nova despia suas pálidas cores velhas de musseque encostado a bairros populares brancos, de telha vermelha e pequenos jardins. As cubatas baixas e escuras olhavam as casas novas, das órbitas das janelas abertas pra o dia.

Era ainda cedo mas o povo já ia irrigando avenidas largas, mais para baixo, caminho do trabalho. O passo rápido, igual, de semanas e meses, lavadeiras, cozinheiros, criados[,] carregadores, navegavam a cidade. No musseque, só meninos sem escola corriam ruas de areia ou mijavam contra as paredes.

Um cajueiro zunia na manhã clara um ninho de marimbondos. As flores pequenas e brancas perfumavam o ar e havia um cheiro de terra fresca onde um sol-criança brincava. Zito, miúdo Camba e Catete assavam castanhas à sombra da velha árvore. O fogo ardia mal com o óleo a escorrer dos furos da lata. Catete remexia as castanhas com um pau, mas faziam sempre muito fumo. Tinham vindo mais de cima, da estrada, onde os cajueiros já gemiam ao peso dos frutos coloridos. Ali, a velha árvore, ainda se despia de flores, chovera tarde na cidade.

Zito acabou com o silêncio:

– Vamos brincar ao curte meu?

– Vamos – concordou Catete.

Um «Chevrolet» correu a fita da estrada e encolhido numa segunda, derivou para a bomba da gasolina. Zito bateu palmas.

– Curte meu!

– Hum, esse Zito só curte «Chevroletes». Curte meu! – berrou Catete.

Zito riu e apontou troçando:

– Eué você pode curtir mesmo esse. P’ra quê eu quero, jeep não é espada!



Era um jeep verde, da polícia, que passou devagar. Quatro polícias patrulhavam. Depois só camiões saíam a cidade e o jogo foi perdendo o interesse. Era preciso curtir a vez ao outro, o que avistava um carro dizia «curte meu»[,] aquele carro era dele, ninguém que podia curtir sentença, dizer o contrário e ficar com o carro. Pertencia a quem dizia primeiro «curte meu». Jogo inocência, ilusão de carros de papelão com rodas de tampas de gasosas, sonhando cromados reluzentes.

– Qu' é que você ' tá fazer Camba?

A fala de Zito encontrou miúdo João muito distraído, esticando bocados de nylon sobre uma tábua de barril. Numa das pontas tinha pregado uma lata de azeite, vazia. Esticava bem os fios e ria para cima, um sorriso com os dentes todos, um sorriso bem dentro dele e da sua viola.

– ' Tou fazer minha viola e depois?

Zito e Catete riram. Uma viola?! Esse miúdo, cambaio desde que lhe pariram, tinha a mania da música, das violas.

– Deixa só essas coisas. Vem mas é aqui soprar no fogo e mexer as castanhas. Senão você não come.

Miúdo João, Camba como lhe chamavam pois era pequenino e de pernas arqueadas, levantou-se e foi mexer a lata das castanhas. Mais carros correm velozes o asfalto, a estrada alarga-se de tráfego, o maximbombo da linha 16 começa a aparecer ao fundo, junto à curva, antes da esquadra de polícia. E à sombra fresca do cajueiro, onde pardais discutiam, Zito, Catete e o miúdo Camba continuam assando castanhas. O dia já se abriu todo e um silêncio feito de ruídos quotidianos cobria a calma da manhã.

– Xê olha só, olha só! Eué! Carlitos vem ali com o pai e a mãe dele! Todo suingue, gravata até!

Da estrada de asfalto que corta o musseque num grito rectilíneo direito a Benfica, vinham devagar sô Magalhães, dono da Kitanda, sua mulher, Dona Ester com Carlitos pela mão. O miúdo já de longe deitava olhadelas ansiosas e medrosas para o cajueiro onde adivinhava reunidos como sempre, os companheiros das brincadeiras da tarde, quando, depois dos deveres, saía, às escondidas, brincar para as ruas de terra vermelha e amarela. A mãe gritava, puxava-lhe as orelhas até à dor e berrava:

– Não te quero misturado com negros. Ouviste?! Anda uma pessoa a fazer sacrifícios, a dar-te instrução num colégio da Baixa e tu sempre na companhia desses negros vadios!

– Qualquer dia esborracho-te rapaz! Livra-te de te pôr as mãos em cima.

Sô Magalhães, mangas arregaçadas ou camisola interior, berrava lá de dentro, a ajudar, entre três copos de vinho servidos a trabalhadores desiludidos, de olhos cansados.



Ilustração de Luandino Vieira para a edição do *Jornal de Angola*

Mas Carlitos queria brincar. No colégio já troçavam dele, da troca dos acentos, abrindo as vogais fechadas, fechando as abertas. E a bata e o corpo tinham um tom avermelhado que nada lavava. Fugia de casa e com o Zito, o Maneco, mesmo miúdo Camba que não gostava dele, ia aos pássaros ou tomar banho nas cacimbas das chuvas. E sempre que podia falava da história e de geografia aos companheiros que não sabiam o que era uma escola. A

inferioridade dele ficava assim vingada da experiência dos meninos dos musseques. Mas sempre a mãe, sempre o pai, os puxões de orelhas, os sopapos no pescoço, a voz constante:

– Não te quero ver na rua com esses negros vadios!

Agora ali vai, furtivamente olhando os companheiros que riem, trocistas.

– Eué, vocês já viram o fato dele?! Calças não são tuas Carlitos... Tua mãe fez das calças do pai!

Miúdo Camba ri malandro e com ele Catete e Zito. Carlitos, cabisbaixo, vai pela mão da mãe que, de saltos altos e um incrível vestido de veludo vermelho, baloiça a barriga. Sô Magalhães com muita brilhantina nos cabelos já raros, a camisa branca por fora das calças sobre o ventre redondo e saído, avançava a custo com os pés habituados a chinelos na loja, metidos em sapatos novos, luzidios. Todo o grupo tinha um ar de banho recente. Dona Ester pusera mesmo baton o que na sua cara de ex-camponesa era uma mancha madrasta.

– Carlitos é um coitado – disse Zito. Olha só Catete: calça comprida, gravatinha e boné de palinha! Hum, quer parecer homem, parece é mesmo boneco.

Ele ouviu e olhou os amigos de lado quando passaram perto do cajueiro, caminho da paragem, vinte ou trinta metros abaixo. Rindo sempre, miúdo Camba gritou ainda de maneira que ele pudesse ouvir:

– Até nem foi à escola hoje Carlitos! Se calhar você vai tirar fotografia e vão-te mandar no seminário.

O pai segurava na mão papéis semi-embrulhados em jornal. Dona Ester abriu a pasta e tirou um pequeno espelho. Compôs a permanente nova, de muitos anéis pequeninos e Carlitos, solto, virou-se para o cajueiro. Catete fez-lhe uma careta. Camba e Zito troçaram por gestos e ele estendeu o médio da mão direita, num gesto obsceno. A bofetada apanhou-o por detrás da orelha e o boné de feltro com duas bandeirinhas à frente, voou pelo asfalto.

– Sacana, quantas vezes é preciso dizer-te que não quero confianças com esses negros?! Por isso mesmo vamos tratar dos papéis. Interno-te num colégio, ah isso faça. Meto-te na linha, sacrista!

Carlitos apanhou o boné ouvindo as risadas altas e trocistas dos três miúdos sob o cajueiro.

O sol subia devagar, queimando as últimas gotas de água soltas pelo capim. A estrada já não fumegava, era um espelho de calor. O fumo das castanhas, empurrado pelo pequeno vento distendia-se preguiçoso, envolvendo a paragem dos maximbombos. Dona Ester tossiu e Carlitos sorveu o cheiro já familiar. Sentiu-se melhor da bofetada.

Estrada acima, gritando números apenas decorados, um pequeno cauteleiro, vinha brincar baloiçando nas mãos bilhetes da sorte. Dava pontapés nas pedrinhas da estrada, gritando um número a cada golpe. Parou muito quieto, olhou os olhos do sô Magalhães e com calma atenção, as calças de fazenda de Carlitos. As suas eram de caqui e muito remendadas. Não trazia nada na cabeça e os cabelos fartos anelavam-se sobre as orelhas. Estendeu a mão com o bilhete, sorrindo sério para o outro miúdo:

– É p’ra amanhã. Popular! É p’ra amanhã, vai um freguês?!

Sô Magalhães baixou os olhos, envergonhado e abanou a cabeça.

– Só um vigésimo freguês! Para a senhora. É o último, freguês!

A voz do miúdo irritava-o. Parecia impossível deixarem andar assim um miúdo branco a vender lotaria! Isto estava a ficar pior... qualquer dia não havia respeito nenhum, não se sabia o que era trabalho de negro e trabalho de branco. E esse pensamento mais o sorriso bondoso de Dona Ester e o olhar camarada de Carlitos, irritaram-no ainda mais, fizeram o berro.

– Vai-te embora, já disse que não quero nada! Não chateies! Vai mas é trabalhar!

Dona Ester olhou o marido admirada. Carlitos baixou os olhos.

– É assim mesmo. Devia era ir p’rá escola ou pr’á oficina. Vai-te embora, já te disse!

O olhar inocente, calmo, de cão, irritava-o cada vez mais. O pequeno cauteleiro meteu novamente os bilhetes da sorte sobre o braço e seguiu, devagar, estrada acima. O andar não era tão jovem já. A voz e os números silenciaram no ruído da manhã de sol. Carlitos ainda procurou olhar, ver para onde ele ia, mas o pai fixava-o de tal maneira, que teve medo. Amor paternal, o medo, o ódio, a insegurança, naquele olhar que o fixava, quieto. Inconscientemente apertou-se contra a mãe.

– Que chatice este maximbombo! Nunca mais vem, isto não é bairro de ricos... senão!

Sô Magalhães limpava o pescoço gordo ao lenço vermelho florido e transferia a cólera. Mas de sob o cajueiro, vieram novamente risos. Carlitos estendeu os olhos naquela direcção. Miúdo Camba estava a falar com o pequeno cauteleiro e Catete e mais Zito riam muito.

– Mentira! Você veio cá em cima eu sei porquê. Porque você anda a vender lotaria? Você então não vai na escola?

O miúdo não sabia responder. Sorria, sorria para as caras malandras gozando, mas sentia que não podia dizer nada, não sabia explicar, aqueles miúdos eram estranhos e quanto mais dissesse menos eles percebiam. Intimidado, guardou os poucos bilhetes de lotaria no bolso e depois apontou para a fogueira:

– Qu' é que estão a fazer?

– Assar castanhas.

– Isso não são castanhas.

– Hum, você não sabe o que é cajú, castanha de cajú?

Miúdo Camba apontou para cima, a sorrir:

– Este pau é que dá os cajús e as castanhas; a gente assa e lá dentro tem uma castanha boa. E você porquê anda a vender lotaria aqui em cima?

O pequeno cauteleiro não respondeu. Viera vindo, estrada acima, pela Vasco da Gama e outras ruas que não conhecia, brincando aos pontapés com as pedrinhas do caminho. É verdade que a casa do tio era para ali, para aqueles lados, era só atravessar os eucaliptos para lá dos Bairros Indígenas.

– Xé seu n'gueta!

Catete estava diante dele com um ar muito sério na cara já velha. Teria doze anos mas era forte e alto e fazendo aquela cara de mau, parecia ainda mais velho. O miúdo levantou-se atemorizado e Catete agarrou-o pelos ombros e disse virado para os amigos:

– Hum, esse gajo veio mas é cá em cima ver as nossas irmãs. Eu já conheço estes n'guetas! Mano Xico diz-me sempre isso e ele sabe. Vêm desrespeitar as nossas miúdas, verdade Camba?

– Verdade, esses cangundos gostam desrespeitar mesmo...

– Mas eu...

O miúdo olhava em redor, olhava um por um nos olhos e era a mesma cara que encontrava, impenetrável. Não sabia que fazer. Da paragem Carlitos espiava, o pescoço torto e o corpo direito para o pai não notar.

– Se você veio fazer malandro com as nossas miúdas, rebento-te as fuças!

– Mas... fazer malandro, o que é?

Tentou sorrir um sorriso amigo, mas os lábios estalaram, secos. Os olhos de Catete riram ao dizer:

– Eué, você então não sabe o que é malandro. Eué esse gajo não é homem, deixa ver só!

E a mão rápida de Catete baixou-se entre as pernas do pequeno cauteleiro. Um grito, três gargalhadas sob o cajueiro e o miúdo rebojava-se esperneando de dor súbita. Ficou depois a gemer e quando se levantou estava a rir com as lágrimas nos olhos e ainda dorido, mas mais à vontade. Catete olhando-o trocista, disse:

– Se você veio p’ra abusar eu lixo-te, enh, não é verdade Camba?

Camba disse que sim com a cabeça e continuou a mexer a segunda vaza de castanhas. O cauteleiro abaixou-se junto a eles e os quatro ficaram à volta do fogo, tossindo o miúdo branco com aquele fumo de cheiro acre que nunca lhe penetrara no nariz. Carlitos, da paragem, olhava tudo aquilo com inveja do miúdo da lotaria. Pedia baixinho que o maximbombo não viesse depressa, talvez ainda pudesse fazer uma fuga e ir brincar com os amigos.

Continuou a olhar. O miúdo meteu a mão no bolso das calças e tirou uma espécie de cigarro que acendeu num fio duma ponta. Catete, Zito, e o miúdo Camba olhavam admirados. O cigarro fugiu-lhes das mãos, correu no chão parecia sardão, levantou-se às voltas queimando as pernas de Zito que, com Catete e Camba, fugiu aos pulos pelo capim, deixando atrás de si o cauteleiro a rir e a lata de castanhas esventrada no chão. Carlitos reprimiu a risada e pensou que era bom ir brincar agora que o cauteleiro tinha bichas de rabiari.

À volta dele, cada vez mais curiosos, Camba, Zito e Catete, olham a sorrir outra bicha. Já tinham visto, eles conheciam do Carnaval mas só de ver fugir. Sabiam que quem vendia era sô Aparício do Baleizão, mas nunca pegaram nenhuma. Afinal é mesmo um cigarro com um fio. Para quê o fio?

– Aqui bota-se o fogo, este fio arde e pronto!

Zito riu admirado. Camba olhou muito sério e depois agarrou a bicha e tirou-a da mão do miúdo das cautelas.

– Dá cá isso!

– Não dou nada. Xé, larga lá, larga lá. Rebento-te as fuças...

O miúdo agarrava com força mas Camba deu um puxão rápido e ficou com a bicha.

Vencido, encolheu os ombros e resmungou:

– Oh, tenho mais no bolso. Podes deitar essa.

A tremer, miúdo João, o Camba corajoso de todas as partidas, agarrou um pau aceso e encostou-o soprando com os olhos bem abertos. O fio começou a arder e ele a rir, a olhar.

– Atira, atira fora, atira!

Sacudiu o braço com medo e a confusão dos gritos. A bicha pelo ar e aos ziguezagues correu entre sô Magalhães e Dona Ester aos saltos, dando ais histéricos. Carlitos fugiu para o meio da estrada, a rir! A mala da mãe caiu, a bicha perseguia-a. Sô Magalhães aos pulos, Carlitos ria. Mas já sobre o capim, o ventre rebolando, o ódio nos olhos, a boca aberta, sô Magalhães corria para o cajueiro. Rápidos como onças, Catete, Zito e Camba saltaram e correram,

– Xé miúdo[,] foge, foge. Xé, foge! – gritou ainda Camba para o cauteleiro que tinha ficado de costas para a paragem. Mas não teve tempo. O primeiro soco apanhou-o na cabeça e atirou-o ao chão. Um pontapé nas costas e a vista fugiu-lhe. Uns braços fortes e<sup>1</sup> levantarem-no e sentiu-se atirado como um fardo para cima da fogueira. Fagulhas no ar, as castanhas espalharam-se e a lata deixou correr a resina.

Torcendo-se de dores o pequeno cauteleiro encolheu-se mais, esperando. Mas sô Magalhães já ia novamente pelo capim fora, bufando que nem uma pacaça velha, a camisa suja no peito, sacudindo as mãos, aos roncros.

– Negros filhos da mãe! Julgam que podem brincar sempre. Cambada, racho-os a todos, cambada de vadios.

Dona Ester, de pé tentava endireitar o salto partido. Carlitos olhava o pai e a mãe e dentro dele uma onda irreprimível de riso, chegava a correr. A mãe

---

<sup>1</sup> (Nota do Ed.) Possível gralha, por *a levantarem-no*.

despenteada, o vestido incrível de veludo vermelho cheio de pó da estrada, dizendo asneiras em voz baixa. O pai sacudia sobre a barriga, a camisa branca e cuspiu. E o riso chegou, ditador, sem o poder deter, como a bicha de rabiari e correu para fora dos lábios. Três estalos, uma cara muito vermelha, lágrimas nem ele sabia de que, frescas, muito frescas e um braço de ferro à volta do seu pulso frágil:

– Para um colégio cão vadio, p’ra um colégio é que tu vais. Interno-te, não vês mais o sol. A fazer pouco do pai e da mãe, a rir com os negros! Isto há cada uma, cão!

Mais bofetadas. Descomposta e mais humana, Dona Ester tentou apaziguar:

– Deixa lá o garoto, também que mal é que fez? Na idade dele...

– Cala-te senão...

Mas o maximbombo cortou a discussão. Subiram com Carlitos limpando as lágrimas à manga da camisa.

Lentamente, de novo reunidos debaixo do cajueiro que zumbia alegres flores brancas, Zito, Catete, o rapaz da lotaria e miúdo Camba entreolharam-se. De sob as lágrimas e a terra vermelha que lhe enchia a boca o miúdo das cautelas germinou um sorriso. E todos ao mesmo tempo se abaixaram. Quatro pedras certas bateram nas chapas azuis do maximbombo da linha 16, ao sol da manhã, rodando na estrada negra, com o menino Carlitos espreitando contente, o nariz esborrachado no vidro da janela, os quatro miúdos aos saltos, correndo pelo capim de sardões, cacos e lixo para os braços abertos do musseque Terra Nova.



*Novos contos d'Africa: antologia de contos angolanos*. Sá da Bandeira: Publicações Imbondeiro, 1962, pp. [161]-178.

## OS MIÚDOS DO CAPITÃO BENTO ABANO \*<sup>1</sup>

Alcunha, quando a gente tem, tem por alguma razão. Esta opinião sustentava <sup>2</sup> sempre que o acaso <sup>3</sup> me juntava com Zeca Bunéu e Carmindinha, recordando <sup>4</sup> Xoxombo. Tunica nunca mais esteve presente <sup>5</sup> nessas reuniões, a vida levava-a para a Europa <sup>6</sup>, com seu jeito de cantar rumbas e sambas. Menina-perdida, dizia para nós <sup>7</sup> sá Domingas; a vida é grande e não são só as nossas palavras que chegam para mudá-la <sup>8</sup>, justificávamos nós <sup>9</sup>. Carmindinha silenciava <sup>10</sup>, não punha opinião, mas sabíamos como lhe era dolorosa a recordação <sup>11</sup> da irmã Tunica.

Nossas reuniões eram, às vezes, em casa de sá Domingas, quando eu namorava Carmindinha. Zeca Bunéu vinha depois, com seu assobio-de-bairro, chamar-me para o café, <sup>12</sup> mas acabava sempre por ficar <sup>13</sup> na conversa. E com sá Domingas, já velha de cabelos brancos <sup>14</sup> e Bento Abano ainda lendo o jornal sem óculos, calado no seu canto, quantas vezes não recordávamos! Invariável, porém, <sup>15</sup> a presença de Xoxombo em nossa conversa <sup>16</sup>, embora as lágrimas corressem pelo coração negro e já muito enrugado da mãe <sup>17</sup>. Carmindinha contava, sempre igual, <sup>18</sup> sua versão <sup>19</sup> da alcunha de Xoxombo <sup>20</sup>. E a defendia, séria. Zeca <sup>21</sup> Bunéu, com sua maneira de contar as coisas <sup>22</sup>, escolhia a versão mais conhecida, a de mais malandragem, aquela que servia seu feitio de menino malandro mas bom, dado a contar histórias à sua maneira <sup>23</sup>. Eu não emitia grande opinião. <sup>24</sup> Gostava, é verdade, de ver Zeca Bunéu, <sup>25</sup> com grandes gestos e risadas, os olhos muito grandes piscando, contar a história na sua versão <sup>26</sup>. Mas olhava com amor para Carmindinha, às vezes zangada <sup>27</sup>, defendendo o irmão. Só quando sá Domingas começava a chorar pela recordação que lhe fazíamos <sup>28</sup> e Bento pigarreava na sua ca-

---

\* Este conto seria retomado no romance *Nosso musseque*, publicado em 2003. No final da versão de 1962, apresento, de uma forma simplificada, o confronto entre as duas publicações. As diferenças estão sinalizadas pelas chamadas de nota.

deira<sup>29</sup> de bordão, eu interrompia. Mal, confesso. Insistia apenas no facto real<sup>30</sup>: alcunha, quando<sup>31</sup> alguém tem, há uma razão<sup>32</sup> e se toda a gente referia<sup>33</sup> Xoxombo da mesma maneira, pouco importava a origem ou a versão da alcunha<sup>34</sup>.

Depois saíamos<sup>35</sup>. Carmindinha vinha connosco<sup>36</sup>, deixava que eu lhe apertasse os seios<sup>37</sup> pequenos debaixo do kimono<sup>38</sup>, ao segurá-la para o beijo à porta<sup>39</sup>. E, com Zeca Bunéu, de noite<sup>40</sup>, ia quase sempre passear à toa, pela nossa cidade adormecida<sup>41</sup>.

Hoje, dia dois de Novembro, encontrei Carmindinha à saída do Cemitério Velho e viemos para baixo, no maximbombo da linha dois<sup>42</sup>. Foi este encontro o primeiro depois de uma zanga que durou anos<sup>43</sup> e nele não precisávamos mencionar Xoxombo<sup>44</sup>: estive<sup>45</sup> sempre connosco, no fato preto e no cheiro enjoativo<sup>46</sup> que as flores-de-mortos deixam nas pessoas. A sua história, desde essa hora, impôs-se<sup>47</sup>. O tempo diluiu pormenores<sup>48</sup>, esbateu insignificâncias<sup>49</sup>, mas iluminou o que importa.<sup>50</sup>

Afastado de Carmindinha todos esses<sup>51</sup> anos, subtraí-me à sua<sup>52</sup> influência, à sua bondade<sup>53</sup> na defesa do irmão. E, sem Carmindinha presente<sup>54</sup>, eu e Zeca<sup>55</sup> Bunéu nunca mais falámos de Xoxombo.<sup>56</sup> Sentir-me-ia culpado se não contasse a história.<sup>57</sup> Talvez agora, com os elementos que os anos depositaram em mim<sup>58</sup>, vindos das mais variadas versões<sup>59</sup>, possa ser fiel à história de Xoxombo<sup>60</sup>. Se não conseguir, a culpa não é dele, nem da aventura que lhe deu a alcunha<sup>61</sup>. É minha, que meti literatura onde havia vida<sup>62</sup> e substituí calor humano por anedota. Mas eu conto<sup>63</sup> na mesma.

Depois que Bento Abano esfriou relações com seus vizinhos, sá Domingas e Carmindinha começaram a falar com toda a gente no musseque.<sup>64</sup> Antigamente<sup>65</sup>, com seus amigos brancos, só falavam quando não podia deixar de ser. Quando<sup>66</sup> as galinhas-do-mato ciscavam nos quintais e era de pedir desculpa ou quando Espanhola<sup>67</sup>, a pequena cabra, rebentava o cordel que a prendia à mulemba do quintal<sup>68</sup> e ia roer as folhas novas das mandioqueiras, derrubando as panelas de barro e as latas de água, às vezes fazendo mesmo buracos<sup>69</sup> nos cercados de aduelas e arcos.

Mas depois que sucedeu aquela confusão com Silva Xalado,<sup>70</sup> toda a gente veio novamente falar com sá Domingas<sup>71</sup>, oferecer suas coisas, pedir empréstimo de vizinha. Sá Domingas, alma boa, comovia-se com a amizade das amigas que apareciam, às vezes, a trazer Espanhola,<sup>72</sup> ou emprestavam

os filhos miúdos para ir pastar a cabra <sup>73</sup> para lá do imbondeiro, onde <sup>74</sup> o capim era novo <sup>75</sup>. Bento também começou a ver com satisfação esse regresso à sua gente. <sup>76</sup> Carmindinha crescia todos os dias, já não ligava aos miúdos <sup>77</sup>, não tinha mais suas brincadeiras, todo o dia <sup>78</sup> arrumando, ajudando a mãe na cozinha, remendando a roupa. E sá Domingas gabava as mãos da filha, seu jeito para todos os trabalhos da casa. <sup>79</sup>

– Ai! Assim dá gosto, mana. <sup>80</sup> Essa Tunica, não posso nem lhe mandar buscar uma lata de água <sup>81</sup>. Meia hora no caminho, só fazendo batuque <sup>82</sup> no fundo da lata. Agora essa minha filha mais velha <sup>83</sup>? Deixa só! É mestre, eu te digo <sup>84</sup> mana. Tenho pena <sup>85</sup> Bento não pode lhe mandar estudar. Mãos de passarinho <sup>86</sup>, mana, mãos de passarinho <sup>87</sup>.

E assim, pouco a pouco, a fama <sup>88</sup> de Carmindinha foi crescendo, fazendo calções <sup>89</sup> para os miúdos do musseque <sup>90</sup>, depois pequenas camisas e, um dia mesmo <sup>91</sup>, numa tarde, todas as vizinhas próximas elogiaram <sup>92</sup> um bonito vestido de chita que Carmindinha tinha feito para Tunica <sup>93</sup>.

– Auá! Nem parece é uma miúda.

– É o que lhe digo <sup>94</sup>, mana. Pena Bento não pode! <sup>95</sup>

– Tem razão, tem razão <sup>96</sup>. Mas ouvi que lá em baixo tem uma escola de graça, lá na Baixa. <sup>97</sup>

– Dizem, mana Sessá, dizem, mas não acredito. <sup>98</sup> De graça para preto e para mulato <sup>99</sup>? Não pode, desculpa, mas não acredito.

– Não é, mana Dominga, não é. <sup>100</sup> É mesmo dos preto e dos mulato <sup>101</sup>. Quem me disse foi a filha da falecida Maria, que anda lá <sup>102</sup>. Ontem, naquela hora da tarde, passou aqui só para me ver, recado da tia <sup>103</sup>, e ela <sup>104</sup> é que me disse. <sup>105</sup>

Sá Domingas fez muxoxo <sup>106</sup> e disse, trocista:

– Ala chiça, homê! Se fosse uma pessoa, agora <sup>107</sup> essa Joanica, filha da falecida... <sup>108</sup> Sukuama! Não acredito! Se <sup>109</sup> calhar tem escola mas é para <sup>110</sup> pouca vergonha. <sup>111</sup>

Carmindinha, que recebia elogios das suas mais velhas, meteu-se, um pouco a medo, na conversa <sup>112</sup>:

– Verdade, mamã, Joanica fala verdade <sup>113</sup>. Ela já <sup>114</sup> me tinha dito <sup>115</sup>. Até a Teresa do sô <sup>116</sup> Gaspar tá andar lá. Não precisa pagar.

– Bem, menina, se <sup>117</sup> é assim, um dia vou ir na Baixa, vou visitar <sup>118</sup> minhas amigas dos Coqueiros e já vou saber.

Toda a gente concordou <sup>119</sup> com a cabeça e, sempre com elogios ao jeito <sup>120</sup> de Carmindinha, foram saindo, prometendo trabalhos <sup>121</sup> para a menina. Quando ficaram sós <sup>122</sup>, mãe e filha <sup>123</sup> sentaram-se no sofá <sup>124</sup> grande, de bordão, e conversaram <sup>125</sup> baixinho. Bento não estava, tinha ido buscar <sup>126</sup> miúdo Xoxombo na escola da Missão. Tunica <sup>127</sup> andava lá para cima <sup>128</sup>, para depois <sup>129</sup> do imbondeiro, brincando com as meninas da sua idade <sup>130</sup> e deixando Espanhola <sup>131</sup> roer todas as plantas das beiras <sup>132</sup> dos quintais.



Desenho de Luandino Vieira para a edição original

Mas foi precisamente na noite <sup>133</sup> do dia em que sá Domingas, vestindo o seu belo pano <sup>134</sup> que Bento trouxera <sup>135</sup> de Matadi, suas <sup>136</sup> sandálias de verniz, tinha saído de tarde <sup>137</sup> com miúda Tunica pela mão, areal vermelho <sup>138</sup> abaixo, cruzando as Ingombotas a caminho dos Coqueiros, que se passou a grande confusão <sup>139</sup>. Mais de meia-noite, gritos, barulhos <sup>140</sup> de mobília arrasando, vozes falando alto, às vezes os gritos de sá Domingas, com Carmindinha, Tunica e Xoxombo à porta, chorando como cabritos <sup>141</sup>. Não havia <sup>142</sup> lua, não havia <sup>143</sup> luz no musseque, só os candeeiros de petróleo ou as lâmpadas de azeite de palma <sup>144</sup> começavam a piscar no adiantado da noite. <sup>145</sup>

As vizinhas foram chegando, embrulhadas nos panos, com seus <sup>146</sup> homens atrás, alguns ainda vestindo-se <sup>147</sup>, perguntando dos miúdos o que se passava <sup>148</sup> e obtendo <sup>149</sup> só choro de cabrito sem cabra. Com muita gente à porta <sup>150</sup>, os gritos de sá Domingas ganhavam <sup>151</sup> coragem e a sua voz, normalmente <sup>152</sup> calma, ouvia-se aguda <sup>153</sup>:

– É verdade, é verdade. <sup>154</sup> Podes-me bater <sup>155</sup>, não me queixo, podes-me <sup>156</sup> matar, não me queixo! Mas essa menina vai na escola aprender costura <sup>157</sup>. Vai aprender costura, sou <sup>158</sup> eu que digo. <sup>159</sup>

Ouvia-se novamente <sup>160</sup> o barulho da mobília e a voz forte de Bento cobria, depois, <sup>161</sup> todos os ruídos e choros:

– Já disse, não volto a dizer <sup>162</sup>. Filha minha não vai na Baixa. Nem que me mate. <sup>163</sup> Pra vir para aí <sup>164</sup> com vestido de branca, com os beiços pintados e sapato de salto <sup>165</sup>? Nunca, enquanto existir o capitão <sup>166</sup> Bento Abano!

Carmindinha, chorosa e despenteada <sup>167</sup>, metia-se, da <sup>168</sup> porta:

– Mas eu quero, mas eu quero! Não tem mal nenhum. Quero <sup>169</sup> aprender costura <sup>170</sup>, já disse!

Depois, recuava, com medo, e obrigava <sup>171</sup> toda a gente a recuar <sup>172</sup>. Bento vinha de dentro, só se viam as suas <sup>173</sup> cuecas brancas, compridas, no escuro <sup>174</sup>. E novamente <sup>175</sup> sá Domingas berrava, gritava <sup>176</sup>:

– Aiué, acudam, acudam vizinhas. <sup>177</sup> Bento vai me matar. E porquê? <sup>178</sup> Porque quero que a minha filha aprenda costura. <sup>179</sup> Quero que ela seja modista <sup>180</sup>, não a quero ver no ferro <sup>181</sup> e na celha todo o dia! <sup>182</sup>

Chorava. E Bento redobrava seus argumentos contra a perdição <sup>183</sup> da vida na Baixa, os maus exemplos, a imoralidade que ia ganhando caminho no

meio do povo. Berrava<sup>184</sup> em altos gritos como nunca ninguém pensou que o capitão<sup>185</sup>, sempre de falas mansas, pudesse dar:<sup>186</sup>

– Já disse, eu é que mando cá em casa.<sup>187</sup> Filha minha tem a educação da mãe, a educação da avó, a educação do nosso povo. Não deixo ela se perder na Baixa. Curso de costura, curso de costura!<sup>188</sup> Eu sei o que é isso, deixa<sup>189</sup> o cabaço numa esquina e aparece com um filho nos braços<sup>190</sup>. Quem foi, quem foi? Ninguém sabe.<sup>191</sup> Não, não, filha minha<sup>192</sup>, nunca!

E o barulho era tanto<sup>193</sup>, a atenção dos vizinhos metida no que<sup>194</sup> se passava em casa<sup>195</sup> do mestre de barco de cabotagem, com os miúdos<sup>196</sup> a chorar à porta<sup>197</sup>, que ninguém reparou no<sup>198</sup> freguês da branca Albertina saindo, ainda apertando as calças,<sup>199</sup> enquanto ela, gorda, rebolando,<sup>200</sup> veio de dentro da cubata e, sem pedir licença<sup>201</sup>, atravessou a multidão<sup>202</sup>, afastou os chorosos meninos<sup>203</sup> e entrou na casa do capitão:<sup>204</sup>

– Ala possa, homê! Aqui não há civilização? Vamos a calar e a acender os fósforos.<sup>205</sup>

Alguém<sup>206</sup> passou um fósforo aceso a Albertina, que, tateando<sup>207</sup>, acendeu o candeeiro de petróleo<sup>208</sup>. À luz<sup>209</sup> amarela que, súbitamente, invadiu a<sup>210</sup> pequena sala, sá Domingas apareceu com<sup>211</sup> seus panos de baixo, gorda, os seios fartos<sup>212</sup> baloiçando com os soluços, acocorada a um canto,<sup>213</sup> e Bento<sup>214</sup>, atrapalhado, as mãos à frente das virilhas, de cuecas brancas<sup>215</sup> muito compridas, revelando<sup>216</sup> o corpo ossudo e cabeludo que ele tentava esconder<sup>217</sup> no mais escuro da sala. Tão brusca fora a entrada<sup>218</sup> que o capitão ficara quieto, mudo, sem saber que dizer<sup>219</sup>. Albertina, senhora<sup>220</sup> da situação, falava<sup>221</sup>:

– Sukuama! Já não se pode viver<sup>222</sup> neste musseque.<sup>223</sup> Trabalho toda a noite, não durmo de dia e<sup>224</sup> meus vizinhos ainda me chateiam.<sup>225</sup> E vocês aí fora, seus lázaros, homê<sup>226</sup>! Em vez de desapertarem<sup>227</sup>, aí feitos burros a olhar e a rir. Xê<sup>228</sup>, você, seu capitão<sup>229</sup> de barco de ferrugem, vá-se vestir!<sup>230</sup> E com essas crianças cá em casa,<sup>231</sup> é melhor dar bons exemplos. É assim que se fala a vida da família?<sup>232</sup> Não sabem conversar como gente? Seus incivilizados, com esse dinheiro todo.<sup>233</sup> E a bater na infeliz, vejam só.<sup>234</sup> Isso é lá homem!<sup>235</sup>

Outros vizinhos tinham<sup>236</sup> entrado e ajudavam sá Domingas, já mais tapada, a sentar no sofá<sup>237</sup>. Tunica e Xoxombo foram-se chegando para a

mãe que, soluçando, os acariciava com cuidado. <sup>238</sup> Carmindinha foi lá dentro, ao quarto, e trouxe as calças do pai. <sup>239</sup>

Vestido, o velho capitão retomou <sup>240</sup> a antiga dignidade e, já sem falar <sup>241</sup> tão alto, foi pedindo desculpa, mas <sup>242</sup> dizendo também que conversa de marido e mulher, é marido <sup>243</sup> e mulher quem resolve. E, diplomáticamente, recuperadas as suas calma e boa educação com fama <sup>244</sup> no musseque, foi pedindo aos vizinhos que não estragassem <sup>245</sup> suas noites de sono e fossem para casa acabar de dormir <sup>246</sup>. As mulheres ficaram ainda <sup>247</sup> algum tempo a lamentar-se, em voz <sup>248</sup> baixa, despedindo-se <sup>249</sup> com muitos conselhos, até que sá Domingas ficou só na sala <sup>250</sup> com Tunica e Carmindinha. Bento, um pouco envergonhado, tinha <sup>251</sup> ido para dentro com Xoxombo e os vizinhos ouviram a chave a rodar <sup>252</sup> na fechadura. Albertina, rebolando as ancas <sup>253</sup>, foi dizendo ao sair, maliciosa <sup>254</sup>:

– Pena você já está velha, mana Domingas. Se não eu te <sup>255</sup> ensinava o remédio para esse velho capitão ferrugento. Assim você tem que esperar uns dias. Ou então manda ele no meu quarto, que eu lho entrego direitinho como pau de vassoura. <sup>256</sup>

Sá Domingas esboçou um sorriso <sup>257</sup> e, chegando a si <sup>258</sup> as duas filhas, respondeu, já mais <sup>259</sup> aliviada:

– Ainda <sup>260</sup> não preciso <sup>261</sup> gindungo no rabo, Albertina. <sup>262</sup> Além de que já ganhei. O <sup>263</sup> que eu quero é esta menina na costura. <sup>264</sup>

Devagar, a calma voltou à noite <sup>265</sup> do musseque, foram-se extinguindo <sup>266</sup> os pequenos grupos de conversa e riso e apenas <sup>267</sup> a branca Albertina ficou sentada à porta <sup>268</sup>, penteando os cabelos e falando com seu cão <sup>269</sup> cabiri.

Por isso, <sup>270</sup> ninguém se espantou que, no dia seguinte, logo <sup>271</sup> que Bento saiu com Xoxombo para a aula <sup>272</sup> da Missão, sá Domingas, com seu belo pano de Matadi, saísse com Carmindinha, muito direita no seu vestido feito por ela, de sandaletes e bem penteada, pelo mesmo carreiro através das Ingombotas, caminho da Baixa. <sup>273</sup> À noitinha <sup>274</sup>, os sorrisos largos das vizinhas, com olhares de lado para Bento, já lendo o jornal à porta <sup>275</sup>, quando Carmindinha chegou com papéis <sup>276</sup> na mão, acompanhando Teresa e Joânica, foram a confirmação da vitória de sá Domingas. <sup>277</sup>

A ida de Carmindinha às aulas todas as tardes, com <sup>278</sup> Xoxombo estudando na Missão, trouxe vários problemas <sup>279</sup>. Tunica passou a refilar sem-

pre<sup>280</sup>, porque além da água para ir buscar – era longe<sup>281</sup>, sá Domingas já não podia – tinha agora que ir pastar a Espanhola, ao fim da tarde,<sup>282</sup> e o capim ali à volta não havia<sup>283</sup>, estava todo roído. O pai recomendava sempre<sup>284</sup>:

– Cuidado, Tunica, não<sup>285</sup> deixa o chibo do sô Viriato chegar junto da Espanhola<sup>286</sup>! Não deixa a Espanhola sòzinha!<sup>287</sup>

Tunica ia sempre<sup>288</sup> muxoxando, menina muito atrevida<sup>289</sup>, só queria ir<sup>290</sup> na loja para ouvir o rádio cheio de sambas e de rumbas. E só ao sábado à tarde, Xoxombo, sem aulas, saía a<sup>291</sup> pastar a cabra. O menino gostava do<sup>292</sup> trabalho, sentava<sup>293</sup> debaixo do imbondeiro e ia atirando<sup>294</sup> pedrinhas e estudando<sup>295</sup> geografia e ciências.<sup>296</sup>

Para Xoxombo, capitão Abano não fazia recomendação<sup>297</sup> especial. Confiava<sup>298</sup> no filho, sabia da sua<sup>299</sup> pontaria com a físga e eram sem conta as vezes que dava pedradas<sup>300</sup> nos cornos dos chibos. Às vezes mesmo, as mãos nos bolsos das calças, Bento subia<sup>301</sup> o caminho e ia<sup>302</sup> espreitar o filho<sup>303</sup> no seu trabalho. E ficava depois<sup>304</sup>, debaixo da árvore, recordando geografia com Xoxombo,<sup>305</sup> que era barra nessa matéria. Muitas vezes até arranjava problemas<sup>306</sup> ao pai, velho marinheiro<sup>307</sup> de barco de cabotagem, com<sup>308</sup> viagens para cima até às ilhas verdes de S. Tomé e para baixo até Wallfish Bay!<sup>309</sup>

E foi no primeiro sábado depois da vitória de sá Domingas, que sucedeu o facto que deu a alcunha a Xoxombo e é neste ponto que as histórias começam a desencontrar, a aparecerem detalhes omitidos ou apenas interpretação diferente dos mesmos factos.<sup>310</sup>

Xoxombo tinha sempre muito cuidado com o bode preto do<sup>311</sup> sô Viriato, grande e feio, com uma barba pendendo da maxila<sup>312</sup> e perseguindo tudo quanto fosse<sup>313</sup> cabra. A mãe não queria a Espanhola<sup>314</sup> coberta ainda e avisava sempre ao menino toda a cautela, referenciando o bode preto como perigoso.<sup>315</sup> Não era o primeiro nem o segundo pastor de sô Viriato que ele atacava à cornada. Por isso, nessa tarde<sup>316</sup> em que o grande rebanho do velhote<sup>317</sup> pastava perto, Xoxombo<sup>318</sup> amarrou Espanhola curta, mesmo ao pé dele.<sup>319</sup> E na tranquilidade da presença próxima,<sup>320</sup> foi-se distraíndo com as figuras<sup>321</sup> do livro.

É aqui mesmo que as histórias desencontram.<sup>322</sup> Segundo<sup>323</sup> Zeca Bunéu e outros miúdos<sup>324</sup> do musseque que andavam perto a pôr visgo para apanhar plim-paus<sup>325</sup>, miúdo Xoxombo teria querido fazer<sup>326</sup> malandro com a cabri-



na. Daí o chibo preto arremeteu contra ele que procurou defender a Espanha <sup>327</sup>. E, embora rindo, rindo sempre, mas evocando seu testemunho visual, mantém, ainda hoje, essa versão. <sup>328</sup>

Outra maneira de ver e de contar é a de Carmindinha e do resto da família. <sup>329</sup> Xoxombo <sup>330</sup> era miúdo, tentava tapar <sup>331</sup> a cabra com o seu corpo para a fazer escapar às arremetidas do bode <sup>332</sup>, quando os <sup>333</sup> cornos do velho macho o feriram <sup>334</sup>, furando-lhe o corpo em dois lugares <sup>335</sup> e enchendo-o <sup>336</sup> de cornadas por todos os lados.

Mas o que é certo é que foi Zeca Bunéu que, ante o espanto de todo o musseque, dadas as relações entre as famílias, entrou pela casa dentro a gritar, a chamar o capitão, dizendo que o bode do sô Viriato tinha matado o Xoxombo. <sup>337</sup>

Quando lá <sup>338</sup> chegaram, o menino estava caído <sup>339</sup> no chão, sem sentidos e o sangue corria das feridas. <sup>340</sup> Sempre que respirava, uma golfada passava-lhe os lábios e tingia a camisa e os braços do velho pai quando o trouxe para casa. <sup>341</sup> Depois chegou a ambulância dos bombeiros e levou Xoxombo para o Hospital Central, no meio da gente do musseque, reunida à volta, cochichando e lamentando. <sup>342</sup>

Três semanas ali o fomos ver todos <sup>343</sup>. D. Branca e seu marido <sup>344</sup>, o mestre carpinteiro <sup>345</sup>, já de pazes feitas com seus vizinhos e Zeca Bunéu incrivelmente <sup>346</sup> penteado; minha madrastra, puxando-me as orelhas e fazendo barulho pelos meus dedos <sup>347</sup> cheios de tinta crónica <sup>348</sup>; Carmindinha, com seu sorriso meio triste que ficou sempre assim e de que eu gostava <sup>349</sup> tanto; Tunica, sempre alegre; velho capitão, mais magro, <sup>350</sup> sofrendo com a doença <sup>351</sup> do único filho macho, <sup>352</sup> e sua companheira, resignada com a vontade de Deus, como ela dizia. <sup>353</sup>

Mas o corno do velho macho <sup>354</sup> tinha furado fundo o pulmão <sup>355</sup> e Xoxombo, fraco, não resistiu <sup>356</sup>. Um dia todos nós o velámos e mais muita gente do musseque. <sup>357</sup> Creio que <sup>358</sup> foi nessa noite que, pela primeira vez, as minhas mãos apertaram as de Carmindinha e sá Domingas esboçou, entre lágrimas silenciosas, um sorriso <sup>359</sup> de aprovação. Mas tenho a certeza <sup>360</sup> que o primeiro beijo que lhe dei <sup>361</sup>, muito leve, muito tímido <sup>362</sup>, foi detrás <sup>363</sup> da buganvília da porta do Cemitério Velho, naquele dia de chuva miúda, em <sup>364</sup> que levámos a enterrar o nosso companheiro de brincadeiras Xoxombo. <sup>365</sup>

Mas, três dias depois, já brincávamos novamente, embora a tristeza nos visitasse de quando em quando. E assim começou <sup>366</sup> a alcunha: os mais distanciados da nossa zona <sup>367</sup>, conhecedores da história por ouvirem contar <sup>368</sup>, riam-se às vezes e diziam <sup>369</sup> que no nosso grupo até trepavam nas cabras <sup>370</sup>. E começaram a referir <sup>371</sup> o nosso companheiro morto, como <sup>372</sup> Xoxombo Trep-na-Cabra.

É esta a história. Pena que eu não tivesse contado <sup>373</sup> bem. Que Xoxombo me perdoe, mas <sup>374</sup> é para fazer justiça à sua memória que a conto <sup>375</sup> mesmo assim.

Quanto a ti, Carmindinha, naquela história <sup>376</sup> da costura, tua mãe tinha razão <sup>377</sup>. Teu pai, velho e saudoso capitão Bento Abano, nunca o reconheceu. Mas, que queres?: há sempre pessoas a quem as verdades novas assustam. <sup>378</sup> Tenho ou não tenho razão, dona Mindinha, sô pessora de corte e labores da Associação Regional, que hoje encontrei à saída <sup>379</sup> do Cemitério Velho <sup>380</sup>, onde está plantado e floresce o nosso amigo e teu irmão, Xoxombo <sup>381</sup> Trep-na-Cabra? <sup>382</sup>

---

<sup>1</sup> No romance 'Nosso musseque', publicado em 2003, o texto ocupa o início do primeiro capítulo, intitulado «Zeca Bunéu e outros». Antes do texto vem o número I.

<sup>2</sup> Esta opinião sustentava] Essa verdade defendia-lhe

<sup>3</sup> o acaso] a sorte

<sup>4</sup> recordando] lembrando

<sup>5</sup> Tunica nunca mais esteve presente] Tunica não estava mais

<sup>6</sup> levava-a para a Europa] tinha-lhe levado na Europa

<sup>7</sup> dizia para nós] falava

<sup>8</sup> para mudá-la] para lhe mudar

<sup>9</sup> justificávamos nós] desculpava a gente

<sup>10</sup> silenciava] ficava calada

<sup>11</sup> como lhe era dolorosa a recordação] como lhe doía a lembrança

<sup>12</sup> vinha depois, com seu assobio-de-bairro, chamar-me para o café,] vinha mais tarde me chamar com nosso assobio-de-bairro

<sup>13</sup> acabava sempre por ficar] acabava também

<sup>14</sup> cabelos brancos] cabelos brancos,

<sup>15</sup> Invariável, porém,] Nunca que faltava

<sup>16</sup> em nossa conversa] em nossas conversas

---

<sup>17</sup> embora as lágrimas corressem pelo carão negro e já muito enrugado da mãe] mesmo com as lágrimas a descer na cara cheia de rugas de mamã Domingas

<sup>18</sup> contava, sempre igual,] punha sempre igual

<sup>19</sup> versão] história

<sup>20</sup> de Xoxombo] do menino

<sup>21</sup> Zeca] Mas Zeca

<sup>22</sup> com sua maneira de contar as coisas] com essa sua mania de contar as coisas como ele pensava

<sup>23</sup> escolhia a versão mais conhecida, a de mais malandragem, aquela que servia seu feitio de menino malandro mas bom, dado a contar histórias à sua maneira] escolhia aquela outra, de mais malandro, que todos miúdos sabiam, aquela que servia seu jeito de menino de musseque

<sup>24</sup> Eu não emitia grande opinião.] Nessas conversas, minha opinião não entrava.

<sup>25</sup> Zeca Bunéu,] o Zeca

<sup>26</sup> a história na sua versão] a história como ele sabia

<sup>27</sup> às vezes zangada] bondosa, cadavez zangada mesmo

<sup>28</sup> começava a chorar pela recordação que lhe fazíamos] começava lagrimar pela saudade que lhe púnhamos

<sup>29</sup> pigarreava na sua cadeira] tossia em sua cadeira

<sup>30</sup> Insistia apenas no facto real] Só falava as palavras de toda a gente

<sup>31</sup> alcunha, quando] alcunha quando

<sup>32</sup> há uma razão] tem uma razão;

<sup>33</sup> toda a gente referia] todos referiam

<sup>34</sup> pouco importava a origem ou a versão da alcunha] não interessava a origem ou a história da alcunha. § Então a conversa mudava. O mar, as ilhas, os ventos chegavam na voz do capitão Bento; sá Domingas ia no pequeno armário, punha abafado para todos, quitoto para o Zeca, era só essa bebida o menino gostava, a gente bebia. Carmindinha costurava e eu mirava o capitão e o Zeca nessas discussões do mar e só metia mesmo para falar do nosso jornal e os jornais do antigamente onde o mestre escrevia. E, nesse barulho pequeno da conversa assim, mamã Domingas cochilando era aviso de sairmos embora. §

<sup>35</sup> Depois saíamos] Saíamos

<sup>36</sup> vinha connosco] vinha ainda na porta

<sup>37</sup> apertasse os seios] apertasse nos seios

<sup>38</sup> kimono] quimone

<sup>39</sup> ao segurá-la para o beijo à porta] e ficava a mirar-nos, indo pela noite

<sup>40</sup> E, com Zeca Bunéu, de noite] Com Zeca Bunéu, nesses dias de conversa do Xoxombo

<sup>41</sup> ia quase sempre passear à toa, pela nossa cidade adormecida] quase sempre andávamos passear à toa pela nossa cidade adormecida, falando o menino e o nosso musseque antigo

<sup>42</sup> à saída do Cemitério Velho e viemos para baixo, no maximbombo da linha  
 dois] na porta do Cemitério Velho  
<sup>43</sup> uma zanga que durou anos] nossa zanga de muitos anos  
<sup>44</sup> não precisávamos mencionar Xoxombo] não precisámos falar o Xoxombo  
<sup>45</sup> esteve] o menino esteve  
<sup>46</sup> connosco, no fato preto e no cheiro enjoativo] connosco no vestido preto e no  
 cheiro  
<sup>47</sup> impôs-se] não quis-me largar  
<sup>48</sup> O tempo diluiu pormenores] O tempo que já passou comeu as coisas pequenas  
<sup>49</sup> esbateu insignificâncias.] apagou insignificâncias  
<sup>50</sup> o que importa. §] aquilo que interessa.  
<sup>51</sup> todos esses] todos estes  
<sup>52</sup> subtraí-me à sua] fugi a sua  
<sup>53</sup> à sua bondade] a sua bondade  
<sup>54</sup> presente] com a gente  
<sup>55</sup> e Zeca] e o Zeca  
<sup>56</sup> falámos de Xoxombo.] falámos o Xoxombo. §  
<sup>57</sup> *Frase suprimida na versão do romance.*  
<sup>58</sup> agora, com os elementos que os anos depositaram em mim] com as coisas que  
 os anos e a vida mostraram  
<sup>59</sup> vindos das mais variadas versões] vindas de muitas pessoas diferentes  
<sup>60</sup> possa ser fiel à história de Xoxombo] possa pôr bem a história do Xoxombo  
<sup>61</sup> não é dele, nem da aventura que lhe deu a alcunha] não é dele nem da confu-  
 são que lhe pôs a alcunha  
<sup>62</sup> onde havia vida] aí onde tinha vida  
<sup>63</sup> Mas eu conto] Mas vou contar  
<sup>64</sup> Depois que Bento Abano esfriou relações com seus vizinhos, sá Domingas e  
 Carmindinha começaram a falar com toda a gente no musseque.] 1. § Quando foi  
 que as vizinhas festejaram, com muitas falas e risos nas portas, o regresso da  
 família do capitão Bento de Jesus Abano, mestre de barco de cabotagem, à con-  
 versa com toda a gente do musseque? Muito tempo antes de eu chegar para  
 morar com minha madrastra, disse-me Carmindinha; e já depois que esfriaram  
 relações com seus vizinhos pegados, o mestre sapateiro, pai do Zeca Bunéu.  
<sup>65</sup> Antigamente] Porque teve um tempo  
<sup>66</sup> quando não podia deixar de ser. Quando] quando era preciso, quando  
<sup>67</sup> desculpa ou quando Espanhola] desculpa, ou a / Espanhola *iiálico* /  
<sup>68</sup> rebentava o cordel que a prendia à mulemba do quintal] rebentava na corda  
 que lhe prendia na mulemba  
<sup>69</sup> fazendo mesmo buracos] fazendo mesmo buraco  
<sup>70</sup> Mas depois que sucedeu aquela confusão com Silva Xalado,] Passou então  
 aquela grande confusão do Zeca Bunéu, dia que roubou ainda os versos daquele

mulato sapateiro, o Silva Xalado, e adiantou-lhe fazer pouco na frente de todos. Essa malandragem o pai dele gabava-lhe sempre, mas daí mesmo é que a família Bento Abano começou se afastar, não vinha mais na porta para sunguilar e adiantaram lamentar nos vizinhos, falando não estava certo essas brincadeiras assim de desrespeitar as pessoas, um coitado sem pai nem mãe, vejam só, feito pouco por um miúdo!

<sup>71</sup> toda a gente veio novamente falar com sá Domingas] E as mulheres, pouco pouco, começaram chegar para sá Domingas

<sup>72</sup> Sá Domingas, alma boa, comovia-se com a amizade das amigas que apareciam, às vezes, a trazer Espanhola,] Mesmo de mais longe, como a mulher de sô Augusto, pai do Biquinho, as amigas apareciam às vezes para trazer /Espanhola <sup>italico/</sup>

<sup>73</sup> ou emprestavam os filhos miúdos para ir pastar a cabra] ou emprestar os monas para pastar a cabra

<sup>74</sup> imbondeiro, onde] imbondeiro onde

<sup>75</sup> era novo] estava novo

<sup>76</sup> Bento também começou a ver com satisfação esse regresso à sua gente.] Sá Domingas, alma boa, ficava comovida com essa amizade e Bento também gostava esse regresso à sua gente, como ele dizia. §

<sup>77</sup> não ligava aos miúdos] não ligava nos miúdos

<sup>78</sup> todo o dia] todas as horas

<sup>79</sup> da casa.] de casa:

<sup>80</sup> Ai! Assim dá gosto, mana.] Ai, mana! Assim dá gosto.

<sup>81</sup> buscar uma lata de água] cartar lata d'água

<sup>82</sup> só fazendo batuque] só batuque

<sup>83</sup> essa minha filha mais velha] minha mais velha

<sup>84</sup> eu te digo] te digo,

<sup>85</sup> Tenho pena] Pena

<sup>86</sup> Mãos de passarinho] Mão de passarinho

<sup>87</sup> mãos de passarinho. §] mão de passarinho! § Com estas conversas e outras confusões os cacimbos chegavam sempre nos fins das chuvas, secavam os capins para as fogueiras dos meninos, o sol descansava mas, mais tarde, pouco pouco, aparecia outra vez, amarelo e raivoso com seu calor e os ventos do mar traziam as nuvens cheias de água. As grandes chuvadas corriam na areia do musseque, verdes capins rebentavam, os cajus ficavam maduros e a vida andava com os meninos indo na escola ou na brincadeira, as mães e as filhas sempre a falar seus trabalhos de todos os dias, os acontecimentos, os ditos, as zangas. § E, com o tempo assim a passar, fugiam as zangas como fumo; sá Domingas e Bento Abano começaram outra vez a falar com seus vizinhos brancos, vizinhança de pessoa pobre não pode continuar zangada, é verdade mesmo. Durante muitos meses o musseque arranhou uma calma de todos os dias, só estragada, às vezes, pelas partidas dos miúdos, confusões que arranjavam e outras histórias da vida.

88 E assim, pouco a pouco, a fama] Também a fama  
89 crescendo, fazendo calções] crescendo. Costurava calções  
90 os miúdos do musseque] os meninos  
91 e, um dia mesmo] e um dia  
92 as vizinhas próximas elogiaram] as vizinhas gabaram  
93 que Carmindinha tinha feito para Tunica] que arranjou para a Tunica  
94 lhe digo] lhes digo  
95 não pode!] não pode...  
96 tem razão] tens razão  
97 lá na Baixa.] na Baixa...  
98 Sessá, dizem, mas não acredito.] Sessá! Dizem! Mas não aceito.  
99 De graça para preto e para mulato] De graça, para preto e mulato  
100 não é.] não é!  
101 dos preto e dos mulato] da Liga  
102 da falecida Maria, que anda lá] do falecido Matias que anda lá  
103 passou aqui só para me ver, recado da tia] passou aqui, recado da tia  
104 e ela] ela  
105 me disse.] me contou!  
106 fez muxoxo] pôs muxoxo  
107 pessoa, agora] pessoa... Agora  
108 falecida...] falecida?  
109 acredito! Se] acredito, se  
110 tem escola mas é para] tem mas é escola de  
111 pouca vergonha.] pouca-vergonha...  
112 meteu-se, um pouco a medo, na conversa] meteu na conversa  
113 fala verdade] diz verdade  
114 Ela já] Já  
115 dito] contado  
116 do sô] de sô  
117 menina, se] menina! Se  
118 Baixa, vou visitar] Baixa visitar  
119 Toda a gente concordou] As vizinhas concordaram  
120 com elogios ao jeito] gabando o jeito  
121 trabalhos] trabalho  
122 Quando ficaram sós] Quando toda a gente foi embora  
123 mãe e filha] a mãe e a filha  
124 sentaram-se no sofá] sentaram na cadeira  
125 conversaram] ficaram conversar  
126 tinha ido buscar] tinha saído buscar  
127 da Missão. Tunica] da Missão e Tunica

---

128 andava lá para cima] andava longe  
129 para depois] para lá  
130 as meninas da sua idade] as outras meninas  
131 Espanhola] /Espanhola *itálico*  
132 todas as plantas das beiras] as plantas nos muros  
133 Mas foi precisamente na noite] Foi numa noite escura e quente que passou a grande confusão. §  
134 do dia em que sá Domingas, vestindo o seu belo pano] Nesse dia, na hora da tarde, sá Domingas vestindo os bonitos panos  
135 trouxera] tinha lhe trazido  
136 Matadi, suas] Matadi e suas  
137 tinha saído de tarde] saiu  
138 pela mão, areal vermelho] areal  
139 as Ingombotas a caminho dos Coqueiros, que se passou a grande confusão] a Ingombota no caminho dos Coqueiros  
140 Mais de meia-noite, gritos, barulhos] Mas só à noite, meia-noite já passava, é que toda a gente começou a ouvir as macas, barulho  
141 com Carmindinha, Tunica e Xoxombo à porta, chorando como cabritos] e o choro de Carmindinha, Tunica e Xoxombo na porta berrando pareciam era cabritos  
142 Não havia] Não tinha  
143 não havia] não tinha  
144 ou as lâmpadas de azeite de palma] e as lâmpadas de azeite-palma  
145 começavam a piscar no adiantado da noite. §] começaram piscar dentro das casas.  
146 com seus] com os  
147 ainda vestindo-se] ainda vestindo  
148 o que se passava] o que passava  
149 obtendo] recebendo  
150 Com muita gente à porta] Com a muita gente na porta  
151 ganhavam] ganharam  
152 normalmente] quase sempre  
153 aguda] zangada  
154 é verdade.] é verdade!  
155 Podes-me bater] Pode-me dar porrada  
156 não me queixo, podes-me] não me queixo! Pode-me  
157 na escola aprender costura] na escola de aprender costura sim  
158 Vai aprender costura, sou] Sou  
159 digo.] digo!  
160 Ouvia-se novamente] Sentia-se outra vez

161 cobria, depois,] cobria  
162 não volto a dizer] não repito  
163 Baixa. Nem que me mate.] Baixa, nem que me mate!  
164 para aí] aí  
165 pintados e sapato de salto] pintados, sapatos de madeira  
166 o capitão] capitão  
167 chorosa e despenteada] chorona e irritada  
168 metia-se, da] metia-se da  
169 mal nenhum. Quero] mal, quero  
170 costura] a costura  
171 Depois, recuava, com medo, e obrigava] Fugia com medo,  
172 a recuar] recuava  
173 só se viam as suas] no escuro só se viam as  
174 no escuro] e a menina fugia com medo, toda a gente recuava  
175 E novamente] Aproveitando,  
176 gritava] exigia  
177 acudam vizinhas.] acudam, vizinhas!  
178 porquê?] porquê, então?...  
179 quero que a minha filha aprenda costura.] quero a minha filha na costura,  
180 Quero que ela seja modista] quero ela vai ser modista  
181 não a quero ver no ferro] não lhe quero no ferro  
182 todo o dia!] todos os dias...  
183 E Bento redobrava seus argumentos contra a perdição] Bento aumentava suas  
conversas da perdição  
184 Berrava] Falava isto  
185 ninguém pensou que o capitão] ninguém pensou o capitão  
186 pudesse dar:] pudesse pôr.  
187 mando cá em casa.] mando!  
188 costura!] costura!...  
189 sei o que é isso, deixa] sei o que é isso! Deixa só  
190 com um filho nos braços] com filho na barriga  
191 foi? Ninguém sabe.] foi, ninguém sabe!  
192 filha minha] minha filha  
193 E o barulho era tanto] Era tanto barulho  
194 metida no que] no que  
195 em casa] na casa  
196 com os miúdos] os miúdos  
197 à porta] na porta  
198 reparou no] viu o  
199 da branca Albertina saindo, ainda apertando as calças,] da Albertina a sair



200 gorda, rebolando,] gorda,  
201 licença] licença nem nada  
202 atravessou a multidão] atravessou  
203 os chorosos meninos] os meninos chorosos  
204 capitão: §] capitão. § Toda a gente ficou mesmo admirada. Como é Albertina  
não tinha assim vergonha, entrar ainda naquela cubata, todo o musseque sabia ela  
falava só bom dia-boa tarde para sá Domingas, por causa uma confusão antiga,  
muita gente nem lembrava já? § Mas a branca já estava lá dentro, arreganhando a  
sua voz de vinho: §  
205 calar e a acender os fósforos.] calar a boca, alguém que acende a luz!  
206 Alguém] Uma mão  
207 a Albertina, que, tacteando] e Albertina, procurando  
208 o candeeiro de petróleo] um candeeiro  
209 À luz] Na luz  
210 que, súbitamente, invadiu a] que de repente apareceu na  
211 sá Domingas apareceu com] sá Domingas com  
212 os seios fartos] as mamas grandes  
213 acorada a um canto,] escondeu acolhida num canto;  
214 e Bento] Bento  
215 à frente das virilhas, de cuecas brancas] à frente da barriga, as cuecas  
216 revelando] mostrava  
217 tentava esconder] queria esquivar  
218 Tão brusca fora a entrada] A Albertina entrou tão depressa  
219 ficara quieto, mudo, sem saber que dizer] ficou quieto, calado, não podia  
mesmo falar  
220 Albertina, senhora] A vizinha, dona  
221 falava] arreganhava  
222 não se pode viver] não pode se viver  
223 musseque.] musseque?  
224 de dia e] de dia, e  
225 chateiam.] chateiam?  
226 homê] homé  
227 desapertarem] desapertarem  
228 Xê] Xê  
229 você, seu capitão] você seu capitão  
230 vá-se vestir!] vai-te vestir, mas é!...  
231 crianças cá em casa,] miúdos aqui em casa  
232 família?] família?... Poça!  
233 incivilizados, com esse dinheiro todo.] incivilizados!  
234 só.] só!

235 é lá homem!] é de homem então?...  
236 tinham] já tinham  
237 sá Domingas, já mais tapada, a sentar no sofá] sá Domingas a se tapar e a  
sentar na cadeira  
238 foram-se chegando para a mãe que, soluçando, os acariciava com cuidado.]  
correram na mãe,  
239 foi lá dentro, ao quarto, e trouxe as calças do pai. §] foi no quarto e voltou  
com as calças do capitão.  
240 o velho capitão retomou] o velho marinheiro arranjou  
241 sem falar] não falando  
242 desculpa, mas] desculpa mas  
243 marido e mulher, é marido] homem e mulher é homem  
244 E, diplomáticamente, recuperadas as suas calma e boa educação com fama]  
Depois, com muito jeito outra vez, sua calma e boa educação de fama  
245 foi pedindo aos vizinhos que não estragassem] pediu nos vizinhos para não  
estragarem  
246 sono e fossem para casa acabar de dormir] sono, melhor era ir embora acabar  
de dormir porque não estava passar nada de importância  
247 As mulheres ficaram ainda] Só as mulheres ficaram  
248 a lamentar-se, em voz] a lamentar em voz  
249 despedindo-se] despedindo  
250 só na sala] sozinha  
251 um pouco envergonhado, tinha] envergonhado, já tinha  
252 a chave a rodar] dar volta  
253 rebolando as ancas] remexendo o mataco  
254 dizendo ao sair, maliciosa] gozando na saída, malandra  
255 Domingas. Se não eu te] Domingas! Te  
256 eu lho entrego direitinho como pau de vassoura.] eu devolvo direitinho parece  
é pau de vassoura!...  
257 esboçou um sorriso] pôs um sorriso  
258 chegando a si] juntando a si  
259 respondeu, já mais] respondeu mais  
260 Ainda] Ená! Ainda  
261 não preciso] não estou precisar  
262 no rabo, Albertina.] no mataco, Albertina...  
263 Além de que já ganhei. O] Já ganhei, o  
264 na costura.] na costura!  
265 Devagar, a calma voltou à noite] Vagaroso, o silêncio voltou na noite  
266 extinguindo] apagando  
267 e apenas] e só  
268 à porta] na porta

269 falando com seu cão] falando no seu cão  
270 Por isso,] Assim  
271 se espantou que, no dia seguinte, logo] que se espantou com o sucedido, no  
dia seguinte. Logo  
272 para a aula] na aula  
273 com seu belo pano de Matadi, saísse com Carmindinha, muito direita no seu  
vestido feito por ela, de sandaletes e bem penteada, pelo mesmo carreiro através  
das Ingombotas, caminho da Baixa.] com Carmindinha muito direita no vestido  
feito por ela mesma, e bem penteada, desceu pelo antigo caminho da Ingombota,  
direcção da Baixa. §  
274 À noitinha] Nesse fim de tarde  
275 já lendo o jornal à porta] lendo na porta  
276 com papéis] com os papéis  
277 sá Domingas. §] sá Domingas. Quando avistou as meninas, capitão Albano  
dobrou o jornal e, falando que ia buscar o Xoxombo e a /Espanhola *itálico*/, meteu  
pelo caminho acima. § *Segue-se a marca 2., assinalando uma divisão no texto.*  
278 às aulas todas as tardes, com] na costura e  
279 trouxe vários problemas] trouxe zanga na Tunica  
280 Tunica passou a refilar sempre] A menina começou a refilar  
281 porque além da água para ir buscar – era longe] todos os dias sempre água  
para cartar, era longe  
282 podia – tinha agora que ir pastar a Espanhola, ao fim da tarde,] podia, ainda  
mais agora a /Espanhola *itálico*/ para pastar no fim da tarde  
283 não havia] não tinha  
284 O pai recomendava sempre] E depois, como ia brincar mesmo com as outras  
miúdas, como antigamente, com a voz do velho capitão sempre a avisar-lhe  
285 Tunica, não] Tunica! Não  
286 junto da Espanhola] na /Espanhola *itálico*/  
287 a Espanhola sòzinha!] a /Espanhola *itálico*/ sozinha! Guarda bem a cabrinha!  
288 ia sempre] saía sempre  
289 atrevida] saliente  
290 só queria ir] só gostava era ir  
291 E só ao sábado à tarde, Xoxombo, sem aulas, saía a] Mas, nos sábados,  
Xoxombo não tinha escola e, nesses dias, o menino é que ia  
292 a cabra. O menino gostava do] a cabra, gostava mesmo este  
293 sentava] sentando  
294 e ia atirando] para zunir  
295 e estudando] e estudar  
296 ciências. §] ciências. Zeca Bunéu e os outros seguiam com ele, aproveitando  
essas tardes para pôr gaiola de alçapão ou armar o visgo para os plimplaus ou

perdiam-se pelo areal, procurando coisas no monte de lixo e deixando o amigo para lhes assobiar se viessem os passarinhos. §

<sup>297</sup> não fazia recomendação] não punha aviso

<sup>298</sup> Confiava] Tinha confiança

<sup>299</sup> sabia da sua] conhecia sua

<sup>300</sup> as vezes que dava pedradas] as pedradas

<sup>301</sup> Às vezes mesmo, as mãos nos bolsos das calças, Bento subia] Outras vezes ainda, subia

<sup>302</sup> o caminho e ia] o caminho pelo capim para

<sup>303</sup> o filho] o menino

<sup>304</sup> E ficava depois] Ali ficava

<sup>305</sup> com Xoxombo,] com o filho

<sup>306</sup> nessa matéria. Muitas vezes até arranjava problemas] nesse assunto, até lhe punha problemas

<sup>307</sup> ao pai, velho marinheiro] a ele, marinheiro

<sup>308</sup> cabotagem, com] cabotagem com

<sup>309</sup> até Wallfish Bay!] chegando em Walvis Bay.

<sup>310</sup> *Parágrafo suprimido na versão do romance.*

<sup>311</sup> muito cuidado com o bode preto do] muita atenção no bode de

<sup>312</sup> barba pendendo da maxila] barba suja pendurada no focinho

<sup>313</sup> quanto fosse] quanto era

<sup>314</sup> A mãe não queria a Espanhola] sá Domingas não queria a /Espanhola *italico/*

<sup>315</sup> coberta ainda e avisava sempre ao menino toda a cautela, referenciando o bode preto como perigoso.] coberta, estava dizer a cabrinha ainda era nova e lhe avisava sempre toda a esperteza, falando o bode como muito perigoso. §

<sup>316</sup> Não era o primeiro nem o segundo pastor de sô Viriato que ele atacava à cornada. Por isso, nessa tarde] Nessa tarde,

<sup>317</sup> em que o grande rebanho do velhote] o grande rebanho

<sup>318</sup> perto, Xoxombo] perto. O cacimbo estava para chegar e as cabras andavam espalhadas pelo capim dentro, roendo os últimos verdes das grandes chuvas, chamando os pequenos cabritos que saíam nas corridas, aos saltos, fingindo pelear. Debaixo dum muxixe os pastores assobiavam ou zuniam pedras e, numa pequena corrida, o rebanho juntava outra vez, ficando a pastar, sacudindo as moscas. O velho chibo ainda mais longe, sozinho, mas com um pequeno vento que soprava do mar do Mussulo o cheiro dele chegava bem debaixo do pau onde estava Xoxombo.

<sup>319</sup> amarrou Espanhola curta, mesmo ao pé dele.] O menino tinha amarrado a /Espanhola *italico/* ali pertinho, no meio dum capim bom, e ouvindo-lhe a roer as folhas, falando às vezes para responder nas amigas que andavam mais longe. De vez em quando, deixando o livro, Xoxombo olhava no Cinco, nos cajueiros tor-

cidos onde Zeca e os outros andavam ou então espiava o caminho, esperando o velho capitão para lhe dar lição na geografia.

<sup>320</sup> E na tranquilidade da presença próxima,] Assim, nessa calma do fim de tarde, com um vento fresco empurrando nuvens brancas no céu, sentindo /Espanhola *italico* / ali pertinho, Xoxombo

<sup>321</sup> foi-se distraíndo com as figuras] deixou-se distrair nas figuras

<sup>322</sup> desencontram.] desencontram. §

<sup>323</sup> Segundo] Como conta

<sup>324</sup> miúdos] meninos

<sup>325</sup> andavam perto a pôr visgo para apanhar plim-paus] andavam lá em cima

<sup>326</sup> Xoxombo teria querido fazer] Xoxombo, nessa hora, queria fazer

<sup>327</sup> arremeteu contra ele que procurou defender a Espanhola] correu para ele e pôs-lhe umas cornadas

<sup>328</sup> E, embora rindo, rindo sempre, mas evocando seu testemunho visual, mantém, ainda hoje, essa versão. §] Até hoje ninguém que percebe porquê o Zeca e os outros falam sempre esta história assim. É verdade que, depois das confusões do Zito, o Xoxombo ficou diferente, já não era aquele menino antigo. Mas também não era aquele miúdo de malandro como eles dizem. O Zeca jura, ainda hoje, que passou como ele conta: ele mesmo é que viu, ninguém que pode discutir o que ele fala. Outra coisa que conta mais, é que foi mesmo Zeca quem apareceu no musseque, correndo na casa do capitão, a chamar sá Domingas, gritando, assustado, o bode do sô Viriato estava matar o Xoxombo. §

<sup>329</sup> Outra maneira de ver e de contar é a de Carmindinha e do resto da família.] Mas Carmindinha e a família não aceitam essa história assim.

<sup>330</sup> Xoxombo] Embora triste, a menina diz sempre, com raiva, que Xoxombo

<sup>331</sup> tentava tapar] estava querer tapar

<sup>332</sup> com o seu corpo para a fazer escapar às arremetidas do bode] com o corpo dele para lhe escapar do bode

<sup>333</sup> quando os] e por isso os

<sup>334</sup> o feriram] lhe feriram

<sup>335</sup> furando-lhe o corpo em dois lugares] furando-lhe dois furos

<sup>336</sup> enchendo-o] enchendo-lhe

<sup>337</sup> *Parágrafo suprimido na versão do romance.*

<sup>338</sup> Quando lá] Velho capitão saiu nas corridas, ninguém que lhe apanhou, mesmo velho como era. Rodeando sá Domingas, a tremer agarrada na Carmindinha, toda a gente do nosso musseque foi também no imbondeiro. Quando lá

<sup>339</sup> caído] desmaiado

<sup>340</sup> sem sentidos e o sangue corria das feridas.] os miúdos à volta, atrapalhados, ninguém que sabia o que ia fazer. Bento Abano, abaixado, levantava-lhe a cabeça e punha chapadas pequenas na cara do filho, queria-lhe acordar; mas o sangue corria das feridas

<sup>341</sup> Sempre que respirava, uma golfada passava-lhe os lábios e tingia a camisa e os braços do velho pai quando o trouxe para casa.] e, sempre que respirava, saía na boca e pintava a camisa e os braços do velho pai. §

<sup>342</sup> Depois chegou a ambulância dos bombeiros e levou Xoxombo para o Hospital Central, no meio da gente do musseque, reunida à volta, cochichando e lamentando. §] O sol da tarde já tinha fugido, só o céu azul era agora vermelho como o sangue do Xoxombo. Soprava um vento pequeno que levava as lamentações e choros das mulheres ali à volta. Mas ninguém que resolvia nada, só o velho capitão continuava a limpar o sangue. Foi mesmo o Zeca Bunéu que salvou o caso. Na zuna, todos viram-lhe correr pelo capim, aos saltos parecia era cabrito, para esquivar os cacos; mais tarde, quando chegou a ambulância a gritar a buzina dela e levaram o Xoxombo no Hospital Central é que a gente soubemos que o menino adiantou correr na padaria, onde que meu pai estava trabalhar, e pediu-lhe para telefonar no hospital. § Nesse fim de tarde, toda a gente ficou ainda muito tempo consolando sá Domingas e as meninas, falando não era nada, Xoxombo ia voltar mesmo, mas só dez horas já é que o capitão apareceu. A cara velha parecia era de morto e não falava direito para ninguém, homem delicado como só ele, percebemos que era perigo, o Xoxombo tinha que ficar no hospital. §

<sup>343</sup> todos] sempre

<sup>344</sup> D. Branca e seu marido] Dona Branca e o seu homem

<sup>345</sup> carpinteiro] sapateiro

<sup>346</sup> já de pazes feitas com seus vizinhos e Zeca Bunéu incrivelmente] com Zeca Bunéu muito

<sup>347</sup> puxando-me as orelhas e fazendo barulho pelos meus dedos] puxando-me nas orelhas, fazendo queixa os meus dedos

<sup>348</sup> crónica] que não saía mais

<sup>349</sup> meio triste que ficou sempre assim e de que eu gostava] um pouco triste, que ficou sempre assim, e que eu gostava

<sup>350</sup> mais magro,] mais magro, mais velho,

<sup>351</sup> sofrendo com a doença] sofrendo a doença

<sup>352</sup> macho,] macho;

<sup>353</sup> dizia. §] dizia. § O Biquinho veio mesmo de longe, do Bairro Operário onde que estava morar agora e até o Antoninho e o Nanito lhe levaram os doces para ele. Só o Zito, coitado, não apareceu, estava outra vez na esquadra. §

<sup>354</sup> macho] chibo

<sup>355</sup> fundo o pulmão] muito fundo no pulmão

<sup>356</sup> não resistiu] não aguentou

<sup>357</sup> Um dia todos nós o velámos e mais muita gente do musseque.] Uma noite triste a gente lhe velámos e vieram os amigos de todos os lados.

<sup>358</sup> Creio que] Penso que

359 esboçou, entre lágrimas silenciosas, um sorriso] chorou, entre lágrimas caladas, um sorriso  
360 Mas tenho a certeza] A certeza só tenho  
361 que lhe dei] que dei-lhe  
362 tímido] cheio de medo  
363 detrás] atrás  
364 chuva miúda, em] chuva pequena em  
365 *Na versão do romance, segue-se um asterisco, assinalando uma divisão no capítulo.*  
366 Mas, três dias depois, já brincávamos novamente, embora a tristeza nos visitatesse de quando em quando. E assim começou] Assim nasceu  
367 os mais distanciados da nossa zona] os que estavam morar mais longe do nosso musseque  
368 concededores da história por ouvirem contar] quando souberam a história  
369 riam-se às vezes e diziam] riam-se, gozavam e diziam  
370 trepavam nas cabras] faziam malandro com cabras  
371 E começaram a referir] Daí começaram referir  
372 morto, como] morto como  
373 tivesse contado] tivesse posto  
374 Que Xoxombo me perdoe, mas] Xoxombo vai-me desculpar mas  
375 que a conto] que eu conto  
376 história] conversa  
377 tinha razão] é que sabia  
378 nunca o reconheceu. Mas, que queres?: há sempre pessoas a quem as verdades novas assustam.] nunca quis acreditar essa verdade.  
379 Regional, que hoje encontrei à saída] Regional que hoje encontro na porta  
380 Cemitério Velho] Cemitério Alto-das-Cruzes  
381 irmão, Xoxombo] irmão Xoxombo  
382 *No romance, termina aqui o capítulo I.*

*Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. XV, 2 (jun. 1963), pp. 21-28 e 36.

## MENINOS DO MUSSEQUE\*

(fragmento do romance inédito)

Uma paz que vinha desde tempos antigos que<sup>1</sup> nem eu nem os outros miúdos do musseque lembrávamos, mas que as mães<sup>2</sup> e os homens, nas portas, à noite, falavam<sup>3</sup> agora, manteve amigas<sup>4</sup> aquelas famílias, mesmo com as conversas e confusões, as zangas<sup>5</sup> e as pazes que, às vezes, pareciam estragar a vida, mas que era afinal o produto<sup>6</sup> de longa vizinhança e amizade.<sup>7</sup>

Assim falavam o mestre de barco-de-cabotagem, don'Ana, Sebastião Domingos Mateus, pai do Zito, até mesmo o pai do Zeca, antigo já ali no musseque.

E essa<sup>8</sup> paz que não sabíamos e que vinha no cacimbo<sup>9</sup> com as manhãs orvalhadas e no calor com o sumo dos cajús em Dezembro, que voava em bandos de gungos e januários e nos rodeava no capim verdinho das primeiras<sup>10</sup> chuvas, começou a ser falada com saudade quando, pelas Ingombotas<sup>11</sup> acima, os telhados vermelhos das casas novas<sup>12</sup> começaram a espreitar o musseque<sup>13</sup> com seus olhos invejosos.

Muitos papéis da Câmara foram entregues às pessoas<sup>14</sup> que moravam lá para os lados do musseque Braga<sup>15</sup> e a gente soube que, meses mais tarde, o tractor<sup>16</sup> veio com os serventes e deitou abaixo as casas, alisando o terreno. E os<sup>17</sup> que não tinham acreditado no papel, tiravam as coisas das cubatas<sup>18</sup>, nas corridas, enquanto os serventes despregavam<sup>19</sup> as chapas de zinco e, ainda quentes das pessoas<sup>20</sup>, as paredes começavam a resistir<sup>21</sup> na faca do tractor

---

\* Este conto foi depois retomado no romance *Nosso musseque*, publicado em 2003 («Zeca Bunéu e outros», IV, «Os casos», p. 71 e ss. da edição da Caminho). No final desta primeira versão, apresento, de uma forma simplificada, o confronto entre as duas publicações. As diferenças estão sinalizadas pelas chamadas de nota.



para<sup>22</sup> depois, duma só vez<sup>23</sup>, a máquina entrar por cima de tudo, no meio da poeirada vermelha do barro desfeito.

Homens<sup>24</sup> de sombrinha e óculo para espreitar, punham<sup>25</sup> sinais com os braços e monangambas andavam com as tábuas<sup>26</sup> riscadas. Camionetas começaram a descarregar<sup>27</sup> burgau e areia amarelinha<sup>28</sup> do Bungo. E a paz do nosso musseque, mesmo com o capim verdinho e os cajús ao sol de Janeiro, cheirava às vezes ao fumo do tractor e cobria-se de fina nuvem de poeira vermelha<sup>29</sup> que o vento de Belas<sup>30</sup> empurrava, à tarde, para cima de nós.

De todas<sup>31</sup> as famílias lá no musseque<sup>32</sup>, só o pai do Biquinho recebeu o papel porque estavam a morar<sup>33</sup> para lá<sup>34</sup> do imbondeiro, mesmo perto<sup>35</sup> já do Braga.

Foi de manhã e sô Augusto<sup>36</sup> disparatou o branco que lhe entregou o aviso, ameaçou destruir a Câmara, mas<sup>37</sup> nga Xica apareceu na porta a pedir desculpa e meter<sup>38</sup> o homem na cubata, antes que passasse mais confusão. E enquanto outros fugiam<sup>39</sup> lá mais para cima,<sup>40</sup> com as imbambas e os monas pelo areal fora, sô Augusto aparecia, arreganhando<sup>41</sup>:

– Não saio da minha<sup>42</sup> casa! Pago a renda, ninguém me tira nem com a porrada.<sup>43</sup>

– Ouve ainda, mano Augusto, você sabe, com a Câmara<sup>44</sup> é assim...

Nga Xica<sup>45</sup> ainda andou procurar arranjar cubata<sup>46</sup> noutro sítio mas, cada dia que saía, ninguém que ficava em casa para<sup>47</sup> fazer o trabalho e a comida depois faltava.

A gente<sup>48</sup> via o tractor correr pelo capim, com os dentes amarelos a destruir tudo desde lá ao longe e avisava<sup>49</sup> nga Xica qualquer dia ia chegar<sup>50</sup> ali e depois<sup>51</sup> sucedia como a sra. Fefa<sup>52</sup> que escapou morrer dentro da cubata.

– Não têm<sup>53</sup> coração! Chegam aí, nem que você se põe lá dentro, mana, derrubam!

Nga Xica não acreditava, queria<sup>54</sup> se convencer, pensava que ia pedir<sup>55</sup> no homem do tractor e lhe deixavam<sup>56</sup> ficar. Estava morar ainda longe do sítio das casas<sup>57</sup> novas, não iam precisar da cubata<sup>58</sup> dela para nada.

Sá Domingas<sup>59</sup> aconselhava, capitão<sup>60</sup> foi ainda falar no sô Augusto para ir fazer<sup>61</sup> um pedido no sô Laureano da Câmara, mas era difícil não lhe encontrar bêbado e ameaçador.

E o tempo correu, os cajús maduros caíram no chão e o capim começou a ficar velho <sup>62</sup>. Biquinho saiu na escola foi <sup>63</sup> na oficina. Zito, com uma confusão do dinheiro do doceiro, lhe levaram na esquadra.

Com <sup>64</sup> as férias e muito sol, sem esses dois companheiros, nesse dia em que o tractor apareceu outra vez, amarelo e mau <sup>65</sup>, correndo pelo areal, fumando o fumo preto e ameaçando com a faca bem afiada, eu, o Zeca Bunéu e Xoxombo, brincávamos <sup>66</sup> às quigosas. Era um jogo que cansava. De tarde, sem vontade de brincar mais <sup>67</sup>, ficámos debaixo da gajajeira falando nossas conversas.

O dia estava bonito, os bigodes do Zito cantavam na gaiola de alçapão do menino. De noite tinha caído uma chuva muito boa que molhou bem a terra vermelha, refrescou o ar e lavou os ramos dos paus que cresciam pelo capim adiante <sup>68</sup>. As flores brancas, as buganvílias, as mandioqueiras, cheiravam <sup>69</sup> até dentro das cubatas.

Quatro horas já passavam <sup>70</sup>. O sol não magoava mais e essa tarde ia ser mais uma <sup>71</sup> calma tarde de férias se o tractor não tivesse aparecido <sup>72</sup> logo de manhã, fazendo ouvir a sua <sup>73</sup> voz rouca, vomitando fumo até debaixo <sup>74</sup> do pau onde estávamos.

Nga Xica <sup>75</sup> sentiu o barulho e veio <sup>76</sup> na porta receando desgraça, mas <sup>77</sup> depois, vendo-lhe lá muito longe, voltou para dentro fazer o matete do Biquinho. E só quando o filho saiu, foi devagar acordar <sup>78</sup> sô Augusto que estava dormir na esteira.

– O tractor veio...

– E depois? Tenho nada com isso! <sup>79</sup>

– Ai homê, não fala assim só. Você não percebe vem para nos correr?

Sô Augusto bocejou e virou no outro lado sem falar, e nga Xica <sup>80</sup>, com aquele pressentimento no coração saiu <sup>81</sup> e foi aconselhar com suas vizinhas. Sá Domingas achou que o melhor <sup>82</sup> era ir mesmo falar com o homem do tractor para saber a verdade.

– P’ra quê você tem um homem, mana? P’ra quê então? Ala chiça! Ele é que vai falar com o branco <sup>83</sup>!

E quando nga Xica saiu mais confortada, caminho de casa, Xoxombo que <sup>84</sup> espregueou a conversa, veio-nos avisar mas <sup>85</sup> nessa manhã nada que sucedeu.

O tractor estava ainda trabalhar longe, lá em cima, nos cajueiros grandes e só o barulho e o fumo dele é que chegavam dentro da cubata.

Onze horas <sup>86</sup> sô Augusto saiu sem falar na mulher, e nga Xica <sup>87</sup>, o coração apertado lhe dizendo que ia passar qualquer coisa, ficou <sup>88</sup> na porta, ora <sup>89</sup> olhando o homem afastar pelo capim, ora <sup>90</sup> espreitando a máquina amarela a refilar <sup>91</sup> lá em cima contra os troncos dos cajueiros velhos.

Mas <sup>92</sup> só mesmo depois das quatro horas é que sucedeu. O tractor virou para baixo caminho do Maculusso <sup>93</sup> e veio com depressa, correndo por cima da areia e do capim, engolindo os quinjongos, espantando os catetes. A faca na frente, afiada, brilhava ao sol.

Nga Xica <sup>94</sup> estava na porta, pequeno descanso depois da selha, e o barulho do motor adiantou nas suas orelhas. A mãe do Biquinho <sup>95</sup> levantou e o vento encostou no seu corpo de miúda magrinha o barulho da máquina.

– Aiuê ngana Zambi'ê! Chegou a hora! <sup>96</sup>

Nem que fechou a porta, apanhou o papel que o branco tinha trazido muito tempo e começou a correr, chorando e gritando:

– Nakuetu'ê! Vizinhos, acudam, minha <sup>97</sup> desgraça!

Xoxombo e Zeca foram os primeiros a ouvir. O Antoninho desceu da gajajeira e nos avisou:

– Mãe do Biquinho vem aí com as corridas!

Quando nga Xica chegou na cubata do capitão, já don'Ana, a mãe do Zito, D. Branca e as meninas <sup>98</sup> estavam a lhe esperar.

– Aiuê! Lamba <sup>99</sup> diami! O tractor está vir <sup>100</sup> mesmo.

– Deixa ainda, Xica! Calma!

– Não posso, não posso, mana! Como vou fazer então? Ninguém p'ra me ajudar.

A mãe do Biquinho abanava a cabeça para todos os lados e dos olhos velhos <sup>101</sup> as lágrimas corriam. Sá Domingas entrou na casa <sup>102</sup> dela, calçou as <sup>103</sup> sandálias e <sup>104</sup> com Carmindinha e Tunica, disse <sup>105</sup> para as vizinhas <sup>106</sup>:

– Quem quiser vem nos ajudar. Se Bento estava ele <sup>107</sup> ia falar com o branco <sup>108</sup>, talvez o homem aceita esperar. <sup>109</sup>

– É melhor mesmo!

Com os miúdos atrás falando o tractor <sup>110</sup> e nga Xica no meio, já <sup>111</sup> com as lágrimas caladas, o grupo partiu pelo carreiro no meio do capim, debaixo dos olhares de D. Branca <sup>112</sup>, na porta, com <sup>113</sup> seu marido, mestre sapateiro, dizendo:

– Deixa lá! Não temos nada com isso!

– Oh homem, mas a desgraçada vai ser posta na rua. Podias ir lá falar...

– Já foram avisados há muito tempo!

Quando o grupo chegou <sup>114</sup>, o tractorista já tinha descido do tractor que calado <sup>115</sup> agora, olhava de frente a cubata, a faca no chão, enquanto um <sup>116</sup> monangamba despejava duma lata gasóleo <sup>117</sup> para o depósito.

Os <sup>118</sup> meninos adiantaram correr para mirar a máquina e <sup>119</sup> nga Xica avançou para a cubata. O tractorista andava lá dentro <sup>120</sup>, ouvia-se a voz forte <sup>121</sup> dele a chamar:

– Não há ninguém em casa? Raça de negros! <sup>122</sup>

Sá Domingas adiantou com a vizinha e chocaram com o homem, baixo <sup>123</sup> e gordo, na porta <sup>124</sup>. Nga Xica insultou:

– Xê ngueta <sup>125</sup>! Então o senhor entre assim <sup>126</sup> na casa do outro sem <sup>127</sup> pedir licença nem nada!?! <sup>128</sup>

– Não há direito, abusar assim as pessoas! – don'Ana levantou o punho na direcção dele.

Agarrado assim, o homem olhou o grupo de mulheres paradas, algumas <sup>129</sup> com os monas pela mão, e <sup>130</sup> depois, mudando de conversa, falou bem:

– Não tenho culpa. Bati, não estava ninguém...

– E entrou logo assim, não é? Na casa leia! <sup>131</sup>

– Está bem, já acabou. Quem é o dono?

Nga Xica adiantou-se <sup>132</sup>.

– O teu homem?

– Não está.

– Não receberam um papel a avisar para ir embora até ao fim do mês?

– Recebemos mas <sup>133</sup> a gente não encontrámos cubata para mudar.

O tractorista riu <sup>134</sup>.

– Chiça, em <sup>135</sup> três meses não encontraram cubata? <sup>136</sup>

– Verdade, senhor! – meteu don'Ana – a gente <sup>137</sup> lhe ajudámos a procurar.

– Cala a boca! É tudo uma cambada de aldrabões.

Sá Domingas, don'Ana e a mãe do Zito<sup>138</sup> ainda insistiram, mas o homem<sup>139</sup> não aceitou. Refilou que tinha ordens, a Câmara tinha avisado e agora mesmo ia deitar a cubata abaixo. Um murmúrio de protesto levantou-se<sup>140</sup> do grupo da gente reunida, ganhou força, aumentou e algumas vozes insultaram:

– Ngueta da tuji!

– Cangundo ordinário!

Saindo do meio<sup>141</sup> das amigas, nga Xica correu para casa e pôs o seu corpo magro a tapar a porta. Batido pelo vento, o vestido parecia uma bandeira.

– Você, seu cangundo, estás a fazer pouco porque são as mulheres, senão<sup>142</sup> te rebentávamos as fuças!<sup>143</sup>

O tractorista, baralhado,<sup>144</sup> olhava as mulheres zangadas, a mãe do Biquinho na porta com a vassoura e os serventes escondidos<sup>145</sup> atrás do tractor, gozando em quimbundo<sup>146</sup>.

Mandou:

– Dou meia hora se<sup>147</sup> quiserem tirar as imbambas. Depois disso faço<sup>148</sup> o que me mandaram. A cubata já devia estar vazia.<sup>149</sup>

– Então vem cá, vem cá, cangundo! Rebento-te<sup>150</sup> as fuças!

Nga Xica não parecia<sup>151</sup> a senhora que a gente conhecia. Todas as veias do pescoço e dos braços se viam debaixo da pele e a vassoura fazia voltas de ameaça. As mulheres murmuravam, umas insultando, outras pedindo o favor de deixar ficar mais uns<sup>152</sup> dias até arranjar cubata<sup>153</sup>. O tractorista, suado<sup>154</sup>, olhava ora numas, ora noutras<sup>155</sup>, mas não queria aceitar.

Só<sup>156</sup> quando a mãe do Biquinho, sem pensar mais nada, a gritar parecia maluca<sup>157</sup>, lhe começou a dar com a vassoura, é que<sup>158</sup> ele fez qualquer coisa. Agarrou-lhe na cintura e começou lutar para tirar o pau<sup>159</sup>. Don'Ana e as outras amigas correram, os miúdos começaram a uatobar, os serventes rindo, a bater<sup>160</sup> as palmas e o tractorista, num minuto, estava cercado por um grupo arreganhador<sup>161</sup> de mãos e bocas gritando e agitando-se<sup>162</sup>. Berrou por cima do barulho todo, empurrou as mulheres uma a uma e depois falou, tentando convencer:

– Não tenho culpa<sup>163</sup> do que se passa! Poça<sup>164</sup>! Fui mandado.<sup>165</sup> Tenho que deitar abaixo a cubata hoje, amanhã vem o Presidente para ver o terreno. Merda!<sup>166</sup> Tirem as imbambas da cubata senão eu deito abaixo assim mesmo!

Nga Xica arrumou-se no chão<sup>167</sup> a chorar de raiva, batendo com as mãos e os pés<sup>168</sup> na areia, a insultar<sup>169</sup> sô Augusto.

– P’ra quê uma mulher tem homem! P’ra quê? Só para dormir<sup>170</sup> e fazer filhos? Bêbado, vadio!

As vizinhas ajudaram-lhe<sup>171</sup> a levantar enquanto sacudiam<sup>172</sup> a poeira da infeliz, lhe empurraram<sup>173</sup> para a cubata. Os soluços e as lamentações chegavam até cá fora<sup>174</sup> e mesmo os serventes já não estavam a rir mais<sup>175</sup>. A gente viu o tractorista zangado, dizer asneiras<sup>176</sup> e andar para cima da máquina dando-nos<sup>177</sup> berrida, gritando parecia a gente ia-lhe comer o tractor.

E enquanto punha<sup>178</sup> o motor a trabalhar, enchendo o ar com o cheiro<sup>179</sup> do fumo preto, as vizinhas e os meninos<sup>180</sup> traziam<sup>181</sup> para fora as mobílias da família do Biquinho. A gente correu<sup>182</sup> também para lhes ajudar e todo o mundo, parecia eram<sup>183</sup> formigas, começou a trabalhar.

Fazia pena ver assim tudo atirado no chão de areia, aquelas coisas que a gente<sup>184</sup> conhecia, cada qual no seu sítio dentro da casa, bem arrumadas. Agora ali ao sol<sup>185</sup> da tarde, tudo parecia era porcaria<sup>186</sup>. Na sombra da casa, com a arrumação<sup>187</sup> de nga Xica, esses objectos falavam na gente. O moringue dizia água fresquinha, a caneca falava quiquêrra, as quindas farinha fina, farinha musseque<sup>188</sup>. Posto tudo assim no chão, à toa, depressa para<sup>189</sup> salvar, parecia mas é um monte de lixo<sup>190</sup>.

As esteiras onde dormiam<sup>191</sup> nga Xica e sô Augusto, a cama de ferro de Biquinho<sup>192</sup>, velha e enferrujada, onde a gente tantas vezes pelejava, parecia era sucata. As cadeiras<sup>193</sup> tinham perdido o verniz há muito tempo<sup>194</sup>, a mesa com as nódoas<sup>195</sup> da comida, saíam; <sup>196</sup> nga Xica e as vizinhas carregaram a sanga e a pedra, o fogareiro, os luandos, as panelas, os balaíos.<sup>197</sup>

Ficámos muito tristes a ver as coisas sair<sup>198</sup>, a mala de madeira do Biquinho onde depois don’Ana veio meter a saca da escola com a pedra<sup>199</sup> e o livro da segunda. O tractorista parecia com mais respeito agora<sup>200</sup>, o motor estava calado e os serventes também ajudavam<sup>201</sup> a retirar tudo da cubata.

Nga Xica<sup>202</sup> apareceu<sup>203</sup> com aquele velho quadro do Sagrado Coração de Jesus e o outro<sup>204</sup>, aquele que o Biquinho fez com o retrato do Presidente<sup>205</sup>, e atirou<sup>206</sup> também no monte.

Eram mais de cinco horas, o sol já não queimava nada e algumas lavadeiras e outras pessoas que adiantavam<sup>207</sup> sair nos serviços, começavam já a passar<sup>208</sup>, parando para perguntar, saindo depois a lamentar a sorte da vida.

Quando tudo estava já cá fora estendido no areal, os serventes começaram<sup>209</sup> então tirar as portas e janelas e nga Xica<sup>210</sup> desatou a chorar. A cubata olhava as pessoas com pena<sup>211</sup> também. Ali tinha nascido o Biquinho<sup>212</sup>, ali tinha vivido tanto tempo que não<sup>213</sup> acreditava que ia<sup>214</sup> sair naquela hora. As paredes vazias mostravam o sítio dos quadros, o sujo das moscas, os pregos espetados, as manchas da água<sup>215</sup> da chuva. E depois, quando os serventes tiraram as chapas de zinco, apareceram<sup>216</sup> de repente, feias na sua nudez de anos, mostradas agora pelo sol que entrava pelo telhado.<sup>217</sup> Toda a gente estava calada.<sup>218</sup> Podia ouvir-se<sup>219</sup> o vento nos paus, pássaros voando baixo, vozes de gente<sup>220</sup> longe, o respirar suado dos monangambas a arrancar os zincos e o barulho das chapas a cair na areia. As amigas de nga Xica e as filhas<sup>221</sup> mais velhas tinham-se sentado<sup>222</sup> nas coisas espalhadas no chão, pensativas e tristes e<sup>223</sup> mãe de Biquinho<sup>224</sup> chorava um choro silencioso sem lágrimas, lamento da sua vida<sup>225</sup>.

– Pronto! Agora é que vai! Fugam, que podem apanhar com algum bocado!

O tractorista quebrou<sup>226</sup> assim aquele silêncio e a voz grossa dele parecia um corvo<sup>227</sup> a ameaçar desgraça. O tractor gritou alto, cuspidando fumo negro, e<sup>228</sup> rapidamente com<sup>229</sup> a faca bem afiada onde o sol batia, a máquina correu para a cubata e encostou-lhe, gemendo e bufando. Sentiam-se as paredes a resistir, o barro vermelho e as canas, de<sup>230</sup> mãos dadas, a<sup>231</sup> aguentar, refilandando<sup>232</sup> baixinho mas, um momento depois<sup>233</sup>, tudo era só um grande barulho e bocados de barro, canas<sup>234</sup> e poeira vermelha subindo no ar, com o vento de Belas a enxotá-la<sup>235</sup> para longe e a máquina amarela a correr maluca com o tractorista a tossir. A casa onde tinha<sup>236</sup> nascido Biquinho, o nosso silencioso companheiro, era só restos de paredes meio caídas que, com pequenos golpes da faca do tractor, se deixavam abater, sem<sup>237</sup> força já para ficar ainda de pé a falar uma vitória que não podiam ter.

---

<sup>1</sup> tempos antigos que] tempos antigos, que

<sup>2</sup> mas que as mães] mas as mães

<sup>3</sup> falavam] conversavam

<sup>4</sup> manteve amigas] manteve amigas e vizinhas

<sup>5</sup> confusões, as zangas] confusões e as zangas

<sup>6</sup> era afinal o produto] eram afinal essa paz

7 e amizade.] e amizade...  
8 Musseque. § E essa] musseque. E essa  
9 vinha no cacimbo] vinha, no cacimbo,  
10 verdinho das primeiras] das primeiras  
11 quando, pelas Ingombotas] e com medo na hora que, pela Ingombota  
12 os telhados vermelhos das casas novas] telhados vermelhos de casas  
13 começaram a espreitar o musseque] começaram espreitar o nosso musseque  
14 foram entregues às pessoas] tinham sido entregues nas pessoas  
15 que moravam lá para os lados do musseque Braga] lá para os lados de Braga  
16 soube que, meses mais tarde, o tractor] soube, meses mais tarde, que o tractor  
17 E os] E as pessoas  
18 papel, tiravam as coisas das cubatas] papel tiravam suas coisas nas cubatas  
19 enquanto os serventes despregavam] na hora dos serventes despregarem  
20 das pessoas] dos moradores  
21 começavam a resistir] resistiam  
22 tractor para] tractor, para  
23 duma só vez] duma vez só  
24 desfeito. § Homens] desfeito. Homens  
25 espreitar, punham] espreitar punham  
26 as tábuas] umas tábuas  
27 começaram a descarregar] começavam a carregar  
28 areia amarelinha] areia  
29 poeira vermelha] poeira  
30 vento de Belas] vento do Mussulo  
31 de nós. § De todas] de nós. § Nosso azar também chegou. § Foi numa manhã.  
De todas  
32 lá no musseque] de nosso musseque  
33 recebeu o papel porque estavam a morar] recebeu papel, estavam morar  
34 para lá] longe, para lá  
35 mesmo perto] perto  
36 Braga. § Foi de manhã e sô Augusto] Braga. Sô Augusto  
37 a Câmara, mas] a Câmara, foi buscar o livro, mas  
38 apareceu na porta a pedir desculpa e meter] apareceu, pediu desculpa e meteu  
39 E enquanto outros fugiam] E quando passavam os que estavam fugir  
40 para cima,] para cima, Burity, Terra Nova,  
41 aparecia, arreganhando] vinha com o livro aberto, ameaçava  
42 da minha] de minha  
43 porrada.] porrada!  
44 sabe, com] sabe com



45 Nga Xica] Sô Augusto crescia os olhos parecia onça e arreganhava: § – E o  
que eu inventei? Só carregar no botão... § Nga Xica  
46 procurar arranjar cubata] procurar casa  
47 ficava em casa para] ficava para  
48 faltava. § A gente] faltava. A gente  
49 tudo desde lá ao longe e avisava] tudo e avisava  
50 nga Xica qualquer dia ia chegar] nga Xica: um dia ia de chegar  
51 e depois] e, depois,  
52 sra. Fefa] senhora Fefa  
53 Não têm] Branco não tem  
54 não acreditava, queria] não aceitava. Ela mesmo queria  
55 pensava que ia pedir] pensava ia pedir  
56 tractor e lhe deixavam] tractor, lhe deixava  
57 ainda longe do sítio das casas] muito longe das casas  
58 precisar da cubata] precisar a cubata  
59 nada. § Sá Domingas] nada. Sá Domingas  
60 aconselhava, capitão] vinha, aconselhava; capitão  
61 para ir fazer] para fazer  
62 ficar velho] ficar seco  
63 na escola foi] na escola, foi  
64 esquadra. § Com] esquadra. Com  
65 e mau] e novo  
66 e Xoxombo, brincávamos] e o Xoxombo estávamos brincar  
67 sem vontade de brincar mais] sem vontade  
68 pelo capim adiante] pelo capim  
69 mandioqueiras, cheiravam] mandioqueiras cheiravam  
70 já passavam] já passava  
71 mais uma] uma  
72 se o tractor não tivesse aparecido] mas o tractor veio  
73 manhã, fazendo ouvir a sua] manhã. Com sua  
74 fumo até debaixo] fumo estragava o vento até debaixo  
75 estávamos. § Nga Xica] estávamos. Nga Xica  
76 o barulho e veio] barulho, veio  
77 na porta receando desgraça, mas] na porta mas  
78 saiu, foi devagar acordar] saiu embora foi acordar  
79 com isso!] com isso?  
80 lado sem falar, e nga Xica] lado. Nga Xica  
81 no coração saiu] no coração, saiu  
82 achou que o melhor] achou o melhor  
83 falar com o branco] falar no branco

84 Xoxombo que] Xoxombo, que  
 85 avisar mas] avisar; mas  
 86 Onze horas] Onze horas já  
 87 mulher, e nga Xica] mulher e nga Xica  
 88 apertado lhe dizendo que ia passar qualquer coisa, ficou] apertado, ficou  
 89 porta, ora] porta ora  
 90 capim, ora] capim ora  
 91 a refilar] a rugir  
 92 velhos. § Mas] velhos. Mas  
 93 para baixo caminho do Maculusso] para baixo, caminho do Makulusu,  
 94 ao sol. § Nga Xica] no sol. Nga Xica  
 95 do Biquinho] de Biquinho  
 96 a hora!] a hora!...  
 97 acudam, minha] acudam! Minha  
 98 D. Branca e as meninas] dona Branca e os meninos  
 99 Aiuê! Lamba] Aiuê, lamba  
 100 está vir] está a vir  
 101 olhos velhos] olhos usados  
 102 na casa] em casa  
 103 calçou as] calçou suas  
 104 sandálias e] sandálias, e  
 105 e Tunica, disse] e Tunica disse  
 106 para as vizinhas] nas vizinhas  
 107 estava ele] estava, ele  
 108 falar com o branco] falar no branco  
 109 esperar.] esperar...  
 110 falando o tractor] gabando o tractor  
 111 meio, já] meio já  
 112 D. Branca] dona Branca  
 113 porta, com] porta com  
 114 Quando o grupo chegou] Quando chegaram  
 115 tractor que calado] tractor. A máquina, calada  
 116 enquanto um] e um  
 117 despejava dum lata gasóleo] despejava gasóleo  
 118 para o depósito. § Os] no depósito. Os  
 119 correr para mirar a máquina e] correr e  
 120 lá dentro] dentro da casa  
 121 a voz forte] a voz  
 122 negros!] negros!...  
 123 o homem, baixo] um homem baixo

---

124 na porta] na saída da porta  
125 Xê ngueta] Xê, ngueta  
126 entre assim] entra assim  
127 outro sem] outro, sem  
128 nada!?] nada?!  
129 algumas] outras  
130 mão, e] mão e,  
131 leia!] leia?  
132 adiantou-se] adiantou  
133 Recebemos mas] Recebemos. Mas  
134 riu] sorriu  
135 Chiça, em] chiça! Em  
136 cubata?] cubata? Queriam um palácio  
137 don'Ana – a gente] don'Ana. – A gente  
138 do Zito] de Zito  
139 mas o homem] o homem  
140 levantou-se] se levantou  
141 Saindo do meio] Saindo no meio  
142 as mulheres, senão] as mulheres, não é? Senão  
143 as fuças!] as fuças! § Pena o homem dela não estar! Escolheu mesmo a  
hora!...  
144 O tractorista, baralhado,] O tractorista surpreso  
145 serventes escondidos] serventes, escondidos  
146 gozando] riam os casos  
147 meia hora se] meia hora, se  
148 Depois disso faço] Depois disso, faço  
149 vazia.] vazia!  
150 Rebento-te] Te rebento-te  
151 não parecia] nem parecia  
152 mais uns] uns  
153 cubata] outra casa  
154 suado] todo suado  
155 ora numas, ora noutras] ora umas ora outras  
156 aceitar. § Só] aceitar. Só  
157 parecia maluca] parecia era maluca  
158 lhe começou a dar com a vassoura, é que] lhe pôs vassourada é que  
159 o pau] a vassoura  
160 rindo, a bater] rindo a bater  
161 arreganhador] ameaçador  
162 mãos e bocas gritando e agitando-se] mãos fechadas e bocas gritando

163 culpa] a culpa  
 164 Poça] Porra  
 165 mandado.] mandado!  
 166 Merda!] Merda!...  
 167 arrumou-se no chão] se atirou no chão  
 168 batendo com as mãos e os pés] batendo mãos e pés  
 169 a insultar] insultando  
 170 dormir] dormir na cama  
 171 ajudaram-lhe] lhe ajudaram  
 172 enquanto sacudiam] e sacudiram  
 173 lhe empurraram] lhe empurravam  
 174 até cá fora] cá fora  
 175 e mesmo os serventes já não estavam a rir mais] e nem os serventes mesmo  
 estavam rir mais  
 176 zangado, dizer asneiras] falar zangado as asneiras  
 177 dando-nos] nos dando  
 178 comer o tractor. § E enquanto punha] comer no tractor. Pôs  
 179 o cheiro] o cheiro podre  
 180 as vizinhas e os meninos] e as vizinhas e as meninas  
 181 traziam] adiantaram trazer  
 182 A gente correu] A gente corremos  
 183 parecia eram] parecia era  
 184 coisas que a gente] coisas a gente  
 185 ali ao sol] ali, no sol  
 186 porcaria] porcaria, lixo  
 187 com a arrumação] na arrumação  
 188 musseque.] musseque...  
 189 depressa para] depressa, para  
 190 um monte de lixo] uma dixita  
 191 onde dormiam] onde que estava  
 192 de Biquinho] do Biquinho  
 193 sucata. As cadeiras] sucata. No lençol branco, os percevejos começavam  
 passear assustados no sol e no barulho. As cadeiras  
 194 tinham perdido o verniz há muito tempo] sem o verniz muito tempo  
 195 com as nódoas] com suas nódoas  
 196 da comida, saíam;] da comida saíam, e  
 197 balaios.] balaios...  
 198 as coisas sair] as coisas assim  
 199 da escola com a pedra] da escola, a pedra  
 200 parecia com mais respeito agora] com mais respeito agora parecia

---

201 também ajudavam] adiantaram ajudar  
202 cubata. § Nga Xica] cubata. Nga Xica  
203 apareceu] veio  
204 e o outro] e outro  
205 do Presidente] do Presidente Carmona  
206 e atirou] e atirou-lhes  
207 adiantavam] adiantaram  
208 já a passar] já passar  
209 começaram] adiantaram  
210 janelas e nga Xica] janelas. Nga Xica  
211 com pena] parece tinha pena  
212 o Biquinho] Biquinho  
213 tanto tempo que não] tanto tempo, não  
214 acreditava que ia] acreditava ia  
215 da água] de água  
216 apareceram] ficaram  
217 de repente, feias na sua nudez de anos, mostradas agora pelo sol que entrava  
pelo telhado.] de repente feias, todas nuas e velhas no sol sem telhado. §  
218 Toda a gente estava calada] Ficámos todos calados  
219 ouvir-se] se ouvir  
220 de gente] de outra gente  
221 as filhas] as meninas  
222 tinham-se sentado] tinham sentado  
223 tristes e] tristes, e  
224 de Biquinho] do Biquinho  
225 silencioso sem lágrimas, lamento da sua vida] silencioso, só lágrimas  
226 quebrou] estragou  
227 parecia um corvo] ficou parecia corvo  
228 fumo negro, e] fumo e  
229 rapidamente com] rapidamente, com  
230 canas, de] canas de  
231 dadas, a] dadas a  
232 refileando] gemendo  
233 baixinho mas, um momento depois] baixinho, mas, depois  
234 barro, canas] barro e canas  
235 vento de Belas a enxotá-la] vento do mar a enxotar  
236 onde tinha] onde que tinha  
237 se deixavam abater, sem] caíam sem

*ABC – diário de Angola*. Luanda. 12-VI-1964, p. 3.

*Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. XVI, 1 (jul. 1964), pp. 80-81.

## CONTO POPULAR ANGOLANO

### PORQUÊ O MORCÊGO COME DE NOITE\*

Tenho contado muitas vezes porquê o morcego só adianta comer de noite.

O Senhor Morcego vivia na sanzala dele, não gostava pagar imposto.

Era um dia. O Chefe dos Animais chamou os cipaiais dele, disse:

– Vão na sanzala do senhor Morcego. Tem de pagar imposto, ele é animal como os outros também.

Os cipaiais foram. Chegaram, disseram:

– Senhor Morcego, viemos para receber imposto!

O Morcego parou de comer a goiaba, respondeu:

– Ih! Imposto? Vão dizer no vosso chefe não pago imposto. Vivo na minha terra, não sou animal para lhe pagar imposto. Já viram?! Um como eu, de asas e tudo, ando no ar, não piso o caminho e ele quer me cobrar imposto? Voltem, não pago. Sou pássaro!

O Chefe dos Animais ficou zangado. Pensou, pensou. Chamou os cipaiais dele, disse:

– Levem esta carta no Senhor Chefe dos Pássaros. – e escreveu.

Era outro dia. O chefe dos Pássaros chamou os cipaiais dele, disse:

– Vão na sanzala do Senhor Morcego. Tem de pagar imposto, ele é pássaro. Ele mesmo é que falou isso!

Os cipaiais foram. Chegaram, disseram.

– Senhor Morcego, viemos para receber imposto!

---

\* A versão que se apresenta é a de *Mensagem*. As diferenças – mínimas – da publicação luandense virão no final do texto, estando sinalizadas pelas chamadas de nota.

O Morcego parou de comer o mamão, respondeu:

– Ih! Imposto? Vão dizer no vosso chefe não pago imposto. Já viram?! Um como eu, com dentes e tudo e ele quer me receber imposto? Já ouviram de pássaro com dentes? Sou animal!

O Chefe<sup>1</sup> dos Pássaros ficou zangado. Pensou, pensou, também ele. Chamou os cipaios dele, disse:

– Levem esta carta no Senhor Chefe dos Animais. – e escreveu.

Era outro dia. Combinaram, pronto: rusga geral. Todos os cipaios do Chefe dos Animais e do Chefe dos Pássaros<sup>2</sup> sempre continuam a rusgar as matas, todos os dias. É por isso o morcego só adianta sair com a noite, para comer.

Costumo contar muitas vezes esta história.

Acabou.

(Narrou A. Imama.  
recolheu Luandino)

---

<sup>1</sup> Chefe] chefe

<sup>2</sup> dos Pássaros] dos Pássaro

*Lavra & oficina: caderno especial dedicado à literatura angolana em saudação à VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos (Luanda, 26 de Junho a 3 de Julho de 1979). Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1979, pp. 88-92.*

## O USUKU, KIFUMBE

Agora, ali sentado na porta, vendo correr os jipes das patrulhas na estrada de areia, mano Xico pensou outra vez nojo é quinta-feira, amanhã preciso levantar mais cedo, fazer desvio no caminho, deixar as quicuangas na cubata de Tita. Os jipes corriam com depressa, arrumavam nuvens de poeira, ficava cair com devagarinho em cima das pessoas, em cima das casas, em cima das coisas, um aviso calado para tudo. E os homens do capacete de aço riam, miravam com os olhos escondidos as pessoas ainda nas portas, aproveitar o fresco. O vento estava soprar quase quieto, mal que Xico via as cabeças dos capins a mexer lá adiante, com seus quatro dedos que os miúdos malandros aproveitam para pôr asneiras. O xaxualho das folhas da mulemba era música baixinho e o barulho dos motores tapava tudo, parecia punha a mão na boca desse vento cada vez mais calado, só deixando chegar um calor grande nas nuvens que ameaçavam tapar todo o céu.

Mano Xico levantou no sítio que estava, se espreguiçou. O corpo dele, parecido como era só ossos, estalou nos joelhos, nos cotovelos, no pescoço. Meteu as mãos nos bolsos, tirou o cigarro, acendeu-lhe. O primeiro fumo saiu alegre e quente e com ele um bocado dessa raiva dos pensamentos que estivera lembrar: a prisão de Gregório, as palavras do irmão na oficina, as cubatas queimadas, os monas brincando de soldados pelas esquinas dos quintais do musseque. Essa raiva parecia era o ferro derretido dentro do cadinho, lá na oficina, Xico sentia-lhe para correr do dentro do molde, corpo dele todo, as veias dele todas, fogo a correr dentro da alma, procurando buraco de sair embora. Mas como assim o molde nunca que deixava sair o ferro fundido, só depois, muito depois, uma peça inteira é que aparecia feita, dura e fria já, assim também ele estava sentir a raiva, correr cada vez mais devagar,



mais fria, nas veias e no coração, ficavam mais pesado, mais grosso, maior no centro do peito.

O fumo saía no cigarro, branco subia, mais quente que o vento. Lá atrás, no quintal, os rabos-de-junco tinham-se calado, cantavam um falar baixinho só. Se ouviam os estalos do fogo dentro da tarde, cantar da água na panela cozendo as quicungas, os pés leves de Jaja, entrar, sair, vir na mesa pôr as que estavam cozinhadas já.

– Você hoje lhe xatiaram, Xico?... – perguntou ela.

Jaja tinha uma maneira de pôr perguntas que lhe irritava, faziam sangue dele andar quente, depressa. Não percebia bem porquê a irmã de Ndonana lhe irritava assim, sempre que ficavam perto muito tempo tinha de sair confusão. Não lhe respondeu, olhou só, mirou naqueles olhos grossos, malandros, nos dentes pequenos e muito brancos, e viu a rapariga abrir a boca, virar no outro lado da rua, chamar:

– Rosa! Ros' é!

A filha mais velha do falecido Bernardo João saiu na porta da cubata onde estava, olhou para os dois lados da rua a querer ficar já escura com a chegada da noite, e só depois, numa corrida, é que veio.

– Boa noite, mano Xico!

– 'noite!

Era uma menina de dezasseis anos, vestindo um velho vestido da mãe mais alta, negro e sem mais cor de tanto lavar. Jaja falou na orelha da amiga, lhe segredou e as duas começaram rir. Ficaram assim, nessa conversa segredada das raparigas, e Jaja sabia muito bem essas coisas assim o cunhado não lhes gostava, costumava xingar quem é envergonhado é ladrão e as pessoas devem mas é dizer o que estão pensar e falar para todos ouvirem.

Com esse ruído dos pequenos risos das raparigas acrescentado nos outros barulhos do fim da tarde, o vento a querer soprar mais, com mais força, a dar berrida nas nuvens, fazendo dançar o capim e as folhas dos paus, os pássaros a passar baixinho procurando o sítio de passar a noite e mesmo o barulho dos motores na estrada nova, mano Xico se distraiu outra vez com os seus pensamentos, sentindo só, quente parecia era cobertor, aquela raiva a trepar, a tapar o corpo todo. Foi então, na hora que a fala irritada de Rosa fez-lhe cair

o cigarro, que as mãos de Xico ficaram tremer junto com o corpo magro de pé outra vez.

– Cangundo da merda! Vai apalpar na tua irmã!

Os soldados riram, não ligaram na rapariga. Ficaram olhar só e depois continuaram a rir gargalhadas – um, o que ia do lado de fora, baixo e escuro; o outro, loiro e branco, muito branco, é quem tinha apalpado na Jaja e ria ainda o seu riso quando adiantou gritar:

– Ai, filha! Se não fosse a hora de recolher, íamos fazer um mulatito...

Tinha andado devagar aquela rua toda, desde o princípio, lá no fundo, pareciam eram hienas escondidas nas sombras das cubatas e vinham fazer essa brincadeira de apalpar quem que encontrassem. Mano Xico, pensando os casos da vida, nem tinha dado conta. Agora, nessa hora, iam já lá adiante, mas sempre a rir e virar para trás, pondo gestos.

– Ngueta da merda! Já viu sua cara no espelho? Parece lhe puseram peidos, não tens vergonha! – Jaja gritava mas tinha qualquer riso que queria nascer debaixo das palavras, acabou mesmo já era riso, à-toa, parecia era uma comichão tinha de aceitar.

E vavó Tataxa, lá dentro da casa, ria também, sacudia suas carnes gordas:

– Ih! Ih! Ih! Essas meninas... Ih! Ih! Uazeluluka... Ih! Ih! Uazeluluka a-mu-tela jixoto, jixoto mu polo!...

E a figura assim das mulheres uma quieta só a ver o soldado lá longe atravessar no capim, vavó gozando o quissemos da sua neta, fizeram mano Xico sentar outra vez, dentes apertados, mãos a tremer, torcendo uma na outra, sentindo no sangue parecia era ferro fundido a escorrer na zuna, enchendo no molde do coração, pesado, na hora que a cabeça pensava «porquê? porque não correste para lhe partires nas fuças? porquê não lhe arregue-nhaste?», e então essa coisa quente que procurava buraco de sair embora chegou na boca, saiu à-toa, gritou suas palavras sentindo só barulho delas como água da sanga para refrescar no coração raivoso:

– Cadelas! Não têm vergonha? Querem mas é deitar dormir com os soldados! E os outros a morrer na prisão...

Nessas palavras é que Jaja saltou na cara dele, olhos acesos de quissueia, dentes dela, brancos, ameaçadores:

– Cala-te a boca, porra! A conversa chegou na cozinha, chegou? Você que és um mole! Porquê não lhes arreguenhaste, porquê? Porquê? Fala então?

E lhe encostava suas mamas bonitas, empurrava-lhe, punha sorriso de fazer pouco:

– Ala, poça! Se querias adiantar defender na honra da tua família, porquê não lhes atacaste? Porquê? Deste-lhes berrida? Deixa de truques, porra!

Ndonana veio nas corridas, se meteu no meio para desapatar e Rosa é quem segurou Jaja.

Vavó Tataxa apareceu também mas Ndonana empurrava já seu homem, lhe meter para dentro da cubata. Respirando com força, o corpo magro a dançar dentro do macaco, mano Xico queria ainda acender seu cigarro com as mãos calosas a tremer. Vavó, em seu canto outra vez, olhava só, abanava a cabeça; Ndonana fingia que tapava, arranjava na roupa de miúdo Fonso, dormia já de barriga cheia; Jaja se passeava no meio deles todos, passos da menina eram mesmo atrevidos, via-se na cara dela, só estava esperar mais umas palavras do cunhado para fazer sua confusão outra vez, deixar sair também aquilo que estava-lhe levantar e baixar as bonitas mamas dentro do peito: a raiva no cunhado, sempre com as manias dele; o xaxato do soldado; a mania dos homens pensavam podiam-lhe apalpar parecia ela era boneco; a raiva nela mesmo, dessa vida assim, não percebia mais como era no coração, como era na cabeça das pessoas. Só que a palavra que estava esperar não saiu, vavó Tataxa é que veio pegar no braço, chamou-lhe para adiantar ver as quicungas no quintal, deixar ainda Ndonana com Xico.

Xico Afonso fumava, fumo do cigarro é que era bom, assim, no quase escuro da sala. E a falta de luz ajudava sair o ferro fundido, o quente desses dias maus tinha derretido dentro dele. Os olhos de Ndonana – nem eram tão grossos como de Jaja, bonitos olhos! – brilhavam no pequeno escuro, olhando no seu homem. De fora adiantava entrar já a claridade das luzes dos reflectores, despiam no musseque, ficava nu, noite vinha bandida mais que as noites sem luz do antigamente. E o vento, o vento que tinha escapado ser vencido no peso e no calor das nuvens, se juntava com eles, cantava nas folhas dos paus, nas beiras dos zincos mesmo, obrigava os capins a deitar, as nuvens a fugir, mas ele voltava a atacar e acabava mesmo por lhes espalhar no céu. O barulho da água a ferver na panela, cantava. Debaixo da mulemba,

vavó ria outra vez na neta, menina atrevida e saliente. Os olhos de Ndonana continuavam a brilhar como nas horas antigas, nas sombras das farras, todo o amor no seu homem saía sacudindo as moscas na cara de miúdo Fonso.

Então, nessa hora, mano Xico levantou, pôs festas no seu filho, deitado na esteira, arrumou o resto do cigarro no quintal. Pegou bocado de jornal antigo, alisou-lhe muito bem. Depois começou embrulhar nas quicuangas cozidas, prontas já, tudo muito devagar. Amarrou, deu o nó, demorou neste serviço do nó, não queria mais olhar direito na companheira. Mas Ndonana levantou com devagar, veio até junto de seu homem, não disse nada. Esperava só. E Xico meteu o pacote debaixo do braço, aproximou de Ndonana. Riscou com seu pé no chão, falou, malembe, parecia estava ainda pedir desculpa:

– Vou. Amanhã não vou poder... É longe. Levo-lhes, nas quicuangas, na Tita. Sim?...

Ndonana não disse nada, olhou só.

– Amanhã não vou poder, Nana...

– Não vai, Xico. Não vai só, nesta hora. Escuro já, você sabe a hora, se te dão encontro...

Mano Xico dia Ifuba, mania de lhe chamar de vavó Tataxa, riu, ganhou sua calma aí com a voz da companheira a lhe explicar os perigos da noite. Ouviu voz de Ndonana, nascia a confiança antiga, voltava:

– Ninguém que me panha, Ndonana. E depois, oito horas não são ainda... Não fica com teu medo só. Volto.

Ndonana lhe olhou com aqueles seus olhos bem bonitos e agora viravam até mais grossos que de Jaja, falou só baixinho:

– Cuidado mesmo, Xico! Lembra Bernardo...

Um sorriso mais largo, bom, abriu na boca grande Xico Afonso. Evitou as conversas em vavó que estava já ali a mirar curiosa da vida leia junto com Jaja e disse, olhou os olhos mais amigos de sua cunhada calada:

– Não me olhem assim só. Venho com depressa...

Saiu. O vento soprava forte já, levantando poeira e folhas secas, papéis pareciam borboletas no ar quente. Longe, no asfalto, os faróis furavam na noite, estrada fora. Os projectores de cima da torre deles mostravam bem todo o meio da rua vermelha onde que os jipes tinham cavado o caminho deles. Mas as cubatas amigas espalhavam sempre suas sombras que chega-

vam para o corpo magro e cheio de ossos de mano Xico dia Ifuba. Procurando todos os sítios de encostar no escuro avançou, malembe. A noite lhe esperava, a ordem de não andar na rua, o dever de visitar na Tita, levar a amizade de irmãos. Ouviu ainda, atrás, no escuro donde que tinha saído os avisos de Ndonana, o silêncio amigo de Jaja, e a voz velha, voz da sabedoria de vavó Taxa, avisando-lhe sempre:

– Menino: O usuku, Kifumbe!

Sorriu, se misturou nas sombras todas que dava encontro, apertou mais no coração o pacote das quicuangas. Por cima do musseque nossa noite angolana estendia já o quimbriquito dela, vermelho e negro, onde que uma nova estrela amarela adiantava espreitar.

*Luanda, Maio de 1962*

Luanda: União dos Escritores Angolanos, [1986]. (Cadernos lavra & oficina; 60).

## ESTÓRIA DA BACIAZINHA DE QUITABA

Esta estória fazia parte do livro «Vidas Novas». Perdida por muito tempo, encontrada mais tarde, apenas foi publicada em inglês, numa tradução de A. Segal. Onde e em que ano já não sei. Hoje, publica-se em caderno, enquanto se prepara a próxima edição do livro de que faz parte. Esta e mais duas, que se procuram ainda.

L.V.

Foi um raio de sol quente do princípio da manhã que acordou Maneco. Toda a noite tinha passado a mexer na esteira, ora se embrulhando ora se destapando no cobertor já velho, o bilhete não queria lhe sair da cabeça. Adormeceu, os galos cantavam já nos quintais e a passarada do tambarino chilreava. Isto mesmo cansado como chegara em casa, todo ele sujo da lama da estrada, dedos doridos e feridos da mudança do semi-eixo. Mamã ainda dissera-lhe:

– Te lava-te só menino. Tem ainda um peixe frito...

Mas Maneco queria dormir. Trabalho pesado o de mecânico em oficina de quintal, sem macaco próprio, sem diferencial para as peças pesadas. Tudo feito à mão. E depois, sem horário. Já eram sete horas de sábado, banho tomado, a calça de fazenda bem passada por mamã, pronto para cair numa farra em casa dum colega – o Torres das Manas-Boas, alcunha dele – e a essa hora mesmo, azar! sô Pinto apareceu no velho Chivro, foi entrando no quintal e, nem mesmo as boas tardes, perguntou de mamã Naxa:

– Maneco está aí?

Mamã não respondeu, Maneco tinha ouvido a voz do patrão. O emprego custara a lhe arranjar, muita gente que queria ir para mecânico e alguns tinham mesmo estudado no Industrial, uma vantagem. É verdade que o filho

tinha habilidade dele, desde miúdo que era só brinquedo de carros de papelão, chatete de bordão, tudo saía nas mãos dele. Maneco veio, só de calças vestidas e andou para sô Pinto debaixo do tambarineiro.

– Maneco, tens de fazer o favor de ir com o Rui, a Calomboloca. O camião do Henriques, com carga de laranjas, partiu o semi-eixo. É só fazer a mudança.

Contrariado. Maneco respondeu:

– Mas ó sô Pinto, o Carvalho pode ir lá. O trabalho é mais do rapaz, ele é que percebe de diferenciais...

– Pois é, mas o Carvalho já não está em casa!

Maneco, encolhendo os ombros, foi vestir o macaco, pensando na sorte do Carvalho. Se calhar o sacrista já estava mas é em casa do Torres!

Assim se fora o sábado à noite, com farra e tudo. Mas o pior foi a camioneta estar num buraco e chover que pesava nas costas. Meia-noite e tal, quando voltaram, só lavou a cara e os pés, surdo nos pedidos da mãe, levantada ainda, esperando o filho. Por isso o raio de sol das oito-e-meia é que virara Maneco xingador.

Mamã andava já no quintal, se ouvia na voz dela a chamar a criação, duas cabiris e um galo de pescoço pelado, espalhando resto da comida que a vizinha dava todos os dias. E novamente lembrou o bilhete. Apalpando no bolso das calças penduradas na parede, se sentiu aliviado tocando o duro do papel dobrado em oito. Era um bilhete muito pequeno, mal que se via e só mesmo escrito com letra pequenininha é que podia se dizer qualquer coisa. Mas sô Manel mandara ordem:

– Não lê, Maneco. E arranja só maneira de lhe entregar no teu pai, na visita. É muito importante!

Maneco ficara admirado, agarrado assim de repente por um sô Manel daqueles sempre lhe chamavam de velho cagunfas, falava sim em tudo que sô Pinto queria, nunca retilando aumento, nunca retilando abono. Se calhar ele era ainda como Carneirinho, que andava a provocar nas famílias do povo preso... Mas toda a gente chamava Maneco de criança, ninguém queria lhe contar nada, diziam para ele ir nas farras mas não falar muito como era sua mania. Mesmo o pai, velho Gaspar, sempre com livros que guardava longe dos seus olhos, os bolsos muitas vezes cheios de papéis que desapareciam

um dia para o outro e que Maneco, mesmo com toda a esperteza dele, nunca conseguia ler. Porquê agora sô Manel? Logo-logo um bilhete que não podia ler e que tinha de mandar no pai, preso? Mas toda a gente sabia tudo era revistado, os punhos das camisas, os colarinhos, muitas vezes o cipaio cortava mesmo as laranjas e mamões em bocados, ordem dos agentes.

Por isso é que, depois, foi falar no sô Manel. Pediu chave francesa e, baixinho, lhe perguntou:

– Só Manel, mas esse bilhete vem donde então?..

Aí o velho olhou para ele, banzado primeiro, mas depois sorriu um pouco só antes de responder, fechando seus olhinhos pequenos:

– Xê! Teu pai nunca te disse não debes querer saber muita coisa? Olha menino: quem sabe muito, fala muito, percebes? Então, você entregas o bilhete e não lembra mais nada, uevu?

E sô Manel lhe pôs a mão no ombro, continuou:

– Olha inda! Só te digo: se esse bilhete vai chegar, ninguém mais vai preso. Se não, muita gente pode ir. Agora vê bem, cuidado ein?! A gente estamos confiar em ti!

Coração de Maneco bateu com mais depressa e o ar entrou forte nos pulmões: era bom sentir a confiança nos outros. O velho lhe aparecia doutra maneira, esqueceu mesmo o bufo Carneirinho e, quando chegou a casa, escondeu o papel no bolsinho das calças de fazenda. Mas depois com aquela confusão toda, o semi-eixo mudado no meio da chuva, sô Henriques falando ignorâncias da vida do povo, vomitando sua opinião de dono de camioneta e de roça de café, fez-lhe esquecer o bilhete de sô Manel.

Deitado, sentindo o sol se abrir mais e o casal de maracachões, na pequena gaiola de bordão do Nito, cantando a sua barulheira à porta de casa, gritou para a mãe:

– Mamã! Preciso meu matete, depressa! Hoje tem futebol ali no campo.

– Auá! Então o menino ontem estava cansado, menino não dormiste bem, lhe ouvi toda a noite a mexer e agora quer ir jogar no futebol? Menino, toma juízo. Já vou te dar seu matete, mas o menino hoje vem comigo ver o pai. Hoje é domingo, costuma deixar as visitas...

Maneco sorriu se levantando e depois é que lembrou-se que saía desafio às dez horas, ficariam a lhe esperar, não tinham outro meio-campo como ele.



Só que mamã tinha razão: precisava ir visitar no pai, precisava entregar o bilhete. Sô Manel tinha falado era importante, se não entregasse outros que podiam ir presos. E Mamã Naxa veio com devagar dela para junto do filho Maneco que estava raspar a língua na porta da casa.

– Mamã!? Posso ainda te dizer uma coisa?...

– Ai, já sei, menino! Quer teu matabicho, não é?

– Não é, mamã. Posso te pedir uma coisa?

– Se não é de comer, é o quê então?

– Me diz uma coisa, mamã: porquê que papá está na prisão?

– Ai, meu filho! Não fala mais nisso. Sempre lhe avisei, sempre pedi: Gaspar, veja só tua vida, Gaspar, veja só teu filho ainda está uma criança. Qual! Não ouvia esta tua mãe. Sempre com as conversas dos amigos, sempre é os papéis no bolso. Bem que lhe dizia: Gaspar, qualquer dia você vai preso, tua reforma vão te tirar com ela, e depois?...

Maneco parou de raspar a língua, não gostava de ouvir essas conversas de mamã Naxa. Gostava lhe muito, sempre cozinhava boas comidas para ele, fazia doces bons para ele, passava bem as calças para ir na farra, mas não gostava quando mamã falava assim o pai, por causa dos papéis e das conversas com os amigos. Por isso voltou-lhe, com respeito:

– Mas, mamã!... Mamã sabe papá tem razão. Sabe papá é amigo de todos...

Mamã levantou seus olhos velhos no filho, balançou a cabeça, cruzou as mãos na barriga, falou com devagar, triste:

– Ai, menino! Amigo da família, não é amigo de todos; amigo de todos, não é amigo na família. Sempre falei o teu pai: Gaspar, olha ainda tua reforma, você vai perder tudo, e depois? Como vamos viver, só com Maneco no trabalho?...

Maneco não podia responder. Lhe passou os braços no pescoço, com carinho, começou falar com cuidado:

– Mamã, sabe? Os maracachões do Nito me acordaram cedinho hoje. Esse menino sabe apanhar os passarinhos...

Mamã Naxa sorriu, desconfiada. Já conhecia no Maneco: queria para lhe pedir qualquer coisa. Esses meninos, era preciso cuidado...

– Lembra sô Manel? Aquele mais-velho que está tomar conta nas ferramentas, lá na oficina?

– Ai, lembro! Popilas, esse sô Manel, quando estava novo, não te digo!...

Arrastando a mãe em baixo do tambarineiro do quintal, Maneco continuava:

– Sim, mamã! Mas agora sô Manel não tá mais xungueiro.

– Ih! Quem que lhe chamou de xunga? Vocês, meninos, não sabem ainda dançar uma massemba com respeito mesmo. Meninos perdidos!

– Olha'inda, mamã! Sô Manel me deu um bilhete...

– Lotaria, menino?

– Não, mamã. Bilhete só, de entregar no papá.

Mamã Naxa se soltou com depressa no abraço do filho e foi, irritada, até no fim do quintal, enxotando os pintinhos da vizinha. Maneco ficou em baixo da árvore, pensando como ia conseguir a ajuda na mãe, mamã Naxa era contra as ideias de sô Gaspar. Cadavez por isso mesmo, o velho tinha mantido o filho afastado de tudo, mesmo contra a vontade de Maneco, que lhe procurava sempre. Toda a gente falava em sô Gaspar que Maneco era o primeiro na oficina, nunca faltava a voz dele para discutir com sô Pinto, nunca faltava sua presença nas farras onde se tocavam as cantigas do povo. Mas velho Gaspar achava o menino estava muito novo ainda, tinha que muito aprender, depois também Naxa sempre atrás chateando:

– Veja só, Gaspar, tua vida! Não esquece tua reforma!

O velho funcionário reformado era homem de muita calma, sabia esperar, aprendera durante os muitos anos no emprego: se dominava, sorria quase sempre, mas muitas vezes era demais e aí não aguentava: disparatava, atirando seu velho capacete branco ao chão e se levantando da cadeira, atravessava no quintal, pisando a jinguba que estava a nascer:

– Tua vida, tua reforma! Reforma, tuji!...

Se explicava-se assim aquele receio de Maneco. Mas como ia então entregar o bilhete sem a ajuda de mamã Naxa, ela que prepara a roupa para o homem dela, ela que leva uma panelinha com um pirão bom para o homem dela, não deixa ninguém fazer isso?

Mamã saiu no fundo do quintal, mais calma, tendo despejado sua irritação na pedrês e nos pintinhos de sá Milia. Maneco ficou de cabeça baixa, a ouvir:

– Menino sabe?! Vai-te vestir, vai-te vestir. Vamos visitar seu pai. Você vem me ajudar, sabe? Papá me mandou pedir uma coisa para ele, tenho de fazer. Esquece essa conversa do bilhete e do sô Manel. Essa gente começa a fazer confusão na cabeça dos meninos. Eu falei sempre, disse: esse sô Manel tem feitiço! Com aquela cara dele, sukuama!, quando fala numa pessoa, convence logo.

O sol resplandecia lavado na manhã sem nuvens e o tambarineiro ondula-va levemente com a brisa do mar. O casal de maracachões tapava os ruídos do musseque com o seu canto, acompanhado das cigarras nos cajueiros. Maneco, assobiando, entrou em casa, mamã Naxa abanava a cabeça pensativa. Aiué, esse seu filho! Essa gente toda a querer lhe tirar no seu menino. Se ia encontrar sô Manel, ia lhe dizer! Se abaixou, soprou com força no fogareiro para sacudir as cinzas e depois pôs mais carvão. Depois chamou com força:

– Maneco! Traga a lata de torrar jinguba com ela!

Já cá fora, mamã Naxa meteu a lata que o filho lhe entregou já com areia e sal, em cima do fogareiro bem aceso, sem fazer fumo, e a jinguba começou a torrar. Maneco ficou sentado num tijolo a mexer com devagar, para torrar bem toda sem queimar. Mas o pensamento estava longe, com o pai, sô Gaspar, na prisão, outros mais-velhos do povo na prisão e sô Manel teimando com o bilhete:

– É importante, Maneco!

Não valia a pena meter o bilhete na roupa, sorte só, se não era apanhado. O cipaio virava sempre tudo ao contrário, mesmo quando o agente branco aborrecido com o trabalho de rotina, metia-se no gabinete para ler os jornais. O pior mesmo, mamã Naxa quem dobrava a roupa. e ela não ia aceitar.

– Mamã, jinguba está torradinha!

– Descasca então na caneca grande, Maneco! Estou acabar engomar pijama do papá.

Aquele trabalho monótono e igual de descascar a jinguba quente, era bom nas mãos e no nariz. Cheirava bem, torrado e, por isso, era bago na caneca, bago na boca.

– Maneco! O menino veja lá! Está comer jinguba toda? Faça favor de assobiar... Assim não posso fazer a quitaba que teu pai pediu.

– Mamã, p’ra quê tanta quitaba?

– Não sei. Parece tem uns amigos de Gaspar estão lá também, ele prometeu mesmo a quitaba. Por isso melhor você vai lhe pilar na jinguba, antes que lhe acaba toda.

Maneco se levantou com a caneca de jinguba descascada e depois, misturando sal e jindungo, foi pilando tudo muito malembe, a cabeça ocupada pelo problema do bilhete. Se não mandasse, ninguém mais ia confiar nele. Era a primeira vez que estavam lhe pedir um serviço e não fazia, como é os amigos iam acreditar nas palavras que ele falava tão bem, se nem tinha sabido mandar um simples recado no pai preso? Ah, sô Manel não ia lhe falar mais, com certeza, e depois o musseque todo ia saber que aquele, mais este e o afilhado e o irmão dele, quer dizer, toda a gente tinham ido presos, porque filho de sô Gaspar não tinha feito o que tinham lhe pedido. Vejam só! Velho Gaspar, mais de sessenta, funcionário de reforma, a sofrer, a penar na prisão por causa o povo e Maneco, menino forte, menino de leitura e de boas palavras, deixando o povo ir na prisão!

– Mamã, tou te falar a sério. Deixa eu mandar o bilhete. É importante, mamã! Todos depois me vão fazer pouco, no musseque. Meus amigos não vão me falar mais: deixa, mamã, deixa?

Sem uma palavra mamã Naxa estendia a massa moída do pilão na larga tábua bem esfregada. A colher de pau começou a bater mais fortemente, parece batia as palavras:

– Já te disse, menino. Agora se você és teimoso, você faz como você quer. Mas te lembra só: faz isso, se você és apanhado, tua mãe vai morrer de fome aqui no musseque. Não tem mais reforma de Gaspar, não tem mais teu ordenado. Pensa na cabeça, menino, pensa na cabeça!

Maneco segurava, pensativo, a pequena bacia de esmalte onde mamã Naxa ia pôr a quitaba, mais mole das pancadas com a colher de pau. Sentia o peso do bilhete no bolso das calças, a voz de sô Manel não queria lhe sair nos ouvidos:

– É importante, Maneco!

A colher de pau batia com ritmo, um pouco irritado, só a quitaba amolecia, se espalhava e saía na massa aquele cheiro bom a jinguba torrada e jindungo. Mamã Naxa batia, batia e o casal de maracachões na gaiola do Nito, banzados, olhavam sem cantar. A primeira colher de quitaba assentou no fundo da baciazinha e ficou a brilhar o seu castanho nos olhos de Maneco, pensativo. Mamã não dizia palavras. Batia, batia. Maneco ganhou coragem:

– Mamã! Vou ainda buscar meus cigarros...

E, sem esperar mais resposta, entrou no quarto, na mão a baciazinha de quitaba, surdo ao chamamento da mãe, atrás de si:

– Xê, menino! Não leva a bacia. Onde vou pôr a quitaba então?

Mamã Naxa ouviu os ruídos que Maneco fazia remexendo o vestuário, uma coisa qualquer a cair devagarinho no chão. Depois o filho saiu, a baciazinha na mão, sorridente, um pouco trocista:

– Desculpa, mamã! 'tá aqui a bacia. Levei sem querer.

– Oh! Bate ainda bem essa quitaba aí no fundo, lugar não vai chegar, assim.

Batendo devagar, Maneco sorria em cada pancada e se sentia aliviado com aquele trabalho, cada batimento que dava punha-lhe mais calma e confiança, mais seguro.

– Então, não trouxe teus cigarros?

– Nada, mamã! Vontade já foi...

– Ai, menino! Não pensa só mais nesse bilhete, não? Quitaba está pronta, vou só arranjar o tabuleiro das roupas.

Arrumando a roupa de sô Gaspar no tabuleiro, o pijama muito passajado, peúgas bem quentes para o reumatismo, Maneco abriu a gaiola do Nito e mudou a latinha da água e do massango nos maracachões. E depois assobiou com os passarinhos.

– Aiuê, esses meninos! Quando são novos, é mesmo os pássaros. Você, Maneco, estava triste, triste parecia rola; agora está assobiar parece é maracachão. Aiuê, minha juventude!

– Deixa, mamã! Mamã ainda está nova no coração. Vamos?...

– Vamos sim, menino! Fecha só a porta. Você leva nesse saco. Cuidado. Tem panela de pirão e a baciazinha de quitaba, não vira só.

Atravessando a estrada de asfalto, a cadeia ficava logo no outro lado, só era preciso era conhecer bem no caminho na desarrumação do musseque. Chegando à porta chapeada, dez horas da manhã, se toca a campainha e um cipaio vem abrir, para ver quem é. Depois fala para dentro o nome do preso visitado e assim deixam ou não deixam entrar os familiares.

– É para sô Gaspar, esse velho dos Correios.

– Esse gajo hoje não pode ter visitas.

O cipaio abriu novamente a portinhola e repetiu, para fora, as palavras do agente.

– Aiué! Mas não pode então? Ele é que disse para lhe trazer as coisas e vir sempre nos domingos.

– Não sei, não sei. Branco é que manda.

– Ai, fala só tem umas coisas para ele. Se pode receber!

A portinhola se fechou na cara de mamã Naxa e do filho Maneco que olhava, intrigado, à volta. Tinha carros e isso lhe fez lembrar as palavras de mamã:

– A quitaba parece é para uns brancos que estão presos com papá...

Tinha de perguntar saber no sô Manel como era então. Mesmo que sô Manel não sabia, o Torres sabia com certeza. Esse mulato era um teórico – era assim que o pai falava o amigo –, sabia todas as coisas dos livros. E lembrou a farra perdida na noite passada, as manas do Torres, o desafio que estava a passar nessa hora, mas sorriu.

– Tens aí as coisas? Dá cá. – O cipaio rodara a chave na fechadura, a grande porta chapeada deixava ver um pequeno quintal, o agente branco, de pé, brincando com os cães. Mamã Naxa entregou o tabuleiro, Maneco estendeu o saco, segurando-lhe pela boca.

– Cuidado, não vira. Tem comida.

O agente, aborrecido, apontando a roupa, resmungou, bocejando, para o cipaio:

– É preciso revistar isso. O melhor é entrarem.

Lá dentro, o coração de Maneco começou a bater com força e olhou com surpresa para os muros altos, as pequenas janelas cobertas de rede de aço, os cães amarrados no fundo do quintal.

Mamã Naxa estava triste, o cipaio desembrulhava a roupa toda, parecia era pano de limpar no chão, apalpava os colarinhos e os punhos das camisas, seus dedos ficavam marcados, o pijama todo enrodilhado.

– Aiué, meu trabalho, p’ra quê então? – se lamentou.

O cipaio se desculpou mas continuava a fazer o serviço:

– Branco é que manda. E aqui tem é o quê?

Mostrou a saca que Maneco estava segurar outra vez e olhou-lhe, quando o menino atrapalhado, respondeu:

– Cuidado! Tem um pirãozinho! Cuidado, não vira a panela.

O cipaio recebeu-lhe a saca, continuou a olhar a cara de Maneco e depois perguntou para dentro:

– Nosso chefe, comida pode?

– Sei lá, não me chateies. Hoje é domingo, deixa lá entrar. O que é? É muita coisa?

– Só uma panelinha de pirão e uma baciuzinha de quitaba.

O agente apareceu na porta. Fumando, olhou o grupo. Passou os olhos pela baciuzinha, destapou a panela, só falou:

– Sei lá que merda é essa. Deixa lá entrar essas porcarias.

Mas vendo a baciuzinha, guloso, o cipaio não aguentou, queria espetar o dedo no meio da quitaba e Maneco sentiu o sangue parar no corpo todo, pés e mãos todas frias, a vista com cacimbo. O cipaio chupava gulosamente o dedo, rindo atrevido.

– Leva lá isso ao preso, anda lá. Vocês podem ir embora. – disse o agente.

Mas mamã Naxa perguntou saber:

– Visita, quando tem então?

O agente nem lhe respondeu. O sangue de Maneco correu nas veias todas, outra vez com depressa bateu nos ouvidos, na garganta, no coração, na hora que o cipaio, sempre sorrindo, levou para dentro, para as celas, a trouxa de roupa, a panela de pirão e a pequena bacia de quitaba de só Gaspar.

E, com mamã Naxa pelo areal vermelho, em baixo do sol quente das onze horas, Maneco, alegre, vai pensando na surpresa do Torres, na alegria de só Manel quando ia lhe contar, no espanto de pai Gaspar tirando a quitaba... Só

uma tristeza muito pequena cobriu-lhe o sorriso já em casa. Abraçou mamã e falou, em cima do cantar dos maracachões na gaiola do Nito:

– Aiué, mamã! Como é boa a quitaba do nosso povo!

Porque mamã Naxa sorria à toa.

*21 de Outubro de 1961*





### **III. Bibliografia de José Luandino Vieira**



## I. Poesia e ficção

### 1. *Canção para Luanda* (poema; 1957)<sup>1</sup>

Edições em Angola:

*Cultura* (II). Luanda. 1 (nov. 1957), p. 7.

Edições em Portugal:

*Dom Quixote: jornal de artes e letras*. Évora. 6 (out. 1957), p. 10.

*Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. 3 (fev. 1958), pp. 27-29.

*Poetas angolanos: antologia da Casa dos Estudantes do Império*. Prefácio de Alfredo Margarido. Lisboa, 1962, pp. 94-76.

### 2. *A cidade e a infância* (contos; 1957)<sup>2</sup>

Inclui os seguintes textos:

2.1. Vidas<sup>3</sup>

2.2. A menina tola<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> De acordo com Manuel Ferreira, no prefácio de 1977 de *A cidade e a infância* (p. 28 da 3.<sup>a</sup> edição da U.E.A., de 1985), Luandino Vieira tinha publicado anteriormente, em 1952, no jornal liceal *O estudante*, um conto intitulado «O cartaz».

<sup>2</sup> Numa carta a Manuel Ferreira, incluída no prefácio referido na nota anterior, Luandino Vieira informa que a edição foi feita na tipografia do *ABC* e que constava de 500 exemplares. Por denúncia do próprio dono da empresa, a edição seria apreendida pela polícia, juntamente com os originais e as provas. O argumento para o arresto não foi de tipo político, mas antes disciplinar: estando a cumprir o serviço militar, Luandino necessitava de autorização superior para publicar o que quer que fosse e não chegou a solicitá-la. O autor informa ainda que não conseguiu recuperar os exemplares confiscados nem voltou a ver nenhum dos três livros que retirara antes e que oferecera a amigos: o dono da Volvo, onde trabalhava; António Cardoso, seu companheiro literário; e António Simões Júnior, homem de letras que vivia em Buenos Aires (nascera em 1922, em Olhão, e faleceu entretanto, por volta de 1996, na capital argentina, onde estava estabelecido desde 1949). Em papel de provas, por iniciativa de um tipógrafo, o livro chegou a circular por Luanda, mas não se conhece nenhum exemplar que tenha chegado até aos nossos dias.

<sup>3</sup> Na carta a Manuel Ferreira, o autor informa que era um conto «sobre três espécies de prostitutas» (p. 22).

<sup>4</sup> Nas palavras de Luandino Vieira, tratava-se de «um caso em que colonos ignorantes não deixam a filha ir para a escola aprender a ler, para que ela não aprenda asneiras e sexo» (*ibid.*).

2.3. A morte de um negro<sup>5</sup>

2.4. Encontro de acaso<sup>6</sup>

Edições em Angola:

Luanda: Cadernos Nzamba, 1957.

3. *A cidade e a infância*<sup>7</sup> (contos; escritos em 1954-1957)

Inclui os seguintes textos:

3.1. Encontro de acaso

---

<sup>5</sup> Diz o autor que «era a razão do caderno, história de um angolano que não se vende e que procura, sozinho, vencer a sociedade colonial, as suas barreiras de classe e casta e raça, e que cai numa emboscada de cipaios, se recusa a pagar o que pedem para o deixarem seguir e é morto» (*ibid.*).

<sup>6</sup> Este foi o único conto retomado na edição de 1960.

<sup>7</sup> Na carta a Manuel Ferreira já referida (p. 19), Luandino Vieira explica que o projeto original de *A cidade e a infância* comportava dois livros, com os contos a seguir indicados:

I. *A cidade e a infância*

- 1) Vidas [ficou inédito]
- 2) Sábado de tarde [ficou inédito]
- 3) Encontro de acaso [incluído na edição de 1960]
- 4) O despertar [incluído na edição de 1960]
- 5) A fronteira de asfalto [incluído na edição de 1960]
- 6) Algemas de papel [ficou inédito]
- 7) O nascer do sol [incluído na edição de 1960]
- 8) A menina tola [incluído na edição de 1957]
- 9) A morte de um negro [incluído na edição de 1957]
- 10) A cidade e a infância [incluído na edição de 1960]
- 11) Um buraco no capim [ficou inédito]

II. *Vadiagem*

A. Musseques

- 1) Marcelina [incluído na edição de 1960]
- 2) Bebiana [incluído na edição de 1960]
- 3) Rebeca [ficou inédito]

B. ABC

- 4) Joãozinho [ficou inédito]
- 5) Faustino [incluído na edição de 1960]
- 6) Quinzinho [incluído na edição de 1960]

C. Três simples histórias

- 7) Desertor [ficou inédito]
- 8) Companheiros [incluído na edição de 1960]
- 9) Primeira canção do mar [publicado em 1961]

- 3.2. O despertar
- 3.3. O nascer do Sol
- 3.4. A fronteira de asfalto
- 3.5. A cidade a infância
- 3.6. Bebiana
- 3.7. Marcelina
- 3.8. Faustino
- 3.9. Quinzinho
- 3.10. Companheiros

Edições em Portugal:

Pref. de Costa Andrade. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, s/d [1960].

Lisboa: Edições 70, 1978.

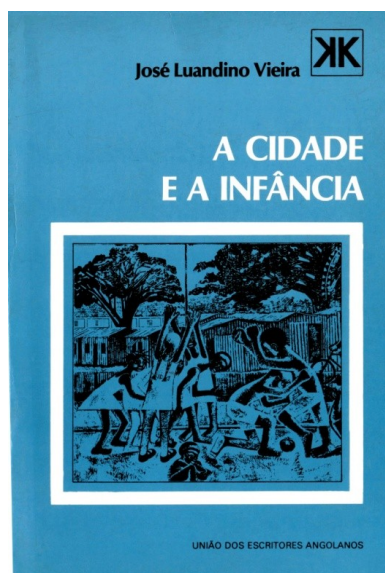
2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1997.

Lisboa: Caminho, 2007.

Edições em / para Angola:

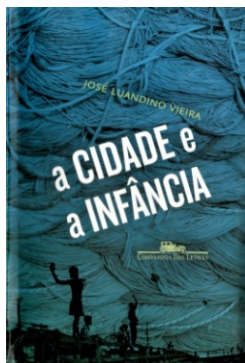
2.<sup>a</sup> ed. [Luanda]: União dos Escritores Angolanos, 1978.

3.<sup>a</sup> ed. Prefácio de Manuel Ferreira. Nota de Costa Andrade. [Luanda]: União dos Escritores Angolanos, 1985.



Edições no Brasil:

São Paulo: Companhia das Letras,  
2007.

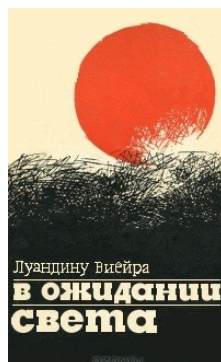


Textos com publicação autónoma:

- 3.10. Companheiros. *Boletim cultural do Huambo*. Câmara Municipal de Nova Lisboa. XI, 11 (set. 1958), pp. 87-90. [3.º Prémio do Conto do Concurso Literário de 1957 promovido pela Câmara Municipal de Nova Lisboa].
- 3.1. Encontro de acaso. *Jornal de Angola*. Luanda. 15-IV-1961, pp. 3 e 7. *Jornal do Congo*. Carmona. 2-VIII-1962, p. 3.
- 3.9. Quinzinho. *Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. III, 2 (s/d), pp. 12-14.
- 3.8. Faustino. *Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. III, 5-6 (s/d), pp. 23-26 e 18.
- 3.4. *A fronteira de asfalto*. Ilustrações de Alberto Pêssimo. Leça da Palmeira: Letras & Coisas, 2012.

Traduções:

*В ожидании света*. [À espera da luz]. Избранные произведения 1954 - 1961. [Obras seleccionadas 1954-1961]. Prefácio de L. V. Nekrasova. Tradução russa por Helena Riausova. Москва: Наука, 1970.



Tradução checa de «Dina». *Literární měsíčník*. 1981.

4. *Natal* (poema; 1960)

Edições em Angola:

*Jornal de Angola*. Luanda. 24-XII-1960, p. 16.

Edições em Portugal:

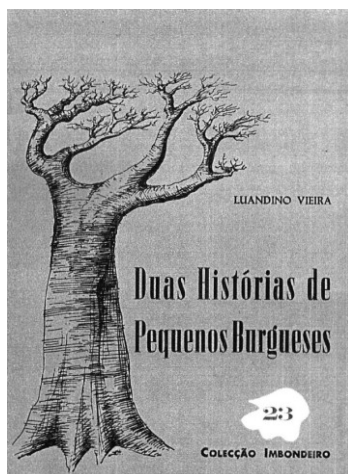
*No reino de Caliban: antologia panorâmica da literatura africana de expressão portuguesa II: Angola, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Seara Nova, 1976, pp. 242-243.

5. *1.ª Canção do mar* (conto; escrito em 1956)

Edições em Angola:

Benúdia – *Dumba e a bangala*; Arnaldo Santos – *Uíge*; António Cardoso – *São Paulo*; Luandino Vieira – *1.ª canção do mar*. Sá da Bandeira: Imbondeiro, 1961. (Col. Imbondeiro; 14).

6. *Duas histórias de pequenos burgueses* (contos; escritos em 1954-1955)





Inclui os seguintes textos:

6.1. Inglês à hora

6.2. O sábado, as raparigas e o gato

Edições em Angola:

Sá da Bandeira: Imbondeiro, 1961. (Col. Imbondeiro; 23).

7. ***Cambuta*** (conto; 1961)

Edições em Angola:

*Jornal de Angola*. Luanda. 15-VII-1961, pp. 8, 7 e 6.

8. ***Os amores de Silva Chalado*** (conto; 1961)

Edições em Angola:

*Jornal de Angola*. Luanda. 30-IX-1961, p. 3.

9. ***Zé “Fintacai” Augusto*** (conto; 1961)

Edições em Angola:

*Jornal de Angola*. Luanda. 31-XII-1961, p. 7.

Edições em Portugal:

*Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. XIV, 1 (s/d), pp. 16-21 e 53-56.

10. ***A vida verdadeira de Domingos Xavier*** (novela; 1961)

Edições em / para Angola:

[Luanda]: s.n., 1961.

Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1977.

6.<sup>a</sup> ed. [Luanda]: União dos Escritores Angolanos, 1979.

Edições em Portugal:

Lisboa: Edições 70, 1974.

2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1975.

3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1977.

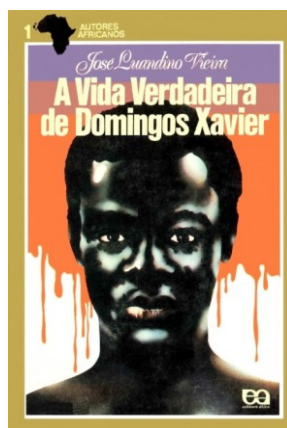
4.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1978.

6.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1979.

Lisboa: Caminho, 2003.

Edições no Brasil:

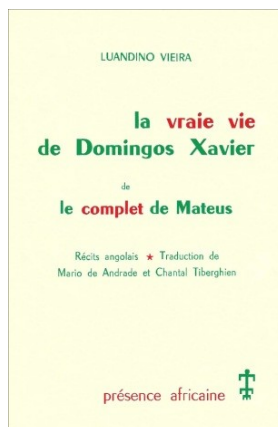
São Paulo: Ática, 1977.



Traduções:

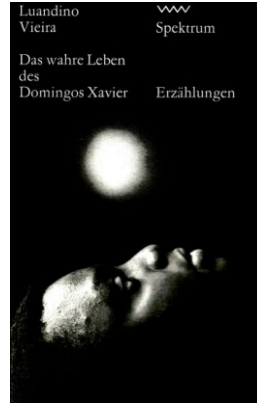
*La vraie vie de Domingos Xavier; suivi de Le complet de Mateus.*

Traduction de Mario de Andrade et Chantal Tiberghien. Préface de Mario de Andrade. Paris: Présence Africaine, 1971.

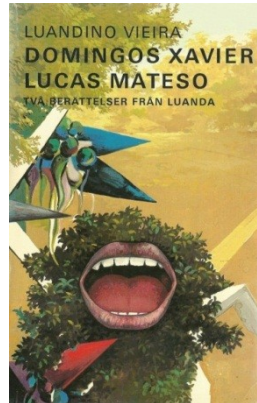


*Истинная жизнь Домингоса Шавьера.* Tradução russa por L. V. Nekrassova. Москва: Наука, 1973.

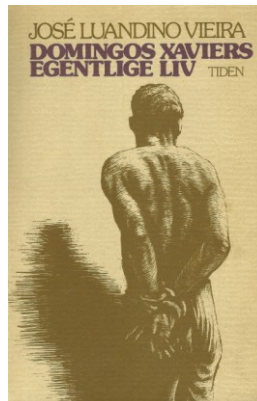
*Das wahre Leben des Domingos Xavier. Grossmutter Xixi und ihr Enkel Zeca Santos. Erzählungen.* Übersetzung von Kristina Hering. Berlin: Verlag Volk und Welt, 1974. [tradução alemã]



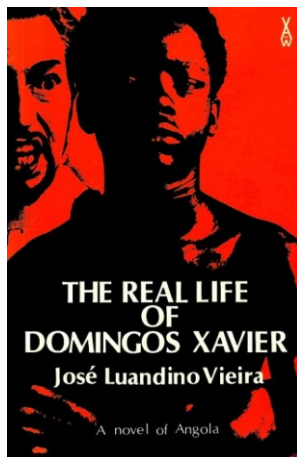
*Domingos Xavier: Lucas Mateso: två berättelser från Luanda.* Översättning av Elisabeth Hedborg. Lund: Bo Cavefors Bokförlag, 1976. [tradução sueca]



*Domingos Xaviers Egentlige Liv.* Oversettelse av Leif Sletsjoe. Oslo: Tiden Norsk Forlag, 1976. [tradução norueguesa]

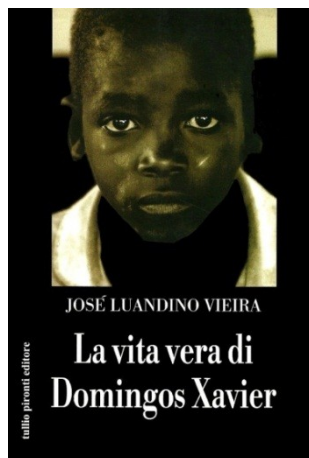


*The Real Life Of Domingos Xavier*. Translated by Michael Wolfers. London: Heinemann Educational Books, 1978.



*La verdadera vida de Domingos Xavier*. Tradução espanhola por Antonio Benitez Rojo. Cuba: Editorial Arte y Literatura, s/d.

*La vita vera di Domingos Xavier*. Traduzione di Vincenzo Barca. Napoli: Tullio Pironti Editore, 2004.



11. *Meninos de muceque* (conto; 1962)<sup>8</sup>

Edições em Angola:

*Jornal de Angola*. Luanda. 1-VII-1962, p. 6.

<sup>8</sup> Retomado em «Zeca Bunéu e outros», de *Nosso musseque*.

12. **Miúdo Camba** (conto; 1962)

Edições em Angola:

*Jornal de Angola*. Luanda. Natal e Ano Novo de 1962, pp. 3 e 23.

13. **Os miúdos do capitão Bento Abano** (conto; escrito em 1961)<sup>9</sup>

Edições em Angola:

*Novos contos d'África: antologia de contos angolanos*. Sá da Bandeira: Publicações Imbondeiro, 1962, pp. [161]-178.

14. **Buganvília** (poema; 1962)

Edições em Angola:

*Jornal de Angola*. Luanda. Número especial (s/d [1962]).

Edições em Portugal:

*Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. XV, 1 (abr. 1963), p. 8.

*No reino de Caliban: antologia panorâmica da literatura africana de expressão portuguesa II: Angola, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Seara Nova, 1976, p. 241.

15. **Girassóis** (poema; 1962)

Edições em Angola:

*Jornal de Angola*. Luanda. Número especial (s/d [1962]).

Edições em Portugal:

*Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. XV, 1 (abr. 1963), p. 8.

*No reino de Caliban: antologia panorâmica da literatura africana de expressão portuguesa II: Angola, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Seara Nova, 1976, p. 241.

---

<sup>9</sup> Integrado no mesmo capítulo do romance referido.

16. *Meninos do musseque* (conto; 1963)<sup>10</sup>

Edições em Portugal:

*Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. XV, 2 (jun. 1963), pp. 21-28 e 36.

17. *Luuanda* (contos; escritos em 1963) [1.º lugar do Prémio Literário D. Maria José Abrantes da Mota Veiga de 1963; Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores de 1964]

Inclui os seguintes textos:

17.1. Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos [2.º Prémio de Ficção do Concurso Literário de 1963 da Associação dos Naturais de Angola]

17.2. Estória do ladrão e do papagaio

17.3 Estória da galinha e do ovo [1.º Prémio de Ficção do Concurso Literário de 1963 da Associação dos Naturais de Angola]

Edições em / para Angola:

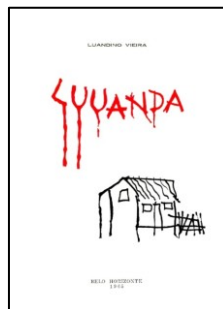
Luanda: s.n. [Impresso nas Oficinas Gráficas ABC], 1963 [i.e. 1964].

7.ª ed. Lisboa: União dos Escritores Angolanos, 1978.

Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2012. (Col. 11 Clássicos da Literatura Angolana).

Edições em Portugal:

Belo Horizonte: Eros, 1965.<sup>11</sup>



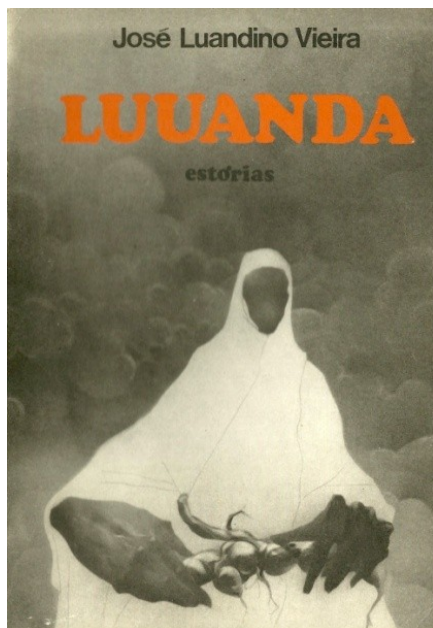
<sup>10</sup> Integrado depois em «Zeca Bunéu e outros», de *Nosso musseque*.

<sup>11</sup> Trata-se de uma edição contrafeita, produzida em Braga por dois agentes da P.I.D.E.. O caso chegou a ser julgado em tribunal, mas os acusados, como seria de esperar, seriam absolvidos por falta de provas.

Lisboa: Edições 70, 1972. [edição revista]

3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1974.

4.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1974.



Capa elaborada a partir de desenho de José Rodrigues

5.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1976.

8.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1981.

9.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1989.

10.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1997.

Lisboa: Círculo de Leitores, 1983.

2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1983.

[s.l.]: Contemporânea, 1995.

Lisboa: Caminho, 2004.

17.<sup>a</sup> ed. [Cacém]: Caminho, 2008.

Edições no Brasil:

São Paulo: Ática, 1982.

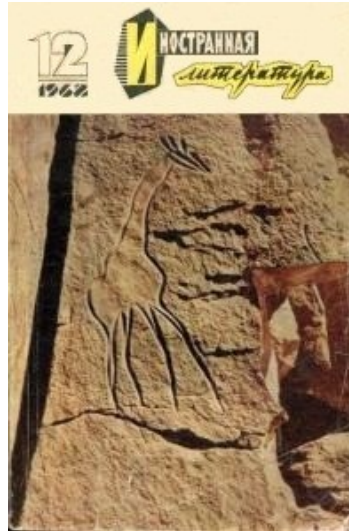
São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

## Traduções:

Бабушка Шиши и ее внук Зека Сантуш. [Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos]. Tradução russa de L. Nekrasova. *Иностранная литература*. [Literatura estrangeira]. Москва. 12 (1968), pp. 7-19.

История про вора и попугая. [Estória do ladrão e do papagaio]. Tradução russa de L. Nekrasova. *Ibidem*, pp. 19-40.

История про курицу и про яйцо. [Estória da galinha e do ovo]. Tradução russa de L. Nekrasova. *Ibid.*, pp. 40-49.

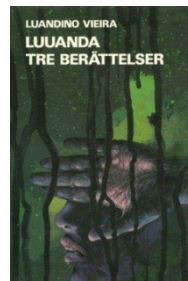


Tradução alemã da «Estória da galinha e do ovo» por Curt Meyer-Clason. In *Der Gott der Seefahrer und andere portugiesische Erzählungen*. Tübingen / Basel: Horst Erdmann Verlag, 1972.

Tradução alemã de «Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos». In *Das wahre Leben des Domingos Xavier. Grossmutter Xixi und ihr Enkel Zeca Santos. Erzählungen*. Übersetzung von Kristina Hering. Berlin: Verlag Volk und Welt, 1974.

Tradução checa da estória «Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos» por Pavla Lidmilová. *Svetová Literatura*. Praha, 1976.

*Luuanda: tre berättelser*. Översättning av Elisabeth Hedborg. Lund: Bo Cavefors Bokförlag, 1977. [tradução sueca]

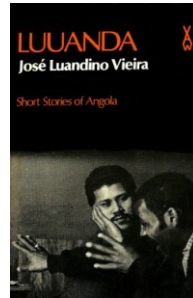




Tradução dinamarquesa da «Estória da galinha e do ovo» por Peter Poulsen. *Gyldendals Magasin*. København. 31 (1978).

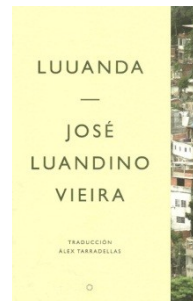
Tradução checa da «Estória da galinha e do ovo» e da «Estória do ladrão e do papagaio» por Pavla Lidmilová. In *Kdysi v Angole*. Přel. Pavla Lidmilová a Vlasta Macková. Praha: Odeon, 1980.

*Luuanda*: short stories of Angola. Transl. by Tamara L. Bender with Donna S. Hill. London: Heinemann Educational Books, 1980.

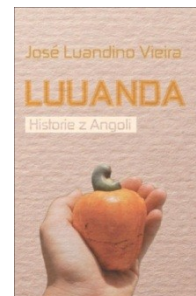


*Luuanda*. Tradução italiana de Rita Desti. Milano: Feltrinelli, 1990.  
*Histoire de la poule et de l'œuf*. Traduit par Béatrice de Chavagnac. Paris: l'École des loisirs, 2002.

*Luuanda*. Tradução espanhola de Àlex Tarradellas. Polença: El Gall Editore, 2011.



*Luuanda: historie z Angoli*. Tradução polaca de Dorota Woicka. Warszawa: Biblioteka Iberyjska, 2014.



18. *As grandes chuvas* (poema; 1963)

Edições em Angola:

*ABC – diário de Angola*. Luanda. 15-VIII-1963, p. 19.19. *Sons* (poema; 1963)

Edições em Angola:

*Jornal de Angola*. Luanda. 123 (set. 1963), p. 37.

Edições em Portugal:

*No reino de Caliban: antologia panorâmica da literatura africana de expressão portuguesa II: Angola, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Seara Nova, 1976, p. 238.20. *Estrada* (poema; 1963)

Edições em Angola:

*Jornal de Angola*. Luanda. 123 (set. 1963), p. 37.

Edições em Portugal:

*Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. XIV, 3 (ago. 1962), pp. 10-11.*No reino de Caliban: antologia panorâmica da literatura africana de expressão portuguesa II: Angola, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Seara Nova, 1976, pp. 243-244.21. *Porquê o morcego come de noite* (conto popular; 1964)

Edições em Angola:

*ABC – diário de Angola*. Luanda. 12-VI-1964, p. 3.

Edições em Portugal:

*Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. XVI, 1 (jul. 1964), pp. 80-81.

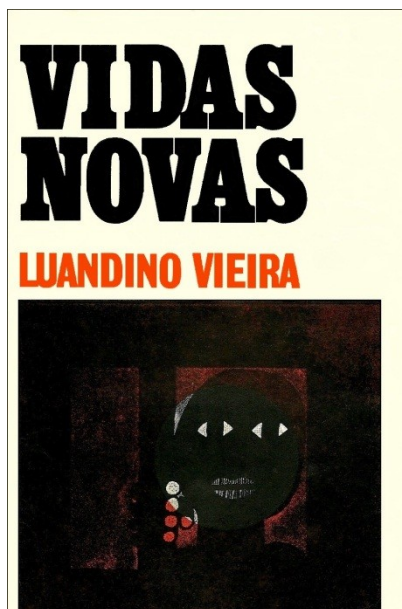
22. *Vidas novas* (contos; escritos em 1962) [Prémio João Dias, da Casa dos Estudantes do Império]

Inclui os seguintes textos:

- 22.1. Dina
- 22.2. À espera do luar
- 22.3. À sexta-feira
- 22.4. O feitiço no bufo Toneto
- 22.5. Cardoso Kamukolo, sapateiro
- 22.6. O fato completo de Lucas Matesso
- 22.7. O exemplo de Job Hamukuaja
- 22.8. Zito Makoia, da 4.<sup>a</sup> classe

Edições em França:

*Vidas novas*. Paris: Edições Anti-Colonial, s/d.



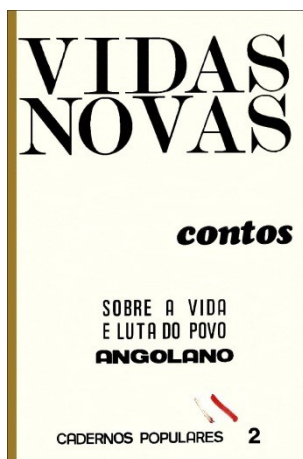
Edições em / para Angola:

5.<sup>a</sup> ed. Santiago de Cuba: União dos Escritores Angolanos, 1985.

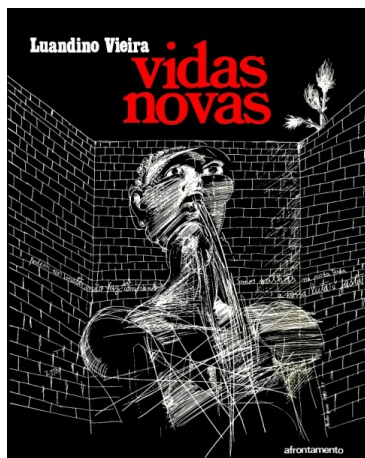
Desenhos de José Serrão. Luanda: Nzila, 2007.

Edições em Portugal:

[s.l.]: [s.n.], s.d.<sup>12</sup>



Desenhos de José Rodrigues. Porto: Afrontamento, 1975.



Lisboa: Edições 70, 1976.

2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1976.

3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1997.

Lisboa: Caminho, 2007.

<sup>12</sup> Trata-se de uma edição clandestina, que pode não ter sido feita em Portugal. Sabe-se que houve várias, de diversas obras de Luandino. Esta, que adquiri há pouco num alfarrabista, é mimeografada, consta de 56 pp., não inclui o conto «Dina» e não apresenta o nome do autor.

Textos com publicação autónoma:

22.2. *À espera do luar*. Desenhos de José Rodrigues. Apresentação de Defensor Moura. Pref. de Alberto A. Abreu. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 1998.

22.5. Cardoso Kamukolo Sapateiro; 22.8. Zito Makoa, da 4.<sup>a</sup> classe. In *Duas estórias*. Lobito: [s.n.], 1974. (Cadernos Capricórnio; 24).

22.8. Zito Makoa, da 4.<sup>a</sup> classe. *Vértice*. Coimbra. 34, 365 / 366 (jun.-jul.1974), pp. 501-505.

Traduções:

Tradução russa integral por Helena Riausova. Москва: Hayka, 1970.

Tradução francesa da estória «O fato completo de Lucas Matesso». In *La vraie vie de Domingos Xavier; suivi de Le complet de Mateus*. Traduction de Mario de Andrade et Chantal Tiberghien. Préface de Mario de Andrade. Paris: Présence Africaine, 1971.

Tradução sueca da estória «O fato completo de Lucas Matesso». In *Domingos Xavier: Lucas Matesso: två berättelser från Luanda*. Översättning av Elisabeth Hedborg. Lund: Bo Cavefors Bokförlag, 1976.

Tradução checa das estórias «À sexta-feira», «Cardoso Kamukolo, sapateiro» e «Zito Makoa, da 4.<sup>a</sup> classe» por Vlasta Maková. *Kdysi v Angole*. Přel. Pavla Lidmi-lová a Vlasta Macková. Praha: Odeon, 1980.



23. *No antigamente, na vida* (contos; escritos em 1969)

Inclui os seguintes textos:

23.1. Lá, em Tetembuatiba

23.2. Estória d'Água Gorda

## 23.3. Memória narrativa ao sol de Kinaxixi

## Edições em Portugal:

Lisboa: Edições 70, 1974.

2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1975.

3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1977.

4.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1987.

Lisboa: Caminho, 2005.

## Edições em / para Angola:

3.<sup>a</sup> ed. [Luanda]: União dos Escritores Angolanos, 1977.

Luanda: Nzila. 2005.

## Textos com publicação autónoma:

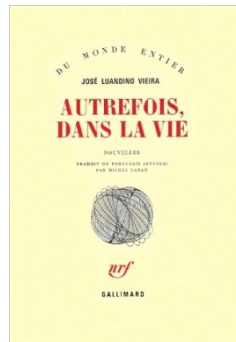
23.1. Lá em Tetembuatiba. *Expresso*. Lisboa. 3-III-1973, p. 23.

23.2. Fim d'estória [excerto de «Estória d'Água Gorda»]. *Vértice*. Coimbra. 33, 358/359 (nov.-dez. 1973), pp. 905-909.

## Traduções:

Tradução checa da estória «Lá, em Tetembuatiba» por Pavla Lidmilová. *Kdysi v Angole*. Přel. Pavla Lidmilová a Vlasta Macková. Praha: Odeon, 1980.

*Autrefois, dans la vie*. Traduit par Michel Laban. Paris: Gallimard, 1981.

24. *Nós, os do Makulusu* (romance; escrito em 1967)

## Edições em Portugal:

Lisboa: Sá da Costa, 1974.

2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Sá da Costa, 1977.

Lisboa: Edições 70, 1985.

Lisboa: Caminho, 2004.

Lisboa: Cotovia, 2008.

Edições em / para Angola:

[Luanda]: União dos Escritores Angolanos, 1977.

[Luanda]: União dos Escritores Angolanos, 1986.

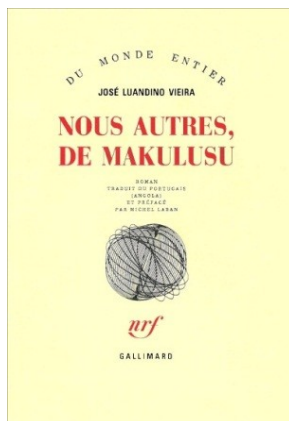
3.<sup>a</sup> ed. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1989.

Edições no Brasil:

São Paulo: Ática, 1991.

Traduções:

*Nous autres de Makulusu*. Traduit et préfacé par Michel Laban. Paris: Gallimard, 1989.



## 25. *Velhas estórias* (contos; escritos em 1965-1966)

Inclui os seguintes textos:

25.1. Muadiê Gil, o Sobral e o barril

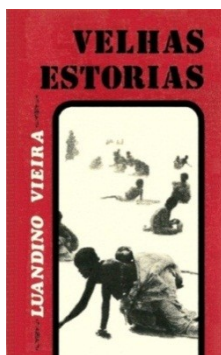
25.2. Manana, Mariana, Naninha

25.3. Estória da Menina Santa

25.4. O último Quinzar do Makulusu

## Edições em Portugal:

Lisboa: Plátano, 1974.



Capa de Mário Henrique Leiria

Lisboa: Edições 70, 1976.

2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1986.

Lisboa: Caminho, 2006.

## Edições em / para Angola:

Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1986.

[Luanda]: União dos Escritores Angolanos, 1989.

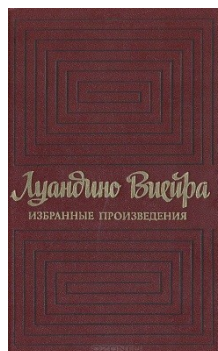
## Textos com publicação autónoma:

25.1. Mestre Gil, o Sobral e o barril. *Mensagem: boletim*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. XVI, 1 (jul. 1964), pp. 37-46 e 67-70.

25.3. Julinho Kanini [excerto de «Estória da Menina Santa»]. *Vértice*. Coimbra. 33, 350/351 (mar.-abr. 1973), pp. 228-233.

## Traduções:

*Избранные Произведения: Сборник*. [Coleção de obras escolhidas]. Tradução russa integral por Alexander Bogdanov e Helena Ryuzova. Москва: Радуга, 1981.





26. *Macamdumba* (contos; escritos em 1970-1971)

Inclui os seguintes textos:

- 26.1. Pedro Caliota, sapateiro-andante
- 26.2. Cangundos, verdianos, santomistas, nossa gente
- 26.3. Como assim, nos musseques

Edições em Portugal:

- Lisboa: Edições 70, 1978.  
2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1997.  
Lisboa: Caminho, 2005.

Edições em / para Angola:

- Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1978.  
2.<sup>a</sup> ed. [Luanda]: União dos Escritores Angolanos, 1989.

27. *João Vêncio: os seus amores* (novela; escrita em 1968)

Edições em Portugal:

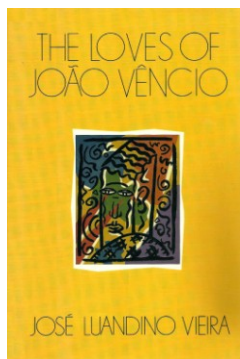
- Pref. de Fernando J. B. Martinho. Lisboa: Edições 70, 1979.  
2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1987.  
Pref. de Fernando J. B. Martinho. Lisboa: Caminho, 2004.

Edições em / para Angola:

- [Luanda]: União dos Escritores Angolanos, s.d.

Traduções:

*The loves of João Vêncio.*  
Translated by Richard Zenith. Orlando: Harcourt Brace Jovanovich, 1991



*João Vêncio: ses amours*: tentative d'ambaquisme littéraire fait d'argot, de jargon et de termes grossiers. Traduit par Michel Laban. Paris: Galimard, 1998.

28. ***Os hinos*** (1979)

Edições em Angola:

*Lavra & oficina*. Luanda. 11-12 (1979), p. 10.

29. ***O usuku, kifumbe*** (conto; escrito em 1962)

Edições em Angola:

*Lavra & oficina: caderno especial dedicado à literatura angolana em saudação à VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos (Luanda, 26 de Junho a 3 de Julho de 1979)*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1979, pp. 88-92.

30. ***Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & eu*** (contos; escritos em 1971-1972)

Inclui os seguintes textos:

30.1. Kinaxixi Kiami! (Lourentinho)

30.2. Estória de família (Dona Antónia de Sousa Neto)

Edições em Portugal:

Lisboa: Edições 70, 1981.

2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições 70, 1991.

[Lisboa]: Caminho, 2006.

Edições em Angola:

Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1989.

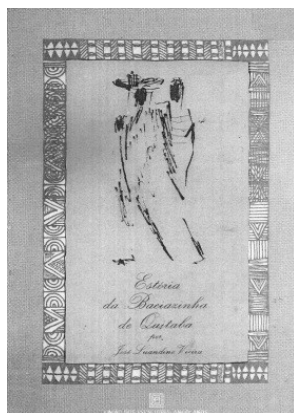
Luanda: Maianga, 2004.

Luanda: Editorial Nzila, 2006.

31. *Estória da baciazinha de quitaba* (conto; escrito em 1961)<sup>13</sup> [2.º Prémio do Conto do Concurso Literário de 1961 da Sociedade Cultural de Angola]

Edições em Angola:

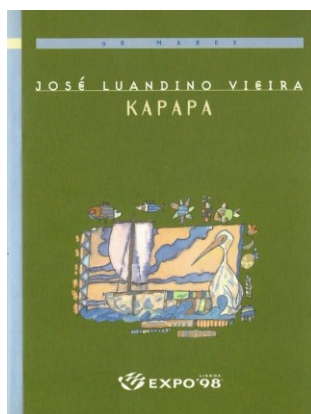
Luanda: União dos Escritores Angolanos, [1986]. (CADERNOS lavra & oficina; 60).



32. *Kapapa: pássaros e peixes* (novela; 1998)<sup>14</sup>

Edições em Portugal:

Lisboa: Expo'98, 1998.



<sup>13</sup> Segundo esclarece o autor numa nota preliminar, teve uma primeira edição em inglês, com tradução de A. Segal.

<sup>14</sup> Uma nota do autor informa que «Esta narrativa fez parte do romance *Águas-do-Mar, o Guerrilheiro*, inédito por incineração.». O texto seria depois retomado em *De rios velhos e guerrilheiros. 1. O livro dos rios*.

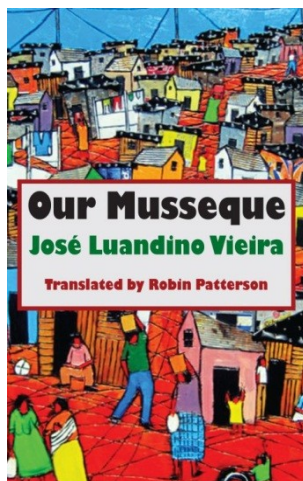
33. *Nosso musseque* (romance; 2003)

Edições em Portugal:

Lisboa: Caminho, 2003.

Traduções:

*Our Musseque*. Tradução de Robin Patterson. Sawtry: Dedalus, 2015 [a ser publicado]. ISBN: 978-1-910213-07-0.

34. *A guerra dos fazedores de chuva com os caçadores de nuvens: guerra para crianças* (conto infantil; 2006)

Edições em Portugal:

Lisboa: Caminho, 2006.

35. *De rios velhos e guerrilheiros. 1. O livro dos rios* (romance; 2006)

Edições em Angola:

Luanda: Nzila, 2006.

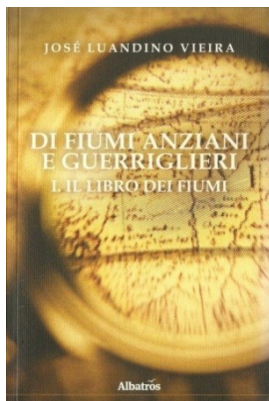
Edições em Portugal:

Lisboa: Caminho, 2006.

2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Caminho, 2007.

Traduções:

*Di fiumi anziani e guerriglieri. I: Il libro dei fiumi.* Traduzione a cura di Daniele Petruccioli. Prefazione di Roberto Francavilla. Roma: Albatros, 2010.



36. *Kaxinjengele e o poder: uma fábula angolana* (fábula; 2007)

Edições em Portugal:

Texto e ilustração de José Luandino Vieira. Leça da Palmeira: Letras & Coisas, 2007.

Edições no Brasil:

Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2012.

37. *Kiombokiadimuka e a liberdade: uma fábula angolana* (fábula; 2008)

Edições em Portugal:

Texto e ilustração de José Luandino Vieira. Leça da Palmeira: Letras & Coisas, 2008.

38. *Puku Kambundu e a sabedoria: uma fábula angolana* (fábula; 2009)

Edições em Portugal:

Texto e ilustração de José Luandino Vieira. Leça da Palmeira: Letras & Coisas, 2009.

39. *Ngola Mukongo e a justiça: uma fábula angolana* (fábula; 2009)

Edições em Portugal:

Texto e ilustração de José Luandino Vieira. Leça da Palmeira: Letras & Coisas, 2009.

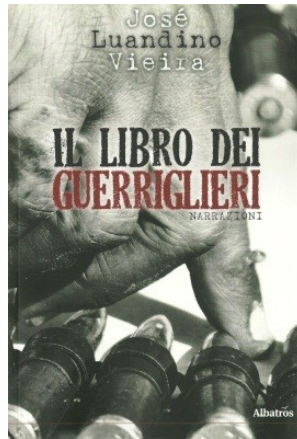
40. *O livro dos guerrilheiros: de rios velhos e guerrilheiros II* (romance; 2009)

Edições em Portugal:

Lisboa: Caminho, 2009.

Traduções:

*Il libro dei guerriglieri*. Traduzione di Daniele Petruccioli. Roma: Albatros, 2012.



41. *Kaputu Kinjila e o sócio dele Kambaxi Kiaxi: uma fábula angolana* (fábula; 2010)

Edições em Portugal:

Texto e ilustração de José Luandino Vieira. Leça da Palmeira: Letras & Coisas, 2010.

Edições no Brasil:

Ilustrações de Marília Pirilo. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

42. *Xingandele, o corvo de colarinho branco: uma fábula angolana* (fábula; 2011)

Edições em Portugal:

Texto e ilustração de José Luandino Vieira. Leça da Palmeira: Letras & Coisas, 2011.

43. *Oyita ya edike amvula ni manyanga amatuta* (2012)

Edições em Angola:

Luanda: Instituto Nacional das Indústrias Culturais, 2012.

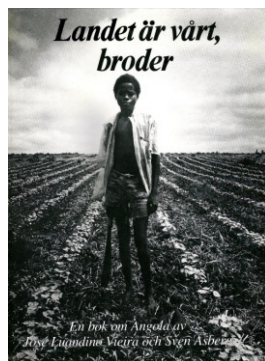
44. *Dimandondo, o morcego dos três nomes: uma fábula angolana* (fábula; 2013)

Edições em Portugal:

Texto e ilustração de José Luandino Vieira. Leça da Palmeira: Letras & Coisas, 2013.

## II. Outros textos

1. *Landet är vårt, broder*. En bok om Angola av Sven Åsberg (bild) och José Luandino Vieira (text). [Irmão, a terra é nossa. Um livro sobre Angola por Sven Åsberg (imagens) e José Luandino Vieira (texto).] La-holm: Fyra Förläggare, 1979.<sup>15</sup>



<sup>15</sup> O livro inclui fotografias a preto e branco feitas em Angola por Sven Åsberg, em 1978, durante a recolha de material para a realização de um filme para a TV2, da Suécia. Quando José Luandino Vieira, que tinha sido diretor da televisão angolana, se deslocou à Escandinávia para acompanhar a fase final do vídeo, a jornalista e tradutora Elisabeth Hedborg fez-lhe uma longa entrevista, aproveitada no livro como uma espécie de comentário sobre as imagens de Åsberg.

## II. Traduções

1. Richard Rive – «No sítio que acaba o arco-íris»

Edições em Angola:

*ABC – diário de Angola*. Luanda. 10-I-1964, p. 3.

2. Nicolás Guillén – «Sabás»

Edições em Angola:

*ABC – diário de Angola*. Luanda. 9-X-1964, p. 3.

3. Anthony Burgess – *A laranja mecânica*. Tradução de José Luandino Vieira.

Edições em Portugal:

Lisboa: Edições 70, 1974.

Lisboa: Edições 70, 1991.

## III. Prefácios

1. Boaventura Cardoso – *Maior, mês de Maria*. Pref. de José Luandino Vieira. Porto: Campo das Letras, 1997.
2. Maria Celestina Fernandes – *A árvore dos gingongos*. Pref. de José Luandino Vieira. Lisboa: Margem, 1993.
3. Tchikakata Balundu – *O feitiço da rama de abóbora*. Pref. de José Luandino Vieira. Porto: Campo das Letras, 1996.









O Morcego parou de comer a goiaba, respondeu:  
– Ih! Imposto? Vão dizer no vosso chefe não pago imposto. Vivo na minha terra, não sou animal para lhe pagar imposto. Já viram?! Um como eu, de asas e tudo, ando no ar, não piso o caminho e ele quer me cobrar imposto? Voltem, não pago. Sou pássaro!

